SEBASTIÃO SAMPAIO
EMBAIXADOR DO BRASIL

# O BRASIL
# E
# O CAFÉ EM 1952

Inquérito feito sob os auspícios do Bureau Panamericano de Café de Nova York e abrangendo tôdas as zonas cafeeiras do Brasil — Visitados detalhadamente os cinco Estados grandes produtores.

RIO DE JANEIRO — 1952

SEBASTIÃO SAMPAIO

EMBAIXADOR DO BRASIL
Membro da Academia de Ciências Econômicas da Argentina,
Presidente Honorário da American Brazilian Association de Nova York,
Membro da Academia de História do México,
Membro Honorário da Panamerican Society of the United States
Membro titular da Sociedade Brasileira de Direito Internacional.

# O BRASIL E O CAFÉ EM 1952

O autor deste Estudo acaba de ser nomeado Secretário Geral Executivo do Congresso Mundial de Café e da Exposição Cafeeira Internacional, que serão realisados em Curitiba, em Dezembro de 1953, comemorando o Primeiro Centenário do Estado do Paraná; e terá prazer em corresponder-se com todos os interessados, nacionais e estrangeiros, naquelas duas grandes realizações. Escrever para Embaixador Sebastião Sampaio, Balcão do «Jornal do Commercio», Avenida Rio Branco, 117 — Rio.

Jornal do Commercio — Rodrigues & C. — Av. Rio Branco, 117 — Rio de Janeiro — 1952

## Como já foi recebido êste Estudo

Êste Estudo-Inquérito foi primeiramente publicado em artigos no "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro. Enviei êsses artigos a altas personalidades brasileiras mais interessadas no assunto. Recebi inúmeras respostas, nas quais, embora cheias de generosidade, encontrei motivos para editar êste trabalho em livro. Não me seria fácil, à hora em que corrijo as últimas provas dêste volume, incluir aqui tôdas aquelas cartas recebidas. Como homenagem, porém, e de agradecimento, a todos os ilustres leitores que assim já se corresponderam comigo, transcreverei a seguir duas cartas, uma do Senhor Doutor Lucas Nogueira Garcez, Governador do Estado de São Paulo, e outra do Senhor Doutor Jones dos Santos Neves, Governador do Estado do Espírito Santo; e dois telegramas, um do Senhor Doutor Bento Munhoz da Rocha, Governador do Estado do Paraná, e outro do Senhor Doutor Juscelino Kubitschek, Governador do Estado de Minas Gerais, êste último sugerindo a divulgação dêste Estudo.

A carta de Sua Ex. o Sr. Governador do Estado de São Paulo é a seguinte:

"Gabinete do Governador do Estado de São Paulo. São Paulo, 14 de Junho de 1952. Exmo. Sr. Embaixador Sebastião Sampaio. Recebi com grande prazer sua carta de 1.° do corrente, com qual teve a gentileza de me enviar os exemplares do "Jornal do Commercio", onde vem publicado o seu inquérito sôbre o café do Brasil em 1952.

Li com o maior interêsse o seu trabalho, que focaliza, muito oportunamente, a atual situação do nosso ouro verde, de sua cultura, o que vem sendo feito e o que se deve fazer para vencer a batalha da produção e da produtividade. São observações vivas e acertadas de um conhecedor da matéria, expostas com clareza, cujas conclusões merecem ponderação.

Agradeço-lhe a atenção da remessa de sua reportagem e bem assim as div[illegible] e elogiosas referências feitas a mim e ao meu Estado.

Subscrevo-me com tôda a consideração e muito cordialmente, (a) *Lucas Nogueira Garcez*".

A carta de Sua Ex. o Sr. Governador do Estado do Espírito Santo é a seguinte:

"Ilustre patrício e amigo, Embaixador Sebastião Sampaio. Aproveitando o último fim de semana, tive o grande prazer de ler os recortes que eu havia colecionado, extraídos do "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro, do magistral relatório que o eminente Amigo julgou do seu dever publicar, com as minuciosas e variadas observações feitas na excursão-inquérito que realizou recentemente, examinando a situação cafeeira do Brasil.

Concluida a leitura, não me posso furtar ao grato dever de vir trazer-lhe, por escrito, o meu decidido aplauso pela maneira realmente brilhante como se desincumbiu da espinhosa missão, deixando a todos os que se interessam pelo assunto, ao lado da visão geral dos problemas cafeeiros nas várias Unidades da Federação produtoras, seguro roteiro para a solução de dificuldades da mais alta importância nesse campo.

Conforme tive oportunidade de dzer, em carta que lhe escrevi anteriormente, não tenho dúvidas que investigações pormenorizadas sôbre a produção cafeeira no nosso país e nos demais países que trabalham com o produto, tal como a pretendida pelo Bureau Pan Americano de Café, terão, forçosamente, de resultar em melhor orientação e coordenação dos planos, não só quanto ao trabalho dos produtores, mas, igualmente, em proveito dos consumidores e intermediários. Se assim pensava antes de ler o seu relatório, reforçada me fica a convicção, agora que pude sentir, em tôda a sua plenitude, o que pode resultar de útil de um exame objetivo e profundo como o que foi realizado pelo eminente amigo.

Agradeço-lhe, muito penhorado, a generosidade das suas referências ao Espírito Santo e ao seu Governador, que constituem valioso estímulo para quem, embora despido de ilusões, consagra o seu diuturno esfôrço ao progresso do Estado.

Congratulando-me, pois, com o eminente amigo pelo magnífico trabalho realizado, aproveito a oportunidade para renovar-lhe a segurança do meu elevado aprêço e distinta consideração. (a) *Jones dos Santos Neves,* Governador do Estado."

O telegrama de Sua Ex. o Sr. Governador do Estado do Paraná é o seguinte:

"Cumprimento cordialmente meu ilustre Amigo e acuso recebimento de seu estudo sôbre o café, onde se encontram as suas qualidades de cultura e claro domínio do assunto. — *Munhoz da Rocha.*"

O telegrama de Sua Ex. o Sr. Governador do Estado de Minas Gerais é o seguinte:

"Li atenciosamente brilhante trabalho que focalisa todos seus aspectos situação atual café, e felicitando-o, creio máximo interêsse sua divulgação. Cordial abraço. — *Juscelino Kubitschek.*"

Aproveitando esta informação de última hora, antes da impressão dêste livro, quero regosijar-me com o Brasil pelos primeiros resultados do Apêlo de Sua Excelência o Senhor Doutor Getulio Vargas, Presidente da República, pelo Rádio, a 8 de Abril último, pregando a Batalha da Produção Agrícola em nosso país. Como se verá nos capítulos dêste livro, já respondeu imediatamente a êsse apêlo o Ministério da Agricultura, com acertadas providências de S. Ex. o Senhor Ministro João Cleofas, facilitando a importação em grande escala de tratores agrícolas e adubos químicos; e também o fizeram os Senhores Governadores dos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Estado do Rio, Paraná e Espírito Santo, com várias e importantes medidas para a emergência. E além da propaganda da imprensa em todo o país, também auxiliando e estimulando a iniciativa de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, cumpre destacar a brilhante campanha desenvolvida no mesmo sentido, no Senado Federal, por Sua Ex. o Sr. Senador Assis Chateaubriand; e ainda o trabalho já iniciado respectivamente pelos Governos de São Paulo e do Paraná, para a realização de três grandes certames agrícolas internacionais: o Congresso Internacional de Agronomia no IV Centenário de São Paulo, em 1954, e a Exposição e Congresso Mundiais de Café de Curitiba, em 1953, no Centenário do Estado do Paraná.

## Como foi feito êste Inquérito

•

Êste meu inquérito sôbre a *Situação do Café no Brasil em 1952* é o resultado de uma viagem de observação e estudo que fiz, de 28 de Janeiro a 22 de Março dêste ano, pelos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Espírito Santo, visitando não só as suas Capitais, os seus Portos, as suas vias férreas, as suas rodovias, os seus institutos agronômicos, as suas associações de agricultura, mas também, e principalmente, as suas variadas zonas cafeeiras, incluindo no meu exame os cafezais novos e velhos em produção, os cafezais novos ainda em crescimento ou formação, os cafezais velhos que estão sendo recuperados e as plantações eliminadas ou em completa decadência.

Pude fazer esta viagem com tôdas as facilidades oficiais e possíveis, graças à honra de um convite que recebi do Bureau Panamericano de Café de Nova York, em nome do seu ativo Conselho Diretor, e pelo seu digno Presidente, Sr. Embaixador Walder Sarmanho, meu prezado amigo e colega, Delegado do Brasil naquela organização. Fui desta forma convidado para dirigir uma viagem de estudos exatamente neste sentido, e orientar meu companheiro de excursão, o Senhor Charles Furcolowe, ilustrado membro da empreza de relações públicas Selvage & Lee, de Nova York, encarregada da publicidade daquêle Bureau Panamericano. O Sr. Furcolowe fez a sua viagem e os seus estudos como um técnico de publicidade sôbre o café; as suas observações serão aproveitadas nos Estados Unidos, não só para o serviço atual de propaganda e informações sôbre o nosso produto, mas também para enriquecerem o arquivo do Bureau com os novos dados sôbre a nossa cafeicultura. Eu, também, por minha vez, entreguei àquêle Bureau novayorquino o meu relatório pessoal sôbre a excursão.

Ficou entendido que eu publicaria êste meu estudo no Brasil. Se não me engano, na história de nosso café, êste é o primeiro estudo conjunto sôbre a situação do produto em tôdas as zonas cafeeiras do Brasil, e em seguida a uma excursão por todas elas. O Bureau de Café de Nova York reconheceu que não seria justo recusar ao Brasil a leitura de um trabalho como êste, principalmente aos Cafeicultores e às Autoridades do Brasil que tornaram possível, com a sua preciosa colaboração e gentil hospitalidade, a organização dêste inquérito.

Quero acentuar que não tenho ilusões sôbre êste trabalho. Trata-se de um ensaio sôbre matéria da mais grave responsabilidade, naturalmente cheio de imperfeições, mas feito por um velho diplomata que sempre praticou a diplomacia econômica, com anos de experiência no assunto; e, além de diplomata, velho jornalista, que foi sempre honesto e cuidadoso nas suas observações, e que, como Embaixador, sempre se considerou um Reporter emprestado à diplomacia de seu país.

No sector cafeeiro do Brasil, honro-me de haver sido um antecessor de profissionais com o valor dos Senhores Eurico Penteado e Teófilo de Andrade, três delegados que fomos do nosso maior produto nos Estados Unidos; e que todos três vemos hoje, como um sucessor digno e capaz, o Senhor Embaixador Walder Sarmanho. Ao Senhor Eurico Pentetdo, devo a generosa declaração de que, como fui Cônsul Geral do Brasil em Nova York por oito anos, não era necessário ser outro o Delegado do nosso Café naquêle país. Do Senhor Teófilo de Andrade tenho cartas cheias de igual generosidade, a respeito da maneira como servi às relações cafeeiras brasileiro-americanas. E do Senhor Walder Sarmanho recebi a comissão honrosa de que agora me desempenho. Que todo êste estímulo possa explicar a disposição com que aceitei a obrigação de escrever êste ensaio, de fazer esta reportagem. E que o leitor perdôe à alegria de minha brasilidade mais um detalhe: o prazer especial com que realizou êste inquérito um filho de fazendeiro, que nasceu entre os cafeeiros da *terra rôxa* de São Paulo.

# Como os Estados cafeeiros e os Cafeicultores do Brasil receberam a visita do Bureau de Café de Nova York

Antes de entrar nos assuntos concretos deste Inquerito, quero acentuar preliminarmente que, além dos seus resultados de ordem geral, foi êle iniciativa que creou uma nova e proveitosa fase nas relações entre o Bureau Panamericano do Café de Nova York e os cafeicultores dos Estados Brasileiros produtores e seus respectivos Governos. Iiniciativa do Presidente e do Conselho Diretor do Bureau novayorquino, merecem eles as melhores felicitações pelo exito da empresa.

Como primeiro resultado dêste Inquérito, o grande sucesso de sua simples realização compensou desde logo o exaustivo trabalho que ele custou; e o nobre fim que teve em vista o Conselho Executivo do Bureau, determinando esta investigação, foi não só completamente atingido, mas também excedido, com inúmeras vantagens para o instituto de Nova York e para o problema interamericano do nosso Café.

O Govêrno Federal do Brasil, os Govêrnos Estaduais de São Paulo, do Paraná, de Minas Gerais, do Estado do Rio e de Espirito Santo; as Associações de Produtores e de Exportadores daqueles cinco Estados; os Fazendeiros, os Sitiantes, os Exportadores de toda a Cafeicultura do Brasil compreenderam perfeitamente o desejo do Conselho Executivo do Bureau de Nova York, de estabelecer com todos eles, pela primeira vez no caso, um contato direto e intimo. Um contato que era uma viagem de investigação de interesse reciproco, mas que também pretendia ser, e foi integralmente, uma visita de amizade e de cortezia. Pela primeira vez os Cafeicultores do Brasil, os que pagam a respeitavel parcela brasileira da publicidade e defesa do Café interamericano em Nova York, parcela proporcional à nossa produção, — receberam a visita dos representantes da organização novayorquina exatamente encarregada da utilisação daquele dinheiro, daquela contribuição.

Com a minha experiência em todo este assunto, e conhecendo bem as zonas cafeeiras de minha terra, conhecendo-as como filho de fazendeiro que cresceu numa fazenda de café, — quero agora que terminou o Inquérito, dizer ao Senhor Presidente do Bureau e ao seu Conselho Executivo que podem ficar mais que satisfeitos com o sucesso completo da iniciativa que tiveram. Realisaram uma primeira aproximação prática e construtiva entre as centenas de milhares de agricultores brasileiros, contribuintes do Bureau, e os membros diretores desse mesmo Bureau, os que defendem e trabalham pelos seus interesses no pais que bebe mais café que o resto do mundo inteiro reunido.

Os homens do café do Brasil receberam-nos, como representantes do Bureau, de braços abertos; mostraram-nos os livros da receita e despesza de suas fazendas, com os seus longos anos deficitários; deram-nos para exame as provas das suas despesas do custo da produção, e chegaram mesmo a sugerir que entrevistassemos, como entrevistamos, os seus colaboradores e os seus colonos; exibiram-nos as faturas e recibos dos seus serviços de adubação e de irrigação de seus cafezais, de extinção ou combate à bróca e outras pragas cafeeiras. Vimos quanto lhes custam, numa elevação crescente de preços, os seus tratores e *jeeps*, as demais máquinas agrícolas, os fertilizantes, tudo adquirido quase sempre nos Estados Unidos, com o resultado do café vendido a um dólar de dezoito cruzeiros e meio, mas quase tudo comprado pràticamente a um dólar de trinta a trinta e cinco cruzeiros.

Em cada visita nos campos, em cada visita nas cidades, os almoços e jantares com que nos recebiam transformavam-se em *Mesas Redondas*, tanto em São Paulo, como no Paraná, Minas, Rio e Espírito Santo. Ouviamos, perguntavamos muito, mas tinhamos que falar e que responder também, e sobre todos os problemas. E nas inumeras cartas que recebi depois no

Rio, como sucedeu nos discursos e nas *Mesas Redondas* em que tomavamos parte, encontrei sempre duas declarações, dois pedidos sempre repetidos. Um, para que agradecessemos aos *leaders* do Bureau de Nova York esta visita que os confortava tanto, dando-lhes a impressão de que tinham efetivamente um Bureau que não os esquecia, em Nova York; e o outro pedido, franca expressão de um voto — para que o Bureau não interrompesse o contacto construtivo desta visita, para que o tornasse permanente, a fim de periodicamente poder ouvir o ponto de vista deles e receber notícias diretas dos Cafeicultores do Brasil.

# Êste Inquérito e a Batalha da Produção do Senhor Presidente da República

Algumas horas antes da Mensagem que o Senhor Presidente Getulio Vargas dirijiu pelo Radio, a 8 de Abril corrente, ao Povo Brasileiro impressionante apêlo para que todos colaboremos com o govêrno no que a imprensa chama a *Batalha da Produção,* — algumas horas antes repito, eu sem saber justificava já essa oportuna e urgente iniciativa do nosso Chefe de Estado, numa sintese das impressões dêste Inquérito, que enviei reservadamente ao Senhor Delegado do Café Brasileiro em Nova York.

Até a impressionante Mensagem Presidencial, não me julgava com direito de tratar o assunto em público. Com o seu apêlo, porém, o Chefe da Nação, com um louvavel espirito prático e a sua autoridade para faze-lo, decidiu romper absolutamente quaisquer reservas no assunto, e falou a verdade, a verdade inteira a todo o pais. Proclamou com razão que atravessamos a maior crise de decadência de produção agrícola que já sofremos na nossa história economica; crise dupla, alarmante não só quanto aos artigos de nossa exportação, produtores quasi exclusivos das divisas que nos compram os combustiveis, o trigo, a maquinaria agricola e industrial e garantem nossa vida nacional e internacional, mas igualmente alarmante, e com perigo imediato, quanto aos próprios produtos alimenticios de primeira necessidade para o consumo interno.

Sigo o exemplo construtivo de franqueza civica do Sr. Presidente da República, e reproduzo a seguir, nêste capitulo, o principal do que eu comuniquei ao Sr. Delegado do Café Brasileiro em Nova York, sintetisando as impressões a que cheguei neste Inquérito:

"Volto desta longa excursão, sessenta dias, milhares de quilômetros por avião, via férrea e automovel, visitas a cafezais, cidades e portos, São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Estado do Rio, Espirito Santo, — com a minha brasilidade seriamente alarmada. Encontrei mais de 60 % das terras que produzem o nosso Café, o Ouro, as "Cambiais" do Brasil, praticamente exhaustas, vitimas de uma lavoura primitiva, empirica, puramente extrativa, a roubar-lhes toda a sua fertilidade, e o que é ainda mais, com a erosão multiplicando êsse roubo de maneira calamitosa."

"Volto convencido de que, se não fôr tomada uma providência *imediata* e *definitiva*, — daqui a 20 anos, num cálculo conservador, talvez mesmo daqui a 15 anos, a nossa cultura de café, toda a Agricultura do Brasil encontrará a sua ruina."

Justamente neste ponto da minha sintese, eu exprimia o meu voto para que o Chefe da Nação usasse de todo o seu prestigio oficial e pessoal, com o fim do Brasil tomar aquela providência *imediata e definitiva,* ação *nacional* do *Povo* conjugado com o Govêrno, em favor do *reerguimento* da lavoura cafeeira e da *conservação* e *recuperação do solo* em geral. E em seguida eu continuava assim:

"Os Fazendeiros do Brasil viram como todo o mundo que os preços do nosso café subiram nos últimos três anos, mas asseguram que não são exagerados; depois de longos anos pràticamente deficitários, explicam que esses preços apenas começam a ser remuneradores. São esses preços que vão permitir as benfeitorias, a adubação, o despolpamento, o combate às pragas cafeeiras, todo o moderno aparelhamento agricola que os fazendeiros de São Paulo estão introduzindo em suas propriedades. São êles que permitirão a Minas e ao Espirito Santo, nas suas terras tão fatigadas quanto as de São Paulo, imitar desde logo o inicio de modernização da cafeicultura paulista. São eles que farão o Paraná seguir também, sem demora, o mesmo caminho, verificando como tem verificado, que em parte de suas plantações ao Norte do Estado já estão aparecendo sinais de decadência, por falta de uma devida cultura agricola."

Não inclui neste detalhe as zonas cafeeiras do Estado do Rio porque a excepcional decadência dessas plantações exige informações especiais num capitulo a parte, especialmente quanto ao denodado esforço dos fluminenses,

tentando salvar a sua cafeicultura em plena agonia.

Continuei, ainda, desta forma aquela síntese:

"Não fossem a recente alta de preços. desde 1949, e as boas perspectivas de consumo mundial dos próximos anos, — os lavradores de café dos 5 grandes Estados produtores não teriam reagido como estão reagindo, com a coragem de não abandonar, e de reerguer uma lavoura que há tantos anos, afirmam, vem dando prejuizo. Agora mesmo, com os preços atuais, o lavrador paulista, com uma média de produção entre 26 e 30 arrobas por mil pés, oferece-nos seus livros para provar que ainda não recebe o lucro mínimo a que tem direito, e que apenas começa a racionalizar e modernizar os seus métodos de cultura."

## Apesar de tudo, tenho fé: o café do Brasil salvar-se-á e manterá sua posição

Agora que já acentuei neste Inquérito o perigo imenso que ameaça nosso produto *leader*, apresso-me a transmitir aos importadores do mundo inteiro, e especialmente aos dos Estados Unidos, minha certeza de que o c *do Brasil se salvará também desta crise*, e que esta crise *não afetará* o *seu fornecimen normal* aos mercados mundiais; e assim no país se manterá no futuro o que sempre t sido, o grande, o maior produtor no mun

Em um dos próximos capítulos deste tudo justificarei esta afirmação com fatos, gumentos e cifras tranquilisadoras. Nesta claração preliminar, quero apenas lembrar parágrafo final da minha síntese, a que refiro no capítulo anterior:

"Antes de concluir, quero repetir a min fé, que sempre tive, na capacidade dos mens do café do Brasil; e isto vale dizer — certeza que tenho de que esta nova crise eles atravessam, a mais grave que já sof ram até hoje, por maiores sacrifícios que exi *será também vencida*. E será vencida com maior brasilidade, com o reerguimento definiti da lavoura cafeeira, que estabelecerá a p meira etapa da refertilização de nossas ter exaustas pelo empirismo de uma agricultu simplesmente extrativa, e ainda a vitória i cial da luta indispensavel e também urgen contra a Erosão em todo o Brasil."

# A Batalha da Produção e da Produtividade

Como acabo de mostrar, voltei de minha excursão decidido a apelar para o Governo e para os meus patricios, numa campanha pelo reerguimento da lavoura cafeeira, combatendo a Erosão nas suas terras e procurando restaurar-lhes a fertilidade do solo, — e fui surpreendido, como todo o Brasil, pelo Apêlo Presidencial de 8 de Abril, em que o Chefe do Estado convoca todos os Brasileiros para uma Campanha Nacional pelo aumento da Produção Agro-Pecuária em geral, não só dos artigos de exportação como o Café, dos quais depende toda a existência normal do país, mas ainda dos artigos de alimentação de primeira necessidade, hoje numa decadência alarmante que ameaça a própria vida humana em nossa terra.

O Sr. Presidente da República, ao convocar os Brasileiros para essa Campanha, deu-lhe, também, e com razão, o nome de Batalha da Produção. Mas quem ler os detalhes do plano presidencial, verá que S. Exa. dividiu essa Batalha em dois tempos, em duas partes essenciais, que na propaganda desta Campanha precisam ser distinguidas, divulgadas e esclarecidas: a *Batalha da Produção,* a luta para "produzir mais", sem dúvida alguma; mas ao mesmo tempo, para tornar essa luta possivel e vitoriosa, — a *luta pela maior Produtividade das nossas terras,* a fim de que estas possam colaborar com os seus Agricultores e com o Govêrno, no projetado e indispensável aumento da Produção.

Quem ler todo o programa da Campanha Presidencial, repito, verifica que o Chefe da Nação não pensa de outra forma a este respeito, aparelhando o país para provocar a Produtividade numa luta evidentemente preparatória do grande esfôrço para "produzir mais".

Fazendo um Inquérito especial sôbre o Café, e tendo terminado a minha excursão, voltei ao Rio para denunciar numa reportagem, nesta reportagem, a perigosa decadência da nossa produção cafeeira. O Sr. Presidente da República naturalmente foi muito além do meu modestíssimo trabalho individual; S. Exa. denunciou publicamente, e com toda a sua autoridade a decadência alarmante de toda a produção agro-pecuária do Brasil, —e iniciou imediatamente uma Campanha Nacional para combatê-la.

Com a experiência de quem apenas regressa de visitar detalhadamente a maior cultura agricola do Brasil, — e isso nos cinco Estados seus maiores produtores, — poso prever como poucos na Capital do país a alegria confortadora que a palavra de esperança do Sr. Getulio Vargas levou aos lares desalentados dos Agricultores da nossa terra. Senti bem êsse desalento. Desalento causado pelo exôdo do trabalhador rural para os centros urbanos e industriais; pela ausência de transporte para os seus produtos; pela falta de crédito agricola que possa garantir preços minimos para suas colheitas e por tantos outros motivos dignos da melhor consideração; e demos graças a Deus, porque o programa de ação do Sr. Presidente da República inclúi na sua Campanha, medidas que se destinam a atender a tôdas essas necessidades fundamentais. Mas demos, também, graças a Deus, porque o Chefe da Nação igualmente acentuou no seu programa a necessidade igualmente indispensável e urgente de *lutar ao mesmo tempo* contra a decadência da produtividade das terras brasileiras. Tendo ainda em 1950 percorrido o país na sua campanha eleitoral, S. Exa. viu que nossas terras estão fatigadas, exaustas, devastadas por uma cultura empirica, meramente extrativa, sem adubação, sem a menor técnica agricola para facilitar e aumentar as colheitas, e ao mesmo tempo manter a fertilidade do sólo; viu que nossas terras estão *igualmente vitimas de mal ainda maior,* do mal da "Erosão", que lhes vêm corroendo e roubando com as *enxuradas* aquela camada superior do sólo, que não vai além de 30 centimetros, e que aqui e no mundo inteiro, é a garantia única da sua fertilidade.

O apêlo de 8 de Abril prova que o Chefe da Nação conhece bem a gravidade extrema da

"decadência da produtividade" de nosso sólo. Nessa Mensagem aos Brasileiros, *iniciou* a exposição do Plano de sua Campanha, clamando, antes de mais nada, pela "fixação do homem ao campo"; mas *logo depois* clamou, também, pela "melhoria das condições técnicas das culturas", *antes mesmo* das importantes providências que anuncia, de reformas dos nossos meios de Transporte e do nosso Crédito Agricola. Nesse Plano, são frequentes as suas referências à necessidade de larga distribuição e largo uso de adubos nas culturas, de tratores e mais maquinarias para a lavoura, de intensificação do ensino agrícola e da propaganda dos modernos métodos de cultura; e a reforma do Ministério da Agricultura é, sem dúvida, uma das maiores preocupações de S. Exa.

# A Erosão e a Conservação do Sólo no Brasil

Um inquérito sôbre a situação atual do café no Brasil, mais do que qualquer outro estudo sôbre qualquer outro produto agricola nacional, não poderia ser feito sem a devida investigação sôbre o assunto que serve de titulo a êste capitulo nesta reportagem. E como explicação inicial nesta matéria, avisarei que não vou tratar aqui da *Erosão Geológica* e do seu equilibrio com os agentes atmosféricos sob a superficie terrestre, "equilibrio estranho, mas natural e harmonioso, entre os agentes que formam e destroem os solos". Esta última observação é do Sr. F. M. Ayres de Alencar, agrônomo especialista em assuntos de Erosão, que continuando o seu comentário diz o que tentarei sintetizar em seguida:

"Êsse equilibrio existe apenas enquanto a Natureza trabalha espontâneamente, isto é, livre de qualquer interferência humana... Êsse equilibrio natural... erosão benéfica e construtiva... é sucetivel de romper-se, e assim acontecendo, tudo se transfigura, e sobrevem a ruina... A erosão se torna "dinâmica"... Passa a agir de maneira "acelerada"... Os sólos... de formação muitas vêzes milenar... são ràpidamente desgastados e arrastados... pelas enxurradas... para o fundo dos mares... ou postos em desordem, em montões imprestáveis nas planicies desertas... ou então nas costas maritimas... pela ação desenfreada do vento... Nos lugares onde foram formados os sólos, restam apenas os subsólos improdutivos... ou as rochas... em perene desagregação e transporte... *Todo êsse desastre* aqui descrito *se realiza quando* o *homem, numa imprevidência criminosa, derriba as florestas e retira a cobertura do sólo para cultivá-lo empiricamente,* sem o adubar, sem o uso dos métodos racionais de conservação."

Os grifos são meus e falam por si mesmos; e minhas, também, as reticências, que ajudam a resumir êste impressionante quadro vivo da "Erosão dinamica", da "Erosão acelerada". E' êste, exatamente, o *maior* dos fatores que vêm roubando a produtividade das terras brasileiras há vários decênios, desde o Século passado. E nesse quadro alarmante vem igualmente denunciada a maior das causas dessa Erosão acelerada que destróe o sólo do Brasil — a devastação das nossas florestas, a *queimada* das nossas matas para novas culturas, além do uso das mesmas como combustivel para nossas industrias e estradas de ferro. E neste ponto do meu Inquérito lembro que "toda" a *área cultivada* do Brasil de hoje, vitima em grande parte da *Erosão acelerada* que procura destrui-la, não passa ainda de 2,1%, repito dois virgula um por cento do total da *área geografica*, de toda a superficie de nosso pais, que é de 8.516.037 quilômetros quadrados. A nossa área cultivada de 2,1% é de 17.775.073 hectares; e dentro dessa área geral estão incluidos os 2.537.851 hectares nos quais, em 1949, era cultivado o nosso café. Mais outro numero oportuno aqui: a devastação de nossas matas também se explica com o fáto da lenha e do carvão vegetal ainda representarem 30%, trinta por cento, de toda a energia produzida em nossa terra. E meditemos agora na informação mais grave do Apêlo do Sr. Presidente da República, — a de que o nosso pais está consumindo em produtos agricolas muito *mais*, e cada vez *mais do que produz*.

Como se vê a adeantada destruição da produtividade do nosso sólo, obra da Erosão e da nossa lavoura empiricamente devastadora, está a restringir grandemente o significado, da Carta de Pero Vaz de Caminha, o primeiro *ufanista* do Brasil. *Plantando-se*, em nossas terras, já não se *dará* nelas *tudo*, pelo menos na quantidade necessária e esperada, — a não ser que a "re-fertilização" do sólo lhes restitua a "produtividade". E quanto ao "Plantando, dá' do cabôclo do nosso saudoso Monteiro Lobato, quero crer que já era uma resposta prudente, tentando amenisar a

violência otimista do Escrivão de Pedro Alves Cabral...

### A Erosão e a Conservação do Sólo nos Estados Unidos

A tragédia da Erosão não é um perigo de hoje ou apenas de ontem, e nem um monopólio brasileiro. E' um velho mal, e um perigo existente em toda a parte. Os Estados Unidos, que chegaram hoje ao maior sucesso agrícola na história do mundo, foram dos primeiros, no mundo civilisado que viram êsse mal; e com o seu espírito prático e dinâmico, detiveram o perigo iminente e continùam até hoje uma luta ao mesmo tempo defensiva e preventiva, que lhes assegura a atual idade de ouro de sua agricultura. E se o grande país irmão continúa cada vez mais alerta e previdente neste importante assunto, apesar de possuir em imensa quantidade sólos de primeira classe, como ensina Glycon de Paiva quanto à classificação pedalógica das terras no mundo, — o nosso país não poderá esquecer tal exemplo, principalmente porque nem siquer possuimos, como lembra Olympio Mourão Filho, os sólos de classificação pedocalcia em condições de figurar em primeiro plano, como as referidas terras norte-americanas.

George Washington em 1799, dias antes de sua morte, e Thomas Jefferson em 1817, escreveram interessantes cartas aconselhando métodos para combater os males da Erosão.

Ha cincoenta anos sómente, entretanto, o professor Nathaniel Sheler escrevia esta frase, que provocou o nascimento da Ciência da Conservação do Sólo:

"O homem e todas as formas de vida vivem do sol, das nuvens, do ar e da terra, atravez de uma pelicula — a camada superficial do sólo — *indispensável* e, se impropriamente tratada, *perecivel*".

E' ainda Ayres de Alencar que nos conta como, em 1905, um jovem geologo americano, Hugh Hammond Benett, descobriu cientificamente a "erosão laminar", observa pela primeira vez o processo do arrastamento da camada superficial do sólo pela enxurrada; camada essa que, como já disse aqui, não vai além de 30 centimetros, e que constitue, como fertilidade, o sólo propriamente dito. Por mais de trinta anos de propaganda intensa, Benett alertou os seus concidadãos, pregou a luta permanente contra a Erosão, e é hoje o diretor geral do Serviço da Conservação do Sólo dos Estados Unidos, que gasta anualmente nessa luta 400 milhões de dolares, incluídas a verba oficial orçamentaria e o capital particular.

### O que já se fez no Brasil contra a Erosão

Seria injustiça esquecer que já em 1939 o Brasil iniciava a sua campanha contra a Erosão, principalmente em São Paulo e em Minas, com vários Serviços de Conservação do Sólo, problema que também mereceu, ha dois anos, um substancioso discurso do Sr. Presidente Eurico Dutra.

E' uma luta relativamente recente, mas à qual a *Campanha Nacional* do Senhor Presidente Getulio Vargas póde dar um grande impulso, o impulso decisivo para repetirmos da melhor forma possivel no Brasil a campanha permanente dos Estados Unidos.

Programas de ação não nos faltam para esta luta, e todos elaborados na nossa terra, a maioria pelos cientistas de São Paulo, com detalhados estudos sobre os remédios urgentes e urgentes providências a tomar, entre outras: impedir que as enxurradas retirem a camada superficial do sólo, deixando apenas o sub-sólo improdutivo nas plantações; opôr às enxurradas o inimigo indicadissimo — a *vegetação*, as plantas de cobertura que reduzem os efeitos desastrosos da Erosão; adotar como fôr possivel em tôdas as plantações, as culturas em faixas, os cordões de contorno, todos os meios, enfim, para reduzir a impetuosidade das chuvas, e conservar as suas águas dentro dos campos de cultura; combater os "fazedores de desertos" que devastam as matas, e quase sempre sem necessidade, porque há vastas terras fatigadas que podem ser perfeitamente recuperadas com a técnica agricola moderna; conseguir, quando seja necessário derrubar uma floresta, que ao menos se conserve uma parte dela, como garantia da humidade necessária para as futuras culturas vizinhas, e sobretudo, abolir para sempre e em qualquer hipótese, a *queimada* selvagem, desnecessária inteiramente, devastadora e contraproducente em qualquer espécie de cultura; crear obrigatoriamente ou

pelo menos fomentar o replantio das florestas nas propriedades agricolas, facilitando e financiando arvores que dêem rápido lucro, produzindo celulose ou como lenha; a velha iniciativa brasileira das Festas das Arvores, principalmente nas Escolas, com o caráter educacional e civico, e com o prestigio estético que lhes deram Olavo Bilac e Coelho Netto; alem de vários outros meios igualmente recomendados e conhecidos.

### O Eucaliptus e o Ingazeiro na luta contra a Erosão

Na luta pela recuperação e pela manutenção da humidade, da fertilidade no nosso sólo, deveremos explorar o entrelaçamento de interesses econômicos que nos conduzam todos ao fim desejado, à vitória de interesse geral.

Sirva de exemplo o reflorestamento que acabo de lembrar, financiando o Governo a plantação de árvores que dêem rápido lucro, produzindo celulose ou lenha. No caso da celulose, salienta-se o exemplo do Eucaliptus, que merece detalhe. Quanto ao Ingazeiro, veremos mais adiante como essa árvore poderá colaborar decisivamente ao reerguimento da produção e da qualidade do nosso café, melhorando a sua cultura pelo "sombreamento" nas terras que sejam adequadas em nosso país; árvore que, concomitantemente, paga a sua própria cultura, como produtora de lenha.

Quanto ao Eucaliptus, que importámos da Australia no começo do século, São Paulo tem hoje grandes plantações, que começaram a ser usadas como combustivel para locomotivas a vapor de estradas de ferro, e que já estão se tornando matéria prima para a fabricação de celulose. Várias indústrias de celulose pretendem dessa forma evitar a importação da matéria prima estrangeira, que custa hoje mais de vinte milhões de dolares. Sobre este assunto, aproveito a seguinte informação de dias passados, das Indústrias Matarrazzo de São Paulo:

"Neste sector pertence-nos o primado do estudo e de uma primeira solução do problema da utilização do eucaliptus para a produção de celulose. Entrou recentemente em funcionamento no nosso conjunto industrial de São Caetano uma instalação para a fabricação de celulose de eucaliptus, mediante um processo elaborado nos nossos laboratórios e os primeiros resultados são auspiciosamente satisfatórios. Esta nossa instalação já está em condições de produzir 20 toneladas por dia.

O eucaliptus é indubitavelmente a matéria prima mais conveniênte para a fabricação de celulose no Brasil. O seu rendimento é, pode-se dizer, fenomenal: um hectare rende anualmente 45 metros cúbicos de lenha, enquanto que as madeiras de crescimento mais rápido na Europa rendem 4,5 metros cúbicos por hectare, por ano. Relação, pois, de 10 para 1. A solução deste problema é de alcance tal que os seus efeitos poderão no futuro projetar-se sobre tôda a economia nacional. O eucaliptus pode ser plantado em tôda parte no País pelo que, sem necessidade de procurar as matas, fábricas de celulose poderiam surgir em muitas regiões do País. Basta pensar na eventualidade de que o País possa tornar-se um dia exportador de celulose e que tal produto — que hoje onera de maneira notável a balança comercial do país — venha a constituir-se, em vez, uma importante fonte de formação de divisa."

E' justo recordar aqui o pioneiro do Eucaliptus em nossa terra, o saudoso Navarro de Andrade, com as suas grandes plantações aos lados dos trilhos da Companhia Paulista, que são annda hoje as plantações maiores do Brasil. Navarro deixou continuadores entusiastas, entre êles dois ilustres Paulistas, meus bons Amigos, o Senhor Dr. Fabio Prado e Dona Renata Crespi Prado. O ex-Prefeito que tão bem administrou São Paulo, a Cidade Dinâmica, além de plantar muitos Eucaliptus, promoveu quando Prefeito experiências cientificas de processos de cultura que aceleram o crescimento da árvore preciosa, experiências coroadas de êxito. E nesta minha Excursão pelas zonas cafeeiras de São Paulo, gozando da cativante hospitalidade daqueles nobres Amigos na sua esplêndida Fazenda de Santa Cruz, em Araras, certa manhã de chuva tempestuosa, ouvi um grande grito, voz feminina, que vinha do Terreiro da Fazenda. Abri minha janela no 1º andar: era a graciosa Fazendeira que lamentava a perda de uma árvore que a chuva e o vento vinham de derrubar — um belo exemplar dos muitos milheiros de Eucaliptus que cercam Santa Cruz, todos plantados sob sua direção pessoal, e por ela zelosamente vigiados. Que o exemplo de Dona Renata seja uma estimulo para os fazendeiros do Brasil.

**Recuperação das Terras, maior produção, perigos da Fome, Imigração . . .**

Ouvindo o Chefe da Nação lembrar que estamos consumindo mais do que produzimos: tendo visto na minha excursão que as nossas terras exaustas e erodidas estão produzindo cada vez menos, inclusive os alimentos de primeira necessidade, — numerosos problemas alarmantes enchem as minhas cogitações.

O Sr. Presidente da República tem razão. E o brasileiro do interior, o das zonas rurais, com quem venho de conviver, êsse já está comendo muito mal e cada vez menos. Nas fazendas das zonas cafeeiras, principalmente em São Paulo e no Paraná, os proprietários estão fazendo tudo para melhorar a situação; estão abatendo o seu gado, e fornecendo carne e leite com a redução de preço possível, certos de que é preciso proteger a saúde do colono e impedir por todos os meios o exodo rural. Entretanto, nas pequenas propriedades, nos sítios, com a decadência das terras e consequentemente da produção, as falhas na alimentação conveniente são cada vez maiores. As quase sempre teóricas 2.300 calorias mínimas, indispensáveis para a saúde normal de cada ente humano, afastam-se ali cada vez mais das possibilidades reais. O Govêrno Federal têm razão: chegou a hora de agir, e de agir imediatamente.

Está claro que a maioria dos brasileiros das cidades, êsses também são vítimas de uma alimentação cara e insuficiente.

Em todo o país, as estatísticas *per capita* dos alimentos não resistem a qualquer comparação. No último lustro, anualmente, o Norte-Americano consumiu 75 quilos de trigo, o argentino 150, o brasileiro 25; e quanto à carne, o argentino comeu 122 quilos, o norte-americano 67, o brasileiro 18 quilos. Entretanto, um economista com a autoridade do Sr. Pimentel Gomes, provou cabalmente num recente artigo para o "Correio da Manhã", que se o Ministério da Agricultura e as Secretarias Estaduais congêneres souberem agir, teremos num lustro ou em pouco mais cêrca de 70 milhões de bovinos melhorados, com um desfrute anual de 18%, e um pêso morto, por novilho de 240 quilos. Abateremos 12.600.000 bovinos por ano; produziremos 3.024.000 toneladas de carne, mais do duplo da produção atual. E o Sr. P. Gomes mostra, também, como poderemos aumentar a produção de leite.

Ao mesmo tempo sabemos que o Brasil pode voltar a produzir trigo suficiente para suas necessidades; e o próprio Sr. Presidente Getúlio Vargas, quando governou o seu Estado natal, multiplicou ali a produção de trigo em poucos anos.

O Brasil precisa agir, e agir imediatamente. A "Geopolítica da Fome", há poucos anos, era ainda literatura sociológica no mundo, era apenas um livro, o grito isolado de um cientista brasileiro, então quase desconhecido. Hoje o livro de Josué de Castro já foi lido e editado em numerosos idiomas, no mundo inteiro; descobriram no autor o mestre de uma sociologia profundamente humana, e os maiores homens de Estado de hoje, também descobriram as suas teorias. Ainda na semana passada, Harry Truman, o Presidente dos Estados Unidos, defendendo idéias semelhantes num discurso de grande bom senso, com que transformava aquela sociologia num problema objetivo para as democracias dignas dêste nome,acentuava o perigo, para o mundo livre, de um retardamento na solução dos problemas da saúde, da fome e da instrução das populações sub-desenvolvidas, cônscias dos seus direitos humanos.

Dentro do novo realismo com que estudamos agora os problemas mundiais, não nos assustam as novas doutrinas que vamos lendo e estudando. Há poucos dias, o Sr. Coronel Olympio Mourão Filho, num substancioso estudo, no "Jornal do Commercio", apresentava os mais sérios argumentos e as mais impressionantes estatísticas, para se opôr absolutamente, inteiramente e de modo especial nesta decadência da nossa produção agrícola, à entrada de imigrantes no Brasil. O autor aplica certamente as doutrinas do famoso livro de Vogt às condições do nosso país; poderá haver em rigor um certo pessimismo nesse estudo, mas é um trabalho feito com honestidade, e digno de tôda consideração. Com a mesma honestidade mental direi que não desejo ver o Brasil fechar suas portas à *imigração de qualidade*, agricultores e técnicos, imigração em número reduzido pelas próprias dificuldades da seleção; e que aceitaria uma certa reserva, pelo menos provisória, quanto à *imigração de quantidade*, nesta

momento perigoso de milhões de "deslocados de guerra", entre os quais outros países já fizeram hábil escolha. Sabendo que uma família de imigrante, média de 5 pessoas, nos fica no Brasil em 100.000 cruzeiros para sua instalação, talvez fôsse mais oportuno aplicar êsse dinheiro no problema do Nordestino que está chegando ao sul do país.

Todos êstes fatos estão a destacar um momento muito grave da nossa nacionalidade; e se venho, como tôda a nossa imprensa, reclamando para êle a ação urgente do nosso Govêrno, estou certo de que todos os bons brasileiros sentem, como eu, a nossa obrigação de cooperar cem por cento com o Chefe da Nação na sua Campanha Nacional, nas suas lutas pela produtividade e pela produção. E estou certo, igualmente, que na massa imensa dêsses bons brasileiros estarão todos os fazendeiros do Brasil.

No seu apêlo de 8 de Abril, o Sr. Presidente Getúlio Vargas fez aos agricultores da nossa terra um pedido justíssimo, que considero uma palavra de comando aos fazendeiros de todo o país. Eis o que disse o Chefe da Nação:

"Entre os nossos estabelecimentos agro-pecuários, apenas 60 mil estão registrados no Ministério da Agricultura. E' indispensável que todos se registrem, que todos forneçam os índices de suas necessidades, que todos peçam auxilio do Govêrno, que não lhes será negado."

O Sr. Presidente da República tem todo direito de fazer êste apêlo, e de ser atendido com tôda a urgência, principalmente comparando-se os exatamente *sessenta mil estabelecimentos agro-pecuários brasileiros,* até agora registrados no Ministério da Agricultura — com o "total" dos mesmos estabelecimentos agro-pecuários existentes em todo o país, que é hoje de 2.131.408, havendo na nossa terra, estatística de 1949, nada menos de 9.453.512 brasileiros, tendo como atividade principal a Agricultura. Evidentemente, se qualquer agricultor patrício agora avisado e solicitado, não cooperar com o Govêrno num *caso* como êste, de seu próprio interêsse pessoal; e *caso* que não chega a ser *caso*, bastando uma simples carta, registrando a sua propriedade, ao Sr. Ministro da Agricultura, — evidentemente que êsse agricultor cometerá uma falta gravíssima e dupla, contra si, sua Familia e seus colaboradores, e contra a própria Nação.

### Sejamos otimistas, mas agindo e "creando" o otimismo

Depois desta alarmante verificação da grave crise agricola, crise econômico-social que nossa geração tem de vencer neste momento, não nos esqueçamos, também, do extraordinário progresso do Brasil, que justamente nesta hora, mais que qualquer outro país, atrái a atenção e a curiosidade mundiais. Sejamos brasileiros dignos do tempo que nos tocou viver na nossa terra. Saibamos compreender que o Brasil está crescendo, crescendo para ingressar muito breve no grupo das grandes potências mundiais; que esta crise, apesar da sua gravidade, é apenas a nossa *crise de crescimento,* pois a crise da puberdade também existe na vida das Nações. E nesta crise, a batalha que vamos travar será facil: defender as nossas terras, não contra inimigos, mas contra nós mesmos; contra a maneira com que até hoje não soubemos cultivar devidamente o nosso solo e conservar a sua riqueza.

Govêrno e Povo, espero que saberemos servir o Brasil. No Brasil o homem e a terra saberão se entender para a Maior Produção. A terra poderá ser recuperada, depois de uma fadiga de sólo jovem, seguindo-se o exemplo das culturas milenarias da Europa, da Africa e da Asia.

Louis Bromfield, o grande novelista e um mestre dos fazendeiros modernos, vem de dizer em São Paulo que, depois da técnica agricola de nossos dias, não ha mais terras cansadas no mundo civilizado. Logo depois de dizer isso, Bromfield visitou a fazenda "Rio da Prata" do Sr. Carlos Aranha, em São Paulo, que era uma propriedade de terras cansadas, de quasi 200 anos de cultura. Com os recursos da propria fazenda e com a técnica agricola moderna, o Senhor Aranha conseguiu reerguer a sua propriedade, e torna-la fertilissima e prospera.

Comparando essa fazenda com a sua, a propriedade famosa e modelo que creou e dirige nos Estados Unidos, a "Malabar Farm", Louis Bromfield disse exatamente o seguinte, como informa o "Estado de São Paulo", e judiciosamente comentou Brasil Viana, no "O Globo" desta capital:

"'Não ha necessidade de ir aos Estados Unidos, à "Malabar Farm", para se ver como se deve executar um trabalho perfeito de restauração de terras esgotadas. Na fazenda "'Rio da Prata", do Sr. Carlos Aranha, executa-se orientação idêntica, obtendo-se resultados semelhantes. Em cada mil lavouras de algodão dos Estados Unidos, por exemplo, não se encontra mais de uma com desenvolvimento e carga igual à que se verifica na media dos algodoais dessa fazenda paulista. Considere-se que muitas dessas terras receberam o cultivo dessa fibra doze a quinze anos consecutivos. Em toda a minha viagem por diferentes países latino-americanos foi a Fazenda "Rio da Prata" a que mais me impressionou, e esta é a razão por que não quis partir sem visitá-la mais uma vez e discutir com o seu proprietario os diferentes problemas que dizem respeito à recuperação das terras ditas esgotadas".

Essa verificação do ilustre Mestre da verdadeira Agricultura é um atestado da nossa capacidade para vencer na Campanha Nacional que vamos iniciar.

Nossas teras já produziram muito e continuarão assim para o futuro. Assim será, porque assim queremos que seja. Atravessamos uma nova civilização agraria que desafia a nossa inteligencia e a nossa brasilidade. Foi ainda o Sr. Pimentel Gomes que, enquanto eu viajava pelos cafezais do Brasil, num de seus ultimos estudos econômicos, intitulado "'O aproveitamento dos desertos", detalhava como a ONU está promovendo com grande sucesso o aproveitamento sistemático dos grandes desertos. Tenho que sintetisar a narrativa interessante, muito eloquente para o nosso governo e para o Agricultor do Brasil. Geologos, agrônomos, economistas, engenheiros em geral, percorrem, investigam, localisam-se nos desertos da Arábia, da Asia menor e da Persia. Buscam petróleo, ferro, carvão, outros minerios. Grande surpresas nas investigações. Descobrem água em inumeros pontos, lençóes subterrâneos, póços fundos, aproveitamento dos pequenos rios periodicos, formando com suas águas novos oasis permanentes. Estradas carroçaveis, longos percursos, com os caminhões automoveis substituindo os camêlos e os dromedários. No Egito, o Nilo fornecendo água e eletricidade para a conquista já garantida de oito mil quilometros quadrados de terra atualmente inteiramente esteril. Na sua zona arida e até agora improdutiva os Egipcios começam a colher, por hectare, 1.600 litros de a zeite de oliva por ano. Uma estrada de ferro em pleno deserto liga hoje Dhahrar, porto do Golfo Pérsico, a Ryadh, capital da Arabia Saudita, mais de 400 quilometros...

Precisaremos os Brasileiros de maior exemplo, de mais vivo estimulo?

### A Erosão e o Café no Brasil

Poderá parecer ao leitor pouco afeito aos assuntos de nossa Agricultura que não estou tratando muito do nosso Café, neste meu Inquerito especializado sobre ele. E' um engano. A investigação cientifica sobre a Erosão em nosso país, e a constatação pratica do nosso erro imenso de não ter feito agricultura propriamente dita, mas uma pura e simples industria extrativa de produtos agricolas, e isso roubando á terra o *humus* e os sáis minerais, — foram, investigação e constatação, dois grandes serviços prestados ao Brasil justamente pela nossa Cafeicultura, e de modo especial pela Cafeicultura de São Paulo. Isto quer dizer que o Café foi a primeira vitima que no Brasil protestou e agiu contra aqueles dois grandes males nacionais.

Mas ha mais. O Café não foi apenas a primeira vitima a protestar e a agir no caso. *Foi e é a maior das vitimas*. Sem duvida que as Sêcas do Nordeste são um grande problema, mas um grande problema à parte. E' um velho mal; não é um mal causado pela Erosão dos ultimos cincoenta anos, que é responsavel pela decadencia atúal da nossa produção agrícola, e especialmente do Café.

Já em Outubro de 1942, o Sr. José Estevam Teixeira Mendes, hoje muito digno Chefe do Serviço do Café no Instituto Agronomico de Campinas, escrevia o seguinte:

"Enorme massa de cafezais existe no nosso Estado, absolutamente desprotegida contra a Erosão. Esta tem sido a *maior* causadora do deperecimento de grande parte de nossas lavouras".

Outro agronomo de São Paulo, Assistente da Seção de Combate à Erosão nos Serviços de Café daquele Estado, o Sr. H. V. de Camargo Bitencourt, forneceu num longo e detalhado estudo a seguinte elucidativa informação:

"Um detido exame dos cafezais decadentes do Estado de S. Paulo, mostra claramente a responsabilidade que, neste particular, cabe à erosão, pois o exgotamento é tanto mais rápido quanto mais suscetível à erosão é o solo onde eles se encontram.

Nas terras arenosas da formação Baurú — Zona Araraquarense, Noroeste e Alta Paulista —, já se tornou patente a efêmera produtividade da planta.

*Ao contrário*, a despeito das péssimas condições topográficas, é de se ressaltar a boa produtividade que têm mantido as culturas estabelecidas em terras tipos massapé, de formação arqueana.

Nos solos salmourão, a erosão tem sido muito mais ativa e, consequentemente, mais acelerada a decadência.

Nas terras roxas, o cafeeiro tem conservado boa produtividade por longos anos.

O que acima ficou explicado, vem corroborar a afirmativa de que a produtividade do cafeeiro e, portanto, a sua estabilidade econômica, apresenta-se como função principal ou então muito correlata à resistência do solo à erosão".

Apresentando este estudo em folheto, os ilustrados Senhores Dr. Siqueira Campos, diretor geral da Superintendência dos Serviços de Café de São Paulo, e seu digno colaborador Dr. José Testa, fizeram as seguintes declarações, aqui muito oportunas:

"Com o recrudescimento, agora, da campanha contra a erosão dos nossos solos agrícolas, tem-se às vezes a impressão de que ela é recente.

Sabe-se, todavia, que já vêm de longe as primeiras idéias e mesmo as primeiras tentativas de adotar, na prática, a defêsa do solo.

Somente de uns dez anos a esta parte, entretanto, vem o assunto merecendo uma explanação teórica mais constante e uma aplicação prática mais efetiva.

O folheto do Dr. Helio Viégas de Camargo Bittencourt, que ora reeditamos, e que fora publicado em artigos nas páginas do Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, é um dêsses trabalhos de maior objetividade, que, ao lado dos de Cuba de Souza, Labieno Jobim e outros, muito contribuiu para despertar o interêsse, que ora se generaliza, em tôrno do problema."

# O Café apressará a vitória da Batalha da Produção

Para quem regressa de estudar, como eu, os cinco Estados grandes produtores do nosso Café, não é preciso ser profeta para prever que o exito da luta pela Produtividade e a vitoria da batalha pela Maior Produção vão ser facilitadas e apressadas pela colaboração eficiente da nossa Cafeicultura, e isso devido paradoxalmente ao fato de ser o café um dos nossos grandes produtos que precisam ser auxiliados pela anunciada Campanha Nacional.

Está claro que essa Campanha, a Campanha da Produção começará concomitantemente em todo o Brasil. Está, também, entendido que a nova luta não inclue a batalha das Sêcas do Nordeste, grande batalha à parte, iniciada desde muitos anos, e que agora já recrudesceu, como um esforço de emergência, desde o inicio do atual exodo dos pobres Nordestinos, que estão invadindo São Paulo, o Paraná e a capital do país. Mas na luta, entretanto, agora iniciada para *Maior Produção* no pais, *os cinco grandes Estados Cafeeiros, e principalmente São Paulo, são as unidades da Federação* mais bem *aparelhadas* para o prélio, e *que oferecem* o mais oportuno conjunto de *circunstâncias favoraveis* e *garantidoras do mais rapido sucesso* possivel.

Si estudarmos em sintese os motivos porque os objetivos da Batalha da Produção poderão ser mais facil e mais rapidamente atingidos nos cinco Estados grandes produtores de Café, veremos, tambem, que *os resultados da Campanha nessa zona brasileira, principalmente os que serão colhidos em São Paulo, auxiliarão grandemente as demais unidades da Federação no aumento da Produção em geral em todas as terras do Brasil.*

Esses motivos são inúmeros; darei a seguir uma idéia de alguns:

1.º — O Chefe da Nação julga com razão ser urgentissima a Campanha para aumentar a Produção, e certamente não vai esperar para iniciá-la, que se discuta e vóte no Congresso, e se execute a Reforma, que projeta, no Ministério da Agricultura. Sua Ex. tem à frente dêsse Ministério um homem inteligente e culto, e um Agricultor abalisado, o Sr. João Cleofas, que naturalmente, começando imediatamente a execução do Plano Presidencial, pedirá a colaborasão e a cooperação imediatas e integrais das Secretarias de Agricultura de todos os Govêrnos Estaduais do país. Ora nós todos sabemos que, não esquecendo o Rio Grande do Sul quanto aos cereais e Pernambuco quanto a algumas culturas, — São Paulo, Minas e Paraná concentram nas suas Secretarias dos serviços agricolas o nosso melhor aparelhamento oficial em matéria de produção de café, de algodão e de todos os cereais do Brasil.

2.º — Naturalmente que, em qualquer situação e em qualquer hipótese, o Ministério da Agricultura teria de pedir o concurso das Secretarías estaduais, e não poderia nunca chegar a um resultado prático e urgente para fazer o Brasil produzir mais, sem trabalhar na maior identidade de vistas com as mesmas. O segrêdo da vitória numa luta como a que vamos travar estará, nunca nas ordens exclusivistas de comando, mas *no espirito moderno de equipe*, sem o que hoje nada se executa no mundo. Lembremo-nos agora de que a situação atual do Ministério da Agricultura é de quasi completa ineficiência para o grande trabalho que se anuncia, com falta de pessoal e de material, e com uma verba tão ridiculamente pequena que absolveria os devotados funcionários desse Ministério, se se tivessem limitado, hoje, a uma burocracia inútil. Ora nós todos sabemos que as Secretarias de Agricultura já citadas são instituições vivas, dinâmicas, inteiramente preparadas para ajudarem o Chefe da Nação e o seu Ministro da Agricultura no grande e patriótico empreendimento.

3.º — Tenho prazer em informar que já verifiquei que os especialistas do Ministério

da Agricultura hoje dirigindo os seus diversos Serviços não deixaram que se apagasse o fogo sagrado, a nobre tradição daquela casa; e que, logo que tenham verbas suficientes, não tenho dúvida, seguirão o exemplo de seus melhores antecessores, e serão lutadores utilíssimos na batalha a empreender. Detalho esta explicação para não parecer que sou injusto. Mas para dar apenas um exemplo de detalhe sôbre a impossibilidade de *ação imediata* daquêle Ministério na nossa Campanha, informo ter verificado que o seu atual Serviço Técnico de Café, do Café do nosso Brasil, tem apenas *dois* funcionários, aliás muito competentes, mas *dois*.

4.º — O Sr. Presidente da República fala no seu apêlo de 8 Abril, e fala muitas vezes, em ensino agrícola, em Agrônomos professores e Agrônomos simples orientadores dos agricultores, espalhados pelo país; e lembra mesmo, com espírito prático, a necessidade do Agrônomo oficial, em cada centro rural, dar o seu parecer juntamente com o Agente do Banco do Brasil, para a nova distribuição mais generalisada do Crédito Agrícola. Ora ensino agrícola, formação de Agrônomos e investigação científica da espécie no nosso país, são hoje cada vêz mais, no seu mais alto gráu e pelo seu esprito prático, funções quasi privativas do Instituto Agronômico de Campinas, da Escola de Piracicaba, em S. Paulo, da Escola Agrícola de Viçosa, Universidade Rural de Minas Gerais e Instituto Biológico de Curitiba. Não ignoro a existência da Universidade Rural que o Brasil possui no *Quilômetro* 47, a essa distância da nossa capital, e que, afirmam autoridades, ser a mais bem aparelhada de material e de professorado, em toda a América Latina. Mas me afirmam também que a sua matricula é mínima, diante do que podia ser, e da urgente necessidade de mais Agrônomos para a nossa Agricultura; e explicam que influem, para isso, o desalento atual da Lavoura e o futuro humilde, vago e incerto da carreira de Agrônomo, mesmo que êste não sonhe siquer se comparar, nas suas ambições, com qualquer dos nossos simpáticos *foot-ballers* profissionais.

5.º — A larga e velha experiência dos Govêrnos e dos Agricultores, dos grandes Estados cafeeiros é sem dúvida indiscutivel, com todos os prejuizos imensos que têm sofrido nos últimos cinquenta anos, com valorisações e desvalorisações sucessivas do produto, eliminação de 80 milhões de sacas, quotas de sacrifício, proibições de novas plantações por três lustros, abandonos de cafezais, geadas e sêcas que inutilisam as árvores por vários anos, a *bróca*, o *bicho mineiro* e outras pestes do produto, etc., — tudo suportado com grande brasilidade, numa cooperação sincera com os Govêrnos Federal e Estaduais, sem recriminações inúteis e sempre acima das intrigas políticas, reconhecendo de preferência a intenção patriótica de qualquer ação oficial. Esta experiência certamente será inestimavel, como cooperação na Campanha Nacional.

6.º — Com essa experiência adquirida numa verdadeira Escola do Sofrimento, os Cafeicultores do Brasil construiram a Indústria Agricola mais bem organizada do Brasil, e uma das primeiras do mundo, apesar das falhas, dos êrros e das vicissitudes de toda a sua evolução. E êles, sem dúvida alguma, se fizeram assim os Agricultores mais adiantados de nosso país, principalmente em matéria de técnica agrícola moderna; e são, também, os nossos melhores lutadores, embora no início daquela Técnica, os melhores guias no combate à Erosão dos nossos sólos, na recuperação de nossas terras exhaustas, na racionalização dos métodos de nossas plantações, das nossas colheitas e de benefício industrial dos produtos.

7.º — Note-se que toda esta experiência e todo êste progresso dos Cafeicultores patricios não são utilisados *sómente* em benefício do café, — *mas* exatamente em *benefício igual* de tôdas as nossas culturas e da Pecuária, da Pecuária que tem em São Paulo, como se sabe, o seu maior centro industrial, o quartel general de sua produção. A prova do que afirmo neste parágrafo segue no *item* seguinte.

8.º — Quem visite detalhadamente como eu acabo de visitar os Estados maiores produtores de café, verá que as Fazendas Cafeeiras são indiscutivelmente os maiores centros agro-pecuários do Brasil, cultivando quasi sempre e ao mesmo tempo o algodão, a cana de açúcar, a mandióca e praticamente todos os ce-

reais que se cultivam entre nós, e que têm ali um dos grandes celeiros do país. Quando aquêles Fazendeiros não cultivam pessoalmente os cereais, êstes são produzidos em suas terras pelos seus Colônos, que também exploram sempre a Avicultura e também a Pecuária em geral. Quanto à criação de gado, o Cafeicultor adiantado e mesmo o de média cultura já a praticam como uma *obrigação acessória* do cultivo do café; o gado bovino não só produz para o fazendeiro a carne, o leite, os couros, mas também o estrume, adubo orgânico hoje indispensável, ao lado do adubo químico e da adubação verde, em todos os cafezais bem tratados. Está claro que há nos Estados cafeeiros grandes propriedades agropecuárias especializadas em certos produtos. Mas êstes mesmos vivem cercados de cafeicultores e cafezais. E todos êstes fatos estão provando à saciedade que os grandes Estados cafeeiros são hoje imensas Escolas práticas de Agricultura, *e seus agricultores, na sua maioria, alunos adiantados* de Técnica Agrícola, que receberão com o maior entusiasmo e a melhor bôa vontade os auxílios e os ensinamentos do Govêrno Federal, mas que ao mesmo tempo oferecerão, com os seus Govêrnos Estaduais, uma cooperação especilizada difícil de ser encontrada nas demais unidades da Federação. Aliás, os atuais Govêrnos de São Paulo, do Paraná, de Minas e do Espírito Santo, já estão criando novos Centros Agrícolas práticos de várias culturas no interior de seus Estados.

# O Café na história, na atualidade e no futuro do Brasil

[illegible] meu eminente companheiro do *Jornal* [illegible]*mercio* Dr. Afonso de Escragnolle Tau-[illegible] que se tranquilize: não irei invadir a sua [illegible]ima *seara* literária, que nos deu o trigo [illegible]tual dos seus excelentes estudos histó-[illegible] sobre o Café do Brasil. Que se tranqui-[illegible], também, o meu querido e ilustre Amigo [illegible] anos, o notável escritor William Ukers, [illegible]or e diretor emérito do "Tea and Coffee", [illegible]e revista de Nova York, e autor do [illegible] About Coffee", mil páginas famosas que [illegible]uem o formidável monumento histórico, er-[illegible] pela inteligência humana à bebida mais [illegible]a pelos habitantes do nosso planeta. [illegible] velho Repórter quer apenas acentuar a [illegible]ncia da Cultura Cafeeira no Brasil com [illegible]zia de referências que se seguem.

[illegible] tal grandeza a importância do Café na [illegible] nosso país, que para dar uma idéia [illegible] a dificuldade está na escolha entre os [illegible] fatos, as comparações sem conta, as [illegible]s sem fim que podem ilustrar o as-[illegible].

[illegible]lo do Café» faz parte, não há dúvida, [illegible] famosa dos ciclos históricos da pro-[illegible] nacional, — o do ouro, o dos diamantes, [illegible]car, o do algodão, o da borracha. Mas [illegible] «ciclos», quando os consideramos, [illegible] estudamos história, apesar da nova im-[illegible]a de alguns desses nossos produtos; e [illegible] porque todos eles *foram* «ciclos», e *não* [illegible]*ais*. O assucar, hoje, é Cuba; o algo-[illegible] o parque agro-industrial norte-america-[illegible] borracha é a Asia, é o produto sintético. C[illegible] o «ciclo do Café», porém, a realidade é [illegible] ele *foi*, *é* e *será*. O «ciclo do café» *exis-*[illegible] *existe* na nossa terra, e continuará *a* [illegible]*r* *no futuro* sem limitação de tempo, pelo [illegible]s enquanto os nossos Cafeicultores e to-[illegible] os bons Brasileiros continuarem construti-v[illegible]ente pensando que o Brasil e o Café de-[illegible] seguir vivendo juntos, como a melhor ga-[illegible] da nossa vida nacional.

O café, no Brasil, é a nossa moeda forte, [illegible] espécie de Cruzeiro-ouro, a nossa «Cam-[illegible], o nosso Dólar. Ainda agora, no Paraná, o seu ilustre Governador, o Senhor Munhoz da Rocha, ia além de tudo que aqui digo, e acrescentava «o café é o Sangue do Brasil».

O café escreveu quase todas as páginas da evolução brasileira nos últimos cem anos. Fez o passado glorioso do Estado do Rio. Com a primeira Imigração, a Imigração Paulista, permitiu o 13 de Maio sem nos arruinar a Agricultura. Construiu o primeiro Grande São Paulo na primeira República, e agora produziu o Novo São Paulo, o maior parque industrial da America Latina, e o maior ritmo de progresso urbano no mundo inteiro. Com os Cafeicultores Prudente de Moraes, Campos Salles e Rodrigues Alves, o Ouro Verde criou a democracia civil na República, salvou as nossas finanças, saneou o Brasil e deu-lhe uma Capital digna dêle. E houve mesmo um ilustre e malicioso psicólogo patricio, grande jornalista que ainda não era o politico de hoje, o Sr. Senador Assis Chateaubriand, que um dia viu o grande produto como se fôra um homem, vestindo um uniforme militar, e o promoveu logo a *General Café*.

Cometemos, algumas vezes, várias injustiças com o generoso produto nacional por excelência. Ele era o culpado pela nossa *monocultura*, e esta era a causa do Brasil *não progredir*. Continuavamos aferrados a uma «bebida cara» que era um «produto de luxo», em vez de imitarmos grandes nações novas que acertaram logo quanto à sua produção, preferindo o trigo, a carne, as lãs, etc. Mas os tempos já responderam pelo Café. A variedade da produção agro-pecuária do Brasil já provou que o Café não é impecilho, mas ao contrário, como já detalhei neste estudo, promove e auxilia a policultura. A atualidade já se encarregou de mostrar que assim como o café, quaisquer outros produtos por maior valor que tenham estão sujeitos a fatores econômicos causadores das maiores crises; haja vista a querida República irmã do Prata, com o seu trigo e a sua Pecuária, vítimas das mesmas sêcas que provocaram o exodo do nosso Nordeste e estão agravando a decadência da nossa produção ao Sul. E quanto à velha acusação ao

*café-produto de luxo*, respondem pela nossa bebida os Estados Unidos, incluindo oficialmente o café entre os *produtos de importação de primeira necessidade*, na lista dos seus preços tetos de emergência. Quanto aos telegramas da Alemanha da semana passada, taxando o café também como «luxo», repete ela apenas os orçamentos europeus de antes da Guerra, que viram sempre no café uma fonte riquíssima de verba, não por ser "luxo", mas *luxo popular*, de ricos e de pobres em toda a Europa.

Digam o que quizeram os pesimistas, o Café «foi», «é» e «será» o Brasil, com a graça de Deus. O saudoso Presidente Epitácio Pessôa, Brasileiro do Norte, proclamou-o solenemente o grande problema nacional. O Senhor Presidente Getulio Vargas, Brasileiro do Extremo Sul, nas suas duas administrações, nunca devotou a nenhum outro produto nacional a atenção e o tempo que tem dedicado ao Café; e ainda agora Sua Excia. acompanha com o maior interesse o projeto da criação do novo Instituto do Café, ora no Congresso Federal.

Ainda quanto à influência do Café na vida nacional, tem oportunidade aqui um detalhe a propósito das impressões pessoais de meu prezado companheiro de viagem neste Inquérito através do Brasil Cafeeiro, o ilustrado jornalista Sr. Charles Furcolowe, do Bureau Pan-Americano de Café de Nova York. Numa tarde, nesta capital do pais, visitamos o Palácio da Presidência da República, o Catete, e o Ministério das Relações Exteriores, o Palácio Itamaraty. Furcolowe notou e elogiou a idéia de havermos preferido o bom gosto da tradição, utilisando como sedes do Governo os lindos Solares de dois nobres do Segundo Império. Contei-lhe os nomes dos proprietários, o Visconde de Nova Friburgo, construtor do Catete, e o Barão do Itamaraty; e acrescentei: — dois fazendeiros de café, da *idade de ouro* dos cafezais do Estado do Rio. Furcolowe, repórter especialista em publicidade, e em publicidade de café, abriu o seu caderno de notas, e escreveu. «São Palácios do Café do Passado...», comentou ele. Mas como estavamos no Hotel Ouro Verde em que resido, na Avenida Atlântica, perguntei ao meu companheiro de viagem se sabia traduzir o nome do meu Hotel. E expliquei então que *Ouro Verde* era *Green Gold*, um dos nomes que davamos ao nosso camé, ao produto base de nossa economia, o nosso *ouro*. E estavamos desta vez num «Palácio do Café do Presente»; num hotel construido por um cafeicultor adiantado, meu conterrâneo Senhor E. Teixeira de Camargo, Brasileiro de São Paulo. E Furcolowe, com um sorriso de Repórter feliz, tomou outra nota com este título: «um fazendeiro paulista que prolonga os seus Cafezais até Copacabana». Era quase verdade. Porque, naquele momento, no *bar* do "Ouro Verde", na Avenida Atlântica, estavamos bebendo café...

## A percentagem do Café na Exportação do Brasil

Para dizer melhor, entretanto, sobre o que é o Café para o Brasil, nada como a estatística de suas Exportações, com a indicação especial da percentagem do café nessas mesmas Exportações. E justamente para a hipótese de leitor pessimista, que nos queira recordar as oscilações dessa percentagem em anos de crises cafeeiras, vou dar em seguida as cifras da Exportação do Brasil nos últimos trinta anos, dentro dos quais se deram as crises mais violentas do café e suas consequentes oscilações. Ver-se-á, apesar desses periodos graves, como a importância do nosso produto básico responde a todas as objeções, e isso, mais do que acompanhando, mantendo a nossa resistência econômica.

A estatística que aqui ofereço, compreendendo a Exportação Geral, total, do Brasil nos últimos trinta anos, é seguida de uma nova coluna com os totals da Exportação de Café dentro de cada Exportação Geral, e da respectiva percentagem cafeeira, ano por ano, — *cifras em mil cruzeiros*.

| *Anos* | *Exp. total* | *Café* | % |
|---|---|---|---|
| 1921 ..... | 1.709.722 | 1.019.640 | 60% |
| 1922 ..... | 3.332.084 | 1.504.166 | 64% |
| 1923 ..... | 3.297.033 | 2.124.628 | 64% |
| 1924 ..... | 3.863.554 | 3.928.571 | 76% |
| 1925 ..... | 4.021.965 | 2.900.091 | 72% |
| 1926 ..... | 3.190.559 | 2.347.644 | 74% |
| 1927 ..... | 3.644.118 | 2.575.624 | 71% |
| 1928 ..... | 3.970.273 | 2.840.414 | 71% |
| 1929 ..... | 3.860.482 | 2.740.073 | 71% |
| 1930 ..... | 2.907.354 | 1.827.577 | 63% |
| 1931 ..... | 3.398.154 | 2.347.079 | 70% |
| 1932 ..... | 3.536.765 | 2.823.948 | 72% |
| 1933 ..... | 2.820.271 | 2.052.858 | 73% |

| *Anos* | *Exp. total* | *Café* | % |
|---|---|---|---|
| 1934 ..... | 3.459.006 | 2.114.512 | 61% |
| 1935 ..... | 4.104.008 | 2.156.601 | 52% |
| 1936 ..... | 4.895.435 | 2.231.473 | 46% |
| 1937 ..... | 5.092.059 | 2.159.431 | 42% |
| 1938 ..... | 5.096.890 | 2.296.110 | 45% |
| 1939 ..... | 5.615.519 | 2.234.280 | 40% |
| 1[illegible] ..... | 4.966.518 | 1.595.288 | 32% |
| 1941 ..... | 6.729.830 | 2.017.545 | 30% |
| 1942 ..... | 7.499.485 | 1.965.737 | 26% |
| 1943 ..... | 8.729.603 | 2.803.768 | 32% |
| 1944 ..... | 10.726.509 | 3.879.343 | 36% |
| 1945 ..... | 12.197.510 | 4.260.340 | 35% |
| 1946 ..... | 18.242.734 | 6.441.463 | 37% |
| 1947 ..... | 21.179.413 | 7.755.099 | 36% |
| 1948 ..... | 21.696.874 | 9.018.564 | 41% |
| 1949 ..... | 20.153.084 | 11.610.705 | 52% |
| 1950 ..... | 24.913.487 | 15.907.569 | 63% |

Êste quadro de nossa exportação, entretanto, abrange somente a exportação para o exterior, e não o café de cabotagem enviado pelos portos cafeeiros para outros pontos do país. E' um trabalho organizado pelo Serviço Estatistico do Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro.

Ésses e outros dados estatisticos do Centro foram fornecidos pelo digno Diretor dêsse Serviço, o Sr. Antonio Leopoldo de Sampaio Filho, ilustrado Secretário Geral daquela associação.

Quanto a 1951, a «Conjuntura Econômica» do Rio de Janeiro oferece-nos números que vão até o fim de Novembro, e estimativas para o ano todo, feitas com a sua autoridade. Até Novembro de 1951, nossa exportação de café foi de 14.614.154 sacas de 60 quilos, com o preço de 1.197 cruzeiros, por saca, maior, portanto, que o preço de 1.072 cruzeiros, média de 1950. Assim, até Novembro, 1951, nossa exportação de café produziu 17 bilhões e 500 milhões de cruzeiros; e *Conjuntura* calcula que o total cafeeiro para o ano foi de 19 bilhões de cruzeiros. E como a Revista estima em 32 bilhões de cruzeiros nossa exportação total de 1951, equivalente a 1 bilhão e 730 milhões de dólares, ficamos sabendo que a percentagem do café na exportação total do ano passado, foi de quase 60%.

O Departamento Nacional do Café em liquidação dá a exportação total do café nos 12 meses de 1951: 19.456.822 cruzeiros.

Agora um dado oficial do Ministério da Fazenda. Segundo este, durante os últimos vinte anos, ou de 1931 a 1951, o café representou 56,48 por cento de tôda exportação do Brasil.

Agora que vamos entrar no estudo de nossas estatisticas, convém acentuar que as sacas de café são de 60 quilos, e as arrobas de 15 quilos cada uma.

# O consumo mundial de Café desde 1900

[illegible] la do café consumido anualmente [illegible] o inteiro, que já era em 1900 de 15 [illegible] sacas, nunca chegou, entretanto, [illegible] 1919, a atingir 20 milhões. Durante todo [illegible] período, os cafés *não brasileiros* mundial- [illegible] consumidos também tiveram a sua mé- [illegible] rior a 4 milhões de sacas, enquanto o [illegible] o Brasil já entrou pelo novo Século for- [illegible] mundo quase 12 milhões.

[illegible] 1920 a média brasileira no consumo [illegible] l era ainda de 12 milhões de sacas, en- [illegible] os cafés *não brasileiros* já estavam [illegible] o mais de seis milhões.

[illegible] 23 em diante, o mundo passou a beber [illegible] e 20 milhões de sacas; a média brasileira [illegible], também, colocou-se entre 13 e 14 [illegible] té 1930, quando chegou a mais de 15 [illegible].

[illegible] e 1928 e 1929, os cafés *não brasileiros* [illegible]-se na média de 8 milhões de sacas, [illegible] para 10 milhões de 1937 em diante.

[illegible] e 1930 e 1935 a média do consumo [illegible] foi de quase 25 milhões de sacas, e [illegible] ilhões entre 1935 e 1940. Ficando es- [illegible] o, o café brasileiro não se aproveitou [illegible] vação da procura mundial, ao con- [illegible] como vimos, dos cafés de outras pro- [illegible] cias.

[illegible] m 1939-40, porém, apesar dos nossos ativos [illegible] rentes, chegámos a 19 milhões de sacas, [illegible] anos subsequentes as nossas vendas [illegible] baixando até menos de 9 milhões de [illegible] 1944-45; enquanto isso, os cafés *não* [illegible] *ros* eram vendidos em crescente propor- [illegible] e de tal sorte que, em 1945-46, os 25 mi- [illegible] de sacas mundiais foram divididos fra- [illegible] nte entre o Brasil e o total dos de- [illegible] es produtores. No ano cafeeiro 1946- [illegible] ção continuou sem grande alteração, [illegible] ro mesmo em 1947-48, quando vendemos [illegible] que a metade do consumo mundial, que [illegible] era quase de 28 milhões de sacas.

[illegible] tas cifras e informações aqui resumidas [illegible] têm outra intenção senão de fazer um pouco de história do consumo mundial, sem querer estudar nesta altura de nosso inquérito as conhecidas causas da nossa situação estatística na época; causas oriundas das dificuldades das duas Grandes Guerras, e de outras muitas, entre as quais avultou a nossa super-produção por longos anos, e de tal vulto, que nos obrigou a eliminar 78.214.253 sacas, para defender contra preços vis o valioso produto nacional.

Apesar de todos estes acontecimentos históricos da nossa produção cafeeira, continuamos até hoje, entretanto, a ser o primeiro grande produtor mundial da preciosa bebida, — se bem que tenhamos perdido a nossa antiga posição de fornecedor de mais de dois terços do café consumido em todo o mundo.

Com o consumo total elevado a 30 milhões de sacas em 1949, felizmente recomeçámos a exportar mais que o total dos demais países produtores; e assim estamos continuando até o presente ano de 1952, quando o mundo já se aproxima de um consumo de 34 milhões.

O comentário — resumo estatístico que acabamos de terminar aqui foi feito para tornar menos fatigante, se possível, a leitura deste Inquérito. Convém lembrar, também, que as informações aqui utilizadas, tôdas das diversas fontes oficiais ou oficiosas, tôdas dignas do maior respeito, não coincidem matematicamente nem podiam coincidir, em virtude de diferentes detalhes que restringem ou alargam a significação das cifras que consegui obter. Aqui, lemos totais referentes a *Anos de Safras*, ali aos *Anos Civis;* numa estatística se inclui o consumo interno ou tôda a navegação de cabotagem, e na outra, não; há totais que exprimem a exportação definitiva, café saído dos nossos portos para o estrangeiro, enquanto outros registram sòmente a produção exportável, e ainda outros se referem apenas aos despachos ferroviários para os portos de exportação. São, entretanto, dados gerais respeitáveis, que nos permitem chegar a uma idéia segura de nossa exportação.

Para esclarecer ainda mais e completar a informação deste meu comentário estatístico, vou transcrever as cifras dos últimos quatro anos de safras, 1948|49, 1949|50, 1950|51, 1951|52, de três das fontes de informação mais autorizadas entre nós.

Do Departamento Nacional de Café, em liquidação, estatística de Produção ,café do Brasil, remetido para os portos de exporatção, quantidades em sacas:

| | |
|---|---|
| 1948/49 .............................. | 16.952.200 |
| 1949/50 .............................. | 16.303.100 |
| 1950/51 .............................. | 16.761.100 |
| 1951/52 (os primeiros 6 meses) .... | 8.930.351 |

Da Superintendência dos Serviços de Café da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, cifras quanto a São Paulo baseadas nos despachos ferroviários, quanto aos outros Estados brasileiros — produção exportável; totais de Produção do Café do Brasil, quantidade em sacas:

| | |
|---|---|
| 1948/49 .............................. | 16.981.999 |
| 1949/50 .............................. | 16.282.287 |
| 1950/51 .............................. | 16.887.777 |
| 1951/52 (parcela sòmente de São Paulo e até Fevereiro) ........ | 6.034.333 |

Na produção de São Paulo não está computado o consumo médio anual, para o Estado, de 1.500.000 sacas.

Do mesmo Serviço oficial de São Paulo são as seguintes cifras da Exportação do Café Brasileiro, quantidades em sacas:

| | |
|---|---|
| 1948 .............................. | 17.492.313 |
| 1949 .............................. | 19.368.468 |
| 1950 .............................. | 14.834.900 |
| 1951 (de Janeiro a Outubro) ...... | 13.023.854 |

Do Serviço de Estatística do Centro do Comércio do Café do Rio de Janeiro são estas estatísticas do consumo mundial, quantidades em mil sacas:

| *Safras* | *Café brasileiro* | *Outros cafés* | *Total* |
|---|---|---|---|
| 48/49 ........... | 15.881 | 13.801 | 29.682 |
| 49/50 ........... | 17.380 | 13.339 | 30.71[illegible] |
| 50/51 ........... | 16.526 | 15.942 | 32.4[illegible] |
| 51/52 (estima) .. | 17.678 | 15.821 | 33.500 |

Os dados dos últimos quatro anos cafeeiros, acima detalhados, são sem dúvida promissores. A questão será saber se podemos ficar tranquilos sôbre as perspectivas dos próximos anos.

### As perspectivas do próximo consumo mundial

São boas, de um ponto de vista geral, apesar de certas divergências de detalhe na explicação das estatísticas americanas. Para os latino-americanos, os Estados Unidos, que como se sabe bebem mais café que o resto do mundo reunido ,estão aumentando regularmente o seu consumo ao redor de quinhentas mil sacas por ano. Os "realistas" norte-americanos, embora não sejam pessimistas, preferem acreditar num aumento quase nulo, ou antes, estabilidade de consumidores seguros, mas econômicos e prudentes; e explicar os aumentos de compras havidos como resultado de circunstâncias especiais, fornecimentos às fôrças armadas na Europa e na Coréia, aquisições de outras safras, cautelosos estoques devido às últimas altas, etc. Não há pessimistas entre os exportadores latino-americanos que mantêm contacto mais estreito com o mercado norte-americano; mas estes recomendam ativar ali a nossa propaganda e acompanhar com tôda a atenção as compras daquele mercado, que para êles crescem todos os anos.

Quanto à Europa. volta ela .em bom rítmo à sua posição de segunda grande consumidora de antes da Guerra.

# A produção cafeeira do Brasil e a do resto do mundo

[illegible] dade que o Brasil já chegou a pro- [illegible]is do que 80 milhões de sacas de café [illegible]-34, e que atualmente a sua produção [illegible] por uma média anual de 18 milhões de [illegible] das quais 15 milhões para exportação. [illegible]de que o Estado de São Paulo já che- [illegible] um ano de 22 milhões de sacas, e que [illegible]nte está produzindo um terço daquele [illegible]tes contrastes certamente são alar- [illegible] Seria ridiculo negar a franca deca- [illegible] da grande maioria das zonas cafeeiras [illegible] o Brasil Entretanto esta decadência [illegible]zais alarma, não ha dúvida, mas não [illegible] perigo imediatamente o fornecimento [illegible]s brasileiros ao mundo, pelos menos [illegible] aos próximos quinze anos, ainda mesmo [illegible] o ritmo atual de crescimento do con- [illegible]ndial.

O [illegible]rme desea decadência felizmente está [illegible]do em todos os nossos Estados produ- [illegible] inicio de reação construtiva, reação [illegible]a dentro dos próximos quinze anos há [illegible]r o café e todas as outras culturas do [illegible] dos incontestáveis e iminentes perigos [illegible]çam hoje sua existência. Examina- [illegible] agora em detalhe as estatísticas, quê [illegible]o como, graças a Deus, teremos tempo [illegible]r eficazmente, e manter a nossa posi- [illegible]aior produtor mundial de café.

## Os cafeeiros dos demais países e colônias das Américas

[illegible] árvores de café *não brasileiras*, a sua [illegible]ia absoluta também se acha em nosso [illegible]ente. Isto quer dizer que dos 4 bilhões e [illegible] milhões de cafeeiros do mundo inteiro, [illegible] milhões estão nas três Américas, incluido [illegible]l. Do total mundial apenas 566 milhões [illegible] cafeeiros estão fora do nosso Continente, [illegible] milhões na Africa, 50 milhões na Ásia e [illegible] milhões na Oceania.

Será interessante detalhar o número de ca- [illegible]os dos principais produtores das Américas, [illegible] do Brasil:

| | |
|---|---|
| [illegible]bia | 631.789.071 |
| [illegible]uela | 566.006.859 |
| Guatemala | 138.712.000 |
| Salvador | 139.940.727 |
| México | 133.606.000 |
| Cuba | 84.235.000 |
| Costa Rica | 73.177.494 |
| Haiti | 64.000.000 |
| Nicaragua | 60.000.000 |
| Equador | 30.000.000 |
| República Dominicana | 40.000.000 |
| Porto Rico | 21.000.000 |
| Jamaica | 12.000.000 |
| Perú | 9.300.000 |
| Honduras | 6.000.000 |
| Panamá | 2.000.000 |
| Bolívia | 1.000.000 |
| Paraguai | 397.939 |

## 2 milhões e 392 milhões de cafeeiros no Brasil

O mundo inteiro possui atualmente 4 bilhões e 888 milhões de pés de café, dos quais 2 bilhões e 392 milhões no Brasil — pràticamente a metade dos cafezais de toda a terra. Em Janeiro de 1951, eram os seguintes os Cafeeiros existentes no Brasil, assim localizados:

### Cafeeiros existentes no Brasil

| | |
|---|---|
| Ceará | 6.000.000 |
| Pernambuco | 50.187 000 |
| Alagoas | 2.400 000 |
| Sergipe | 1.300 000 |
| Bahia | 72.000 000 |
| Espirito Santo | 282.153.000 |
| Minas Gerais | 482.196.267 |
| São Paulo | 1.061.525.724 |
| Rio de Janeiro | 103.5[illegible]9.000 |
| Paraná | 301.113.700 |
| Goiás | 21.943.000 |
| Mato Grosso | 3.240.000 |
| Santa Catarina | 2.874.000 |
| Não especificados | 2.075.300 |
| Total | 2.392.566.991 |

Estas estatísticas dos Cafeeiros existentes no Brasil e no resto do mundo nos foram fornecidas pelos Serviços do Departamento do

Café, da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo. Consultando, entretanto, o Anuário Estatistico do Brasil de 1950, IBGE, obtive mais alguns detalhes sôbre outras unidades da Federação Brasileira, todos sôbre o número de pés de café existentes e em produção. De acôrdo com o Anuário, essas árvores em produção sã as seguintes: Acre, 569.000; Amazonas, 26.000; Pará, 23.000; Maranhão, 34.000; Ceará, 18.942, Paraiba, 1.502.000. Pelo Anúário do IBGE, Pernambuco possuia, em 1949, 73.010.000 pés de café e a Bahia, 49 081.000.

# A Produção e a Exportação de Café de cada Estado do Brasil

A coleta de estatísticas que fiz neste Inquérito daria para multiplicar algumas vezes as suas dimensões. Venho naturalmente tratando de resumi-las, sem sacrificar, porém, o essencial. Evito os quadros e diagramas fatigantes, utilisando as cifras, aqui e ali, para amenisar a leitura; creio que não tenho prejudicado o encadeiamento dos fatos.

Às vezes, sou obrigado a repetir certas cifras totais, para esclarecer certas parcelas importantes. Outras vezes, acentuando outras parcelas, dou pela primeira vez outros totais igualmente importantes, que talvez impressionassem melhor numa referência especial. Confio nos leitores, que na sua maioria saberão compreender o meu esforço de tornar mais leve e mais agradavel um estudo para divulgação geral como êste. E volto a alertar a todos quanto aos conflitos aparentes de certas cifras, que já expliquei detalhadamente no início dêste trabalho, referindo-me às várias Estatísticas que acabo de citar.

Vou começar o exame da Produção Cafeeira de cada Estado em particular; ou melhor dito, o exame da Exportação de cada Estado, porque as estatísticas que consegui computam exatamente as quantidades que cada Estado remeteu para os Portos de Exportação, excluídas, portanto, as quantidades consumidas no Brasil, nos próprios Estados produtores, ou transportadas pelo comércio inter-estadual, de cabotagem. E para esclarecimento do leitor, recordarei a melhor estimativa que encontrei do nosso consumo nacional, interno: — entre três e meio e quatro e meio milhões de sacas anuais.

EXPORTAÇÃO DE SÃO PAULO — Seguem-se, pois, num mesmo quadro, as cifras da Exportação total do Brasil, por anos de safras e durante os últimos 25 anos, e as cifras totais da Exportação de São Paulo, em sacas de 60 quilos remetidas para os Portos de exportação. Dou em quatro colunas, primeiro os Anos de Safra, desde 1925-26 até 1950-51; em seguida a Exportação total do Brasil no ano; depois a Exportação de São Paulo; e, finalmente, a percentagem de São Paulo no total. Desprezo as unidades inferiores a mil sacas; a unidade aqui é de mil sacas:

| *Safras* | *Brasil* | *S. Paulo* | *%* |
|---|---|---|---|
| 25/26 ........... | 15.761 | 10.087 | 64,00 |
| 26/27 ........... | 18.115 | 9.876 | 54,52 |
| 27/28 ........... | 27.624 | 17.982 | 65,10 |
| 28/29 ........... | 16.060 | 8.814 | 54,88 |
| 29/30 ........... | 28.942 | 19.489 | 67,34 |
| 30/31 ........... | 17.418 | 10.096 | 57,96 |
| 31/32 ........... | 28.312 | 18.693 | 66,02 |
| 32/33 ........... | 19.846 | 14.977 | 75,47 |
| 33/34 ........... | 29.634 | 21.850 | 73,73 |
| 34/35 ........... | 18.509 | 11.735 | 63,40 |
| 35/36 ........... | 20.927 | 13.522 | 64,61 |
| 36/37 ........... | 26.359 | 17.780 | 67,45 |
| 37/38 ........... | 24.350 | 15.888 | 65,25 |
| 38/39 ........... | 23.221 | 15.615 | 67,24 |
| 39/40 ........... | 19.138 | 12.365 | 64,61 |
| 40/41 ........... | 16.455 | 10.217 | 62,09 |
| 41/42 ........... | 15.797 | 9.274 | 58,71 |
| 42/43 ........... | 13.612 | 8.528 | 62,65 |
| 43/44 ........... | 12.160 | 5.936 | 48,82 |
| 44/45 ........... | 9.136 | 4.721 | 51,68 |
| 45/46 ........... | 12.710 | 6.100 | 48,00 |
| 46/47 ........... | 14.018 | 8.874 | 63,30 |
| 47/48 ........... | 13.572 | 6.522 | 48,06 |
| 48/49 ........... | 16.952 | 11.173 | 65,91 |
| 49/50 ........... | 16.303 | 7.390 | 45,33 |
| 50/51 ........... | 16.761 | 8.122 | 48,46 |

Esta e as demais estatísticas que se seguirão, sobre a exportação do café por Estados da nossa Federação, devo-as à gentileza do Departamento Nacional do Café, (em liquidação), ao seu ilustrado Diretor Geral, Sr. Dr. Oswaldo Franco, e ao devotado Chefe da Secção de Estatística, Sr. Dr. Raul Pinheiro Machado, duas autoridades em assuntos de café no nosso país.

EXPORTAÇÃO DO ESTADO DE MINAS GERAIS — Do quadro seguinte em diante, não repetirei a coluna da Exportação total

do Brasil, que inclui no quadro especial sobre São Paulo. Darei apenas três colunas: — a dos anos de safra, a da exportação do Estado respectivo — quantidade remetida para os portos de exportação — e, finalmente, a percentagem do Estado em questão no total da Exportação do Brasil.

O quadro que vou dar a seguir é o da Exportação do Café do Estado de Minas Gerais. Esse café é exportado por quatro portos marítimos do Sul do Brasil: Rio de Janeiro, Santos, Angra dos Reis e Vitória. Eis o quadro do café de Minas, em mil sacas de 60 quilos:

| | *Minas Gerais* | *% de Minas* |
|---|---|---|
| 25/1926 | 2.710 | 17,18 |
| 26/1927 | 4.413 | 24,36 |
| 27/1928 | 4.927 | 17,84 |
| 28/1929 | 3.130 | 19,49 |
| 29/1930 | 5.135 | 17,74 |
| 30/1931 | 3.200 | 18,37 |
| 31/1932 | 5.226 | 18.46 |
| 32/1933 | 2.131 | 10.85 |
| 33/1934 | 4 062 | 13.71 |
| 34/1935 | 3.780 | 20,42 |
| 35/1936 | 3.686 | 17,61 |
| 36/1937 | 4.640 | 17,60 |
| 37/1938 | 4 913 | 20,18 |
| 38/1939 | 3 872 | 16,68 |
| 39/1940 | 3.170 | 16,56 |
| 40/1941 | 3.195 | 19,42 |
| 41/1942 | 2.575 | 16,30 |
| 42/1943 | 2.164 | 15,90 |
| 43/1944 | 3.141 | 25,83 |
| 44/1945 | 1.875 | 20.52 |
| 45/1946 | 2.872 | 22,60 |
| 46/1947 | 2.175 | 15,52 |
| 47/1948 | 2.752 | 19,64 |
| 48/1949 | 2.413 | 14,24 |
| 49/1950 | 3.213 | 14,81 |
| 50/1951 | 2.751 | 16,41 |

A coluna das percentagens, refere-se naturalmente aos totais parciais de cada Estado mencionado dentro da Exportação total do Brasil.

EXPORTAÇÃO DO ESTADO DO ESPIRITO SANTO — As mesmos recomendações do quadro anterior devem ser lidas para compreensão do quadro seguinte, onde a unidade continua ser de mil sacas:

| *Safras* | *Espirito Santo* | % |
|---|---|---|
| 1925/26 | 1.283 | 8,14 |
| 1926/27 | 1.783 | 9,85 |
| 1927/28 | 1.545 | 5,60 |
| 1928/29 | 1.655 | 10,31 |
| 1929/30 | 1.579 | 5,4[illegible] |
| 1930/31 | 1.666 | 9,5[illegible] |
| 1931/32 | 1.802 | 6,1[illegible] |
| 1932/33 | 1.050 | 5,[illegible] |
| 1933/34 | 1.859 | 6,[illegible] |
| 1934/35 | 1.350 | 7,[illegible] |
| 1935/36 | 1.623 | 7,7[illegible] |
| 1936/37 | 1.813 | 6,[illegible] |
| 1937/38 | 1.415 | 5,8[illegible] |
| 1938/39 | 1.786 | 7,[illegible] |
| 1939/40 | 1.500 | 7,[illegible] |
| 1940/41 | 1.179 | 7,1[illegible] |
| 1941/42 | 1.984 | 12,56 |
| 1942/43 | 1.433 | 10,[illegible] |
| 1943/44 | 1.866 | 15[illegible] |
| 1944/45 | 1.277 | 13,[illegible] |
| 1945/46 | 1.991 | 1[illegible] |
| 1946/47 | 1.206 | 8,[illegible] |
| 1947/48 | 2.042 | 15,[illegible] |
| 1948/49 | 1.031 | 6,[illegible] |
| 1949/50 | 2.543 | 15.[illegible] |
| 1950/51 | 1.387 | 8,[illegible] |

Como se sabe, o café do Espirito Santo [illegible] exportado pelos Portos de Vitória, Rio de J[illegible]neiro e Angra dos Reis.

EXPORTAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ — Não é demais recordar que os dados do[illegible] quadros que damos reunidos, uns depois do[illegible] outros, neste Inquérito, se referem às quantidades de café remetidas para os portos de exportação. São os números mais indicados para registrar a produção de cada Estado, a[illegible] qual se deverão reunir as estimativas do respectivo consumo interno, estadual, e os dado[illegible] ou estimativas da remessa, pela navegação de Cabotagem, para as demais unidades d[illegible] Federação. O café do Paraná é exportad[illegible] pelos portos de Paranaguá, de Santos e d[illegible]

Rio de Janeiro. Eis os seus dados, sempre em mil sacas:

| Safras | Paraná | % do Paraná |
|---|---|---|
| 1925/26 ..... ............... | 176 | 1,12 |
| 19[illegible]27 ..................... | 128 | 0,71 |
| [illegible]27/28 ..... ............... | 455 | 1,58 |
| 1928/29 ..................... | 264 | 1,64 |
| [illegible]929/30 ..................... | 596 | 2,06 |
| [illegible]30/31 ..................... | 347 | 1,99 |
| [illegible]31/32 ..................... | 604 | 2,06 |
| 1932/33 ..................... | 380 | 1,91 |
| [illegible]33/34 ..................... | 600 | 2,02 |
| [illegible]34/35 ..................... | 260 | 1,40 |
| 1[illegible]35/36 ..................... | 613 | 2,93 |
| [illegible]/37 ..................... | 547 | 2,03 |
| [illegible]37/38 ..................... | 1.066 | 4,38 |
| [illegible]38/39 ..................... | 579 | 2,49 |
| [illegible]39/40 ..................... | 1.108 | 5,58 |
| [illegible]/41 ..................... | 931 | 5,66 |
| 1941/42 ..................... | 835 | 5,29 |
| 1942/43 ..................... | 549 | 4,52 |
| 1943/44 ..................... | 159 | 1,31 |
| 1944/45 ..................... | 578 | 6,34 |
| [illegible]/46 ..................... | 673 | 5,30 |
| 1946/47 ..................... | 1.138 | 8,12 |
| [illegible]7/48 ..................... | 1.550 | 11,42 |
| 1948/49 ..................... | 1.885 | 11,12 |
| 1949/50 ..................... | 2.317 | 14,22 |
| [illegible]50/51 ..................... | 4.027 | 24,03 |

EXPORTAÇAO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO — As mesmas observações do quadro anterior. O café do Estado do Rio é exportado pelos portos do Rio de Janeiro e de Angra dos Reis. Em mil sacas:

| Safras | E. do Rio | % |
|---|---|---|
| 1925/26 ..................... | 766 | 4,86 |
| 1926/27 ..................... | 912 | 5,03 |
| 1927/28 ..................... | 1.610 | 5,83 |
| 1928/29 ..................... | 1.151 | 7,17 |
| 1929/30 ..................... | 1.114 | 3,85 |
| 1930/31 ..................... | 1.009 | 5,80 |
| 1931/32 ..................... | 1.370 | 4,67 |
| 1932/33 ..................... | 850 | 4,28 |
| 1933/34 ..................... | 905 | 3,05 |
| 1[illegible]34/35 ..................... | 893 | 4,82 |
| 2935/36 ..................... | 995 | 4,75 |
| 1936/37 ..................... | 931 | 3,53 |
| 1937/38 ..................... | 711 | 2,92 |
| 1938/39 ..................... | 899 | 3,87 |
| 1939/40 ..................... | 650 | 3,40 |
| 1940/41 ..................... | 507 | 3,08 |
| 1941/42 ..................... | 613 | 3,88 |
| 1942/43 ..................... | 517 | 3,80 |
| 1943/44 ..................... | 727 | 5,99 |
| 1944/45 ..................... | 215 | 2,36 |
| 1945/46 ..................... | 672 | 5,29 |
| 1946/47 ..................... | 270 | 1,93 |
| 1947/48 ..................... | 445 | 3,28 |
| 1948/49 ..................... | 142 | 0,84 |
| 1949/50 ..................... | 586 | 3,60 |
| 1950/51 ..................... | 210 | 1,26 |

EXPORTAÇAO DE CAFÉ DO ESTADO DA BAHIA — Para este quadro da Bahia, as mesmas explicações dos quadros anteriores. Sempre em mil sacas:

| Safras | Bahia | % |
|---|---|---|
| 1925/26 ..................... | 478 | 3,03 |
| 1926/27 ..................... | 683 | 3,77 |
| 1927/28 ..................... | 553 | 2,00 |
| 1928/29 ..................... | 472 | 2,94 |
| 1929/30 ..................... | 407 | 1,41 |
| 1930/31 ..................... | 413 | 2,38 |
| 1931/32 ..................... | 267 | 0,94 |
| 1932/33 ..................... | 250 | 1,26 |
| 1933/34 ..................... | 184 | [illegible],62 |
| 1934/35 ..................... | 293 | 1,53 |
| 1935/36 ..................... | 265 | 1,27 |
| 1936/37 ..................... | 452 | 1,71 |
| 1937/38 ..................... | 281 | 1,15 |
| 1938/39 ..................... | 319 | 1,37 |
| 1939/40 ..................... | 210 | 1,10 |
| 1940/41 ..................... | 198 | 1,21 |
| 1941/42 ..................... | 354 | 2,24 |
| 1942/43 ..................... | 235 | 1,73 |
| 1943/44 ..................... | 147 | 1,22 |
| 1944/45 ..................... | 241 | 2,65 |
| 1945/46 ..................... | 154 | 1,21 |
| 1946/47 ..................... | 162 | 1,16 |
| 1947/48 ..................... | 100 | 0,74 |
| 1948/49 ..................... | 88 | 0,52 |
| 1949/50 ..................... | 102 | 0,62 |
| 1950/51 ..................... | 115 | 0,69 |

Como venho repetindo, as percentagens da última coluna de cada quadro se referem ao total da Exportação do Café do Brasil.

EXPORTAÇAO DO ESTADO DE PERNAMBUCO — As mesmas explicações dos quadros anteriores para este quadro de Pernambuco, em mil sacas:

| *Safras* | *Pernambuco* | *%* |
|---|---|---|
| 1925/26 | 145 | 0,92 |
| 1926/27 | 200 | 1,10 |
| 1927/28 | 421 | 1,52 |
| 1928/29 | 406 | 2,53 |
| 1929/30 | 482 | 1,67 |
| 1930/31 | 514 | 2,95 |
| 1931/32 | 250 | 0,83 |
| 1932/33 | 150 | 0,76 |
| 1933/34 | 150 | 0,51 |
| 1934/35 | 123 | 0,66 |
| 1935/36 | 178 | 0,85 |
| 1936/37 | 123 | 0,47 |
| 1937/38 | 23 | 0,09 |
| 1938/39 | 104 | 0,45 |
| 1939/40 | 112 | 0,39 |
| 1940/41 | 162 | 0,99 |
| 1941/42 | 122 | 0,78 |
| 1942/43 | 123 | 0,91 |
| 1943/44 | 124 | 1,02 |
| 1944/45 | 200 | 2,19 |
| 1945/46 | 193 | 1,52 |
| 1946/47 | 113 | 0,81 |
| 1947/48 | 88 | 0,65 |
| 1948/49 | 40 | 0,24 |
| 1949/50 | 99 | 0,61 |
| 1950/51 | 93 | 0,56 |

## A cultura do Café ao Norte do Brasil

Enquanto o Sul do Brasil estuda com espírito prático a possibilidade da plantação da borracha e da fabricação da borracha sintética, seria muito oportuno que o Norte do Brasil com o mesmo espírito prático começasse, também, a trabalhar imediatamente pelo reerguimento da antiga lavoura cafeeira, que nunca foi grande, mas chegou a ser digna de consideração. As oportunidades e vantagens existem em ambos os casos, e as facilidades são relativamente maiores para o Norte do Brasil, no caso do Café. O Norte já sabe que póde produzir excelente produto, pela simples razão de que já o produziu, de primeira qualidade, e para dar um só exemplo recordarei o café Maragogipe, da Bahia, tipo que ainda hoje é estudado e utilisado com interesse nas investigações científicas do Instituto Agronomico de Campinas, São Paulo.

Já dei em capítulo anterior deste estudo estatísticas dos cafeeiros em produção existentes no Brasil, incluidos os dos Estados do Norte, e reproduzi também, logo depois, as cifras da exportação dos cafés de Bahia e de Pernambuco. Por êsses numeros se confirma o que era antes mais ou menos conhecido: que a decadência da Cafeicultura do Norte é muito maior que a dos cafezais do Sul do país. Ficarei muito grato pelas informações que me queiram enviar os Senhores Cafeicultores do Norte, e os seus respectivos Governos Estaduais; tenho motivos para crer em que as estatisticas atuais do Norte incluem grandes quantidades de árvores que já deixaram de produzir, ou que, então, o consumo interno de cada Estado e a cabotagem para os Estados vizinhos consomem grande parte da produção.

Além das grandes possibilidades existentes para o reerguimento das antigas lavouras cafeeiras do Norte, os novos preços do café, e as perspectivas do consumo mundial estão aconselhando aquêles Estados a multiplicarem desde já a sua produção com plantações novas. A Paraiba vem de dar o exemplo neste sentido. O Ministério da Agricultura acaba de enviar àquele Estado o competente Chefe do seu Serviço Técnico do Café, a pedido do operoso Senhor Governador José Americo, interessado justamente em reerguer a velha cultura do café paraibano e promover desde logo novas plantações. O ilustre Senhor João Cleofas, segundo estou informado, já enviou ou vai enviar sementes das melhores qualidades brasileiras da preciosa Coffea Arabica, que permitirão plantações iniciais modelos, até 25 000 árvores.

Com Governadores operosos e competentes como os Senhores Agamemnon Magalhães, Regis Pacheco, José Américo, Arnon de Mello, Alvaro Maia, Raul Barbosa e outros, os Estados cafeeiros do Norte do país têm agora uma oportunidade de surpreender o mundo, mostrando que o café, com a técnica agricola moderna, não precisa continuar a ser um monopólio das terras do Sul do Brasil. Aliás, o Sul não póde esquecer que o café entrou no Brasil pelo Pará, pelas mãos de Francisco de Mello Palheta, que conseguiu algumas mudas da Guyana Francesa, cedidas pela Senhora do Governador da Guyana. Em 1760, o Desembargador Alberto

Castelo Branco trouxe mudas de Belém para o Estado do Rio e para esta Capital, que foram plantadas nas terras fluminenses e nas terras cariocas da Tijuca. O café, portanto, foi um ...ente do Norte ao Sul do Brasil.

## A cultura do Café em Mato Grosso, Goiás e Santa Catarina

Já informei neste estudo que as estatísticas ...is dos Cafeeiros do Brasil dão a Mato Grosso 3.240.000 árvores, a Goiás 21.943.000 e a Santa Catarina 2.874.000.

Não tive prazer de visitar Santa Catarina, ... Goiás, nesta minha excursão. Cheguei apenas às fronteiras de Mato Grosso. Quanto à produção dos três Estados, não obteve ainda a consideração especial das nossas Estatísticas. Ficaria, entretanto, muito grato, si recebesse informações dos referidos Estados a esse respeito.

As plantações de Goiás estão crescendo e muito breve interessarão os nossos mercados exportadores. Quanto a Santa Catarina, assim como quanto ao Ceará e parte de Pernambuco, temos neles as nossas culturas de café, algumas, senão todas, feitas pelo sistema de *sombreamento*, importante assunto de que ainda tratarei neste Inquérito. Seria útil conhecer as últimas experiências dessas culturas; agradecerei as informações dos interessados.

Quanto a Mato Grosso, já com 3.240.000 cafeeiros, as novas culturas se centralizam ao Sul do Estado, formando alí uma nova zona cafeeira de imenso futuro. O Sr. Dr. José Testa, o ilustrado diretor da Estatística da Superintendência dos Serviços de Café de São Paulo, visitou recentemente aquelas plantações e deu-nos interessantes informações sobre elas. O café, que há duzentos anos começou instalando-se e dominando o Vale do Paraíba, e todo o Estado do Rio, vindo do Pará, que depois invadiu todo São Paulo e finalmente o Norte Paranaense, transpôs agora o rio Paraná, penetrando no Planalto de Dourados, ao Sul de Mato Grosso, e chegando até as fronteiras do Paraguai. O café, assim, seguiu por esse caminho o famoso *filão da terra rôxa*, que continua de São Paulo pelo Norte do Paraná, terra rôxa da qual todo o extremo sul de Mato Grosso é uma continuação. O Sr. Testa calcula que o grande quadrilátero de Sul Mato Grosso, onde mais se planta café no Estado, ocupa cinquenta milhões de quilômetros quadrados, ou dois milhões de alqueires; estima em sessenta mil quilômetros quadrados a zona cafeeira do Norte do Paraná, situada entre os rios Paranapanema, Paraná, Itararé e o paralelo 24. E continuando nesse cálculo comparativo dá para toda a zona cafeeira de São Paulo cento e oitenta mil quilômetros quadrados, onde o café coexiste com muitas outras culturas, incluido o algodão.

A nova zona cafeeira do Brasil ao Sul de Mato Grosso é de grande futuro por mais de um motivo. A sua situação geográfica, por exemplo, permitirá o rápido escoamento de suas futuras safras de seu novo produto pelo transporte fluvial internacional, abastecendo, assim, a Argentina, o Uruguai e até o Chile. O Paraguai e a Bolívia, apesar de visinhos, são mercados sem importância para o Brâsil; aliás o Paraguai, para onde «segue» o *filão da terra rôxa* brasileira naquela região, está também plantando café, possuindo já cerca de 300.000 pés. Assim, a nova zona cafeeira tem ao seu fácil alcance três mercados, o argentino, o uruguaio e o chileno, que não nos compraram muito nos últimos dois anos, mas que importaram em 48 e 49, respectivamente, cêrca de 800.000 e 900.000 sacas de café brasileiro.

Um dos grupos de novos bandeirantes do café nessa zona mato-grossense é o da Família Lunardelli, que, segundo estas informações, está plantando cêrca de 200.000 pés.

# A visita a São Paulo

[illegible] visita a São Paulo foi a mais com[illegible] mais detalhada possivel. O ilustre [illegible]nador Noguefra Garcez e seu di[illegible] Secretário da Fazenda, o Sr. Dr. Mario [illegible]ilitaram pessoalmente com as mais [illegible]s providências toda a nossa excursão. [illegible]panheiro de viagem o Sr. Charles Fur[illegible] especialista de Relações Públicas do [illegible] Panamericano de Café de Nova York, [illegible] que só as facilidades que ali encon[illegible] eram um material de publicidade de [illegible] ordem sobre a capital tradicional do [illegible]

[illegible]o sucedeu igualmente nos demais Es[illegible] cafeeiros visitados, fomos hóspedes ofi[illegible] Governo Estadual. E este colocou à [illegible]ção, para a visita às várias zonas [illegible] paulistas, dois excelentes aviões, [illegible]nza, de 1 motor e 5 lugares cada [illegible] pilotos nos serviram, mas o piloto [illegible]panheiro foi sempre o az dos seus [illegible]e São Paulo, o Sr. Renato Pedroso, [illegible] muitos anos antes, quando eu era [illegible] do Brasil em Nova York, pude [illegible] seus estudo de aviação naquele [illegible]nte vários dias, voando pela manhã [illegible], visitamos demoradamente cafezais e [illegible]s agricolas novas e velhas, planta[illegible]tes ainda não produzindo, outras de [illegible] recente, fazendas adubadas e outras [illegible]as, algumas irrigadas, fazendas ve[illegible] recuperadas ou em vias de recupe[illegible], lavouras decadentes, abandonadas, eli[illegible], cemitérios de cafezais, enfim pudemos [illegible]tir toda a luta imensa e haróica dos [illegible]ores de São Paulo nos últimos cem [illegible] Nunca mais esquecerei essa visita; e se [illegible] dia a minha brasilidade precisar de [illegible] ou de alento, bastará a lembrança [illegible] e[illegible]rsão para refaze-la imediatamente.

[illegible]m essas viagens aéreas, duas vezes cada [illegible]os conhecendo todas as zonas cafeei[illegible] de São Paulo — a Paulista, a Mogiana, a [illegible]rense, a Noroeste, a Alta Paulista, a [illegible]bana, a Centro e a Norte.

Eu e meu companheiro no inquérito tivemos a honra da companhia utilissima de uma Comissão de tres membros que nos guiaram em toda a excursão, escolhidos pelo Senhor Dr. Mario Beni, Secretário da Fazenda, e representando respectivamente as três associações paulistas mais interessadas no assunto: o Sr. Dr. Geraldo Gomide de Mello Peixoto, diretor da Associação Comercial de Santos; o Sr. Plinio de Castro Prado, diretor-secretário da Sociedade Rural Brasileira; e o Sr. Dr. Raul Renato Cardoso de Mello, Diretor da FARESP, a Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo. Esta simples referência aos nomes dos nossos prezados companheiros de viagem basta para explicar o real sucesso do nosso trabalho, gentilmente guiados e superiormente orientados por autoridades tão respeitadas no assunto que nos levou a São Paulo.

Não quero continuar sem agradecer, também, a Renato Pedroso a sua dedicação de admiravel piloto e velho amigo. Já havia voado atravesando o Atlantico, e entre as duas Americas, e entre paises da Europa, mas em grandes aviões. Agora, porém, era um aparelho de um motor e para cinco pessoas. Depois desses dias de viagem, compreendi porque os fazendeiros de S. Paulo, Paraná, Goiás, Mato Grosso já são hoje *air-minded*: porque não podem perder tempo, porque as distancias são imensas e porque os pilotos são de confiança, como Renato, quando os pilotos não são eles mesmos, fazendeiros, nos seus proprios aparelhos.

Com um piloto como o que tive, a confiança é ainda maior, quando se pensa que hoje, em aviação, 97% dos acidentes são devidos exclusivamente ao aviador, e apenas 3% ao aparelho. Com semelhante piloto, nunca pensei numa *panne* do motor, apesar de ser isto possivel, pois iriamos planar; e como voavamos sempre a mil ou mais metros, e como quando planamos a altura em que estamos é multiplicada oito vezes para um vôo sem mo-

tor, a sensação de segurança era pràticamente absoluta.

Em outros capítulos deste inquérito o leitor encontrará a maioria das impressões da nossa visita a São Paulo e demais Estados; umas, diretamente referidas, outras já transformadas em informações gerais, sobre os vários problemas deste estudo. Registrarei aqui, entretanto, algumas observações.

### Um fazendeiro de café de hoje

A primeira é a elevação evidente da média de cultura que senti, no fazendeiro de café do Brasil. Note-se que não me referi apenas ao fazendeiro paulista, mas ao brasileiro em geral, pois foi essa exatamente a impressão que tive igualment nos demais Estados Cafeeiros. E não incluir neste juízo todos os agricultores do Brasil, mas apenas os Cafeicultores, porque visitei sòmente a estes. Não duvido, entretanto, que uma afirmação de ordem geral seja a mais verdadeira e justa no caso.

O Cafeicultor de hoje, tanto em Campinas e Ribeirão Preto, quanto em Ourinhos, Pirajui, Marilia e Rio Preto, para exemplificar apenas com um só Estado, é um profissional que sem dúvida tem pelo seu Comissário em Santos a mesma consideração que êle merecia do fazendeiro seu progenitor, mas apenas com uma diferença. Seu Pai agia quase sempre de acordo com o conselho do Comissário; o filho ainda solicita aquele conselho, mas também ouve diàriamente as cotações do café pelo rádio, lê nos jornais os artigos dos economistas, — e em seguida resolve por si mesmo. E o mais curioso é que, em Santos, quando resumi esta observação, os próprois Comissários de Café concordaram comigo, e exprimiram seu sincero prazer por essa evolução dos seus clientes atuais.

Um jantar ou um almoço numa fazenda, com vários Cafeicultores, já o disse antes, era quase sempre uma Mesa Redonda, numa discussão simples, mas inteligente, prática e útil.

Outro fato muito agradável a constatar é a intensificação das relações sociais entre patrões e empregados, fazendeiros e colonos. Elas foram sempre boas no passado; mas hoje, apesar do mesmo respeito mútuo, parece haver de um lado um reconhecimento mais marcado dos direitos humanos, e do outro uma sensação de segurança, pela evolução democrática que vai melhorando também a vida rural.

A fazenda de café, mesmo a de importância média, é hoje o embrião fecundo de uma nova povoação, de uma comunidade cristãmente humana, muito mais que os próprios núcleos coloniais oficiais do começo deste século. Naturalmente o progresso e as novas invenções muito ajudaram agora; e eu vi inúmeras fazendas com a Igrejinha, a Escola, a farmácia, a enfermaria, o cinema, o armazem, a loja, o club de foot-bail, etc.

Numa grande propriedade agrícola, o administrador disse-me, quando passava um velho colono italiano que ele tinha mulher e oito filhos, todos adultos. Aproveitei o acaso, perguntei ao colono si queria levar-me à residência dêle. Levou-me com prazer, e meu companheiro o Sr. Furcolowe nos acompanhou. A casa simples e limpa, caiada, de tijolos e de telhas, tinha oito quartos! Perguntei si não era exagero o número dos quartos. Não era, explicou-me, alguns filhos casados, e a necessidade de uma sala para estudo: um filho era farmacêutico, outro estudante de odontologia. Que desejava mais o velho colono? perguntei. Comprar um sitio, como tantos outros Colonos da Fazenda já haviam feito, respondeu-me. Perguntei de novo si lhe faltava dinheiro para isso. Não, não faltava, ouvi. O filho farmacêutico era o dono da farmácia da fazenda, o estudante formava-se dentista em breve; eram ambos solteiros e noivos. Logo que se casassem, então iriam os demais filhos, com o casal velho, para um sitio próprio. Filho de fazendeiro de S. Paulo, não me assustei. Vinte e cinco anos antes, um terço das fazendas paulistas já tinham como proprietários os ex-colonos italianos, que haviam chegado a Santos como imigrantes, e em terceira classe, no começo da século.

Na zona da Paulista, no meio de tantas fazendas de terras decadentes, repousamos um pouco num pequeno sitio, onde o proprietário destruira, na última crise cafeeira, 25.000 árvores do seu Ouro Verde. Era um velho compadre de nosso excelente companheiro de viagem Plinio de Castro Prado. Perguntei ao sitiante porque fôra tão radical eliminando o cafezal, e plantando em lugar dele apenas man-

[illegible], Homem rustico, mas de uma grande sim[illegible], pôs-se a responder-me com um sorriso [illegible]ente, e indicando-me o Sr. Castro Prado: "[illegible]nsê nunca plantô café, pergunte a meu [illegible]dre o que nóis sofrêmo naquele tempo.» [illegible] de[illegible]perado e pensou que estava "casado" [illegible] sempre com o seu Café. «Café é como a [illegible] da gente; si é bôa, têmo que ficá cum [illegible], si é ru'm, a gente tambem tem que ficá [illegible] ela, tem que aguentá». E no seu deses[illegible]o, explicou, «perdi a cabeça, acabei cum [illegible] cafezá, a unica manêra de acabá cum [illegible]la muié que parecia que ia ficá cada veis [illegible] ruim a vida entêra». E assim terminou a [illegible] história, com a timidês de quem contava [illegible] seus pecados: «Agora, virei hóme bilontra. [illegible] quero mais casamento, não quero mais [illegible]é, não quero mais muié p'rá a vida entêra. [illegible] ano namóro quarqué uma. Este ano foi [illegible]ndioca. No fim do ano, si depois da co[illegible] si quizé largá, namóro otra. Quem sabe [illegible] o argodão? Não, não quero sofrê mais...

## Em Ribeirão Preto

[illegible]taperuna, outrora, no Estado do Rio, ontem [illegible]rão Preto em São Paulo, hoje Pirajuí e [illegible]os, ainda paulista, e Londrina, no Norte [illegible] Paraná, — as capitais históricas da produ[illegible] do café, que se foram sucedendo umas às [illegible]ras, Ribeirão Preto, a velha rainha do café "Bourbon", a zona que tanta alegria deu à bra[illegible]dade do sábio Luiz Pereira Barreto, recebeu[illegible] com a hospitalidade de sempre, representada [illegible] ilustrado Presidente da sua Associação [illegible]ral, o adeantado agricultor Sr. Thomas Al[illegible]rto Whately, que nos deu um grande jantar na [illegible]gres ista cidade, seguido de uma carinhosa [illegible]ção à noite, oferecida por ele e pelo dis[illegible]to médico de Ribeirão Preto, Dr. J. Tinoco [illegible] por suas gentis esposas. Na manhã seguinte [illegible]tivemos um delicioso almoço na bela fazenda [illegible] do casal Whateley.

## A irrigação dos Cafezais

De Ribeirão Preto fomos a Batatais, onde vimos os modernos aparelhos de irrigação em várias propriedades agricolas: bombas de suc[illegible]o, águas pluviais acumuladas em reservató[illegible] de 6 em 6 quilômetros dos cafezais, e canos [illegible] extensão fazendo a irrigação nessa gran[illegible] escala.

Já existem umas vinte fazendas em São Paulo fazendo irrigação. E' apenas o começo. E os aparelhos são caros, cada *grupo de irrigação* fica hoje em uns 600.000 cruzeiros, fabricação americana. Certo cafeicultor que faz irrigação, pergutou-me se eu publicaria a informação que me ia dar. Sou aqui um reporter, naturalmente que sim, respondi; e ouvi o seguinte:

— O preço do meu *grupo irrigador* era aquele, 600.000 cruzeiros; comprado em Nova York. O grupo irrigador veio dividido em quatro vapores, chegados um depois do outro em quatro meses. Quando chegou a segunda parte do material, um mês depois da primeira, veio com um acréscimo de preço de 10%; e a última parte, chegou daí a outros dois meses, com um novo aumento de 10%. Agora veja o Sr.: eu já ia pagar os 600 contos com dolar de 35 cruzeiros, mas comprado com o café que vendi a dólar de 18½; e como o Brasil não tem preços tetos para as importações, fui novamente sacrificado com o aumento de 20%. Não acha o Sr. que os nossos amigos e irmãos da grande República do Norte nos devem um certo reajustamento, e a mim com duas contrapartidas?

## No Instituto Agronômico de Campinas

Passamos uma tarde inteira em Campinas, a linda Princesa do Oeste, estudando e admirando o Instituto Agronômico do Estado. Fomos atendidos com a maior atenção pelos ilustrados Srs. Dr. Teixeira Mendes, diretor do Serviço de Café no Instituto, e seu assistente Professor Krugg, dois cientistas que honram São Paulo. A longa e detalhadas investigação do Instituto sôbre os melhores tipos de cafeeiros a serem cultivados no Estado, coroada de completo êxito com a atual distribuição de mudas e sementes; a investigação sôbre a Broca e outras pestes e moléstias, e o controle em grande escala obtido; as experiências sucessivas de processos de cultura e beneficiamento, são serviços que já deram fama internacional àquela entidade cientifica.

Interrompo minhas impressões sôbre o Instituto de Campinas, porque as observações mais importantes sôbre ele, neste estudo, cabem melhor nos pontos em que se acham, ao envez de ficarem aqui reunidas.

## Na Capital de São Paulo

Quando se chega à capital paulista, que já foi a Manchester do Novo Mundo, em 1900, a Chicago Sul-Americana em 1925 e que é hoje a São Paulo desta era da energia atômica, qualquer visitante é obrigado a esquecer por várias horas o propósito que ali o levou, o assunto que ali o conduziu, a fim de pensar, a fim de meditar com a Cidade Dinâmica na predileção que Deus teve por ela, para fazer dos campos de Piratininga o exemplo glorioso do maior ritmo do progresso humano. Esse ritmo é tão sensivel, como se a cidade tivesse a palpitação de um corpo humano, ritmo sensivel e contagioso; cidade professora de entusiasmo e de progresso, o visitante, ambientado depois de algumas horas, já começa a conversar naquela temperatura dinâmica da evolução paulista. E o visitante escreve ou conversa eufórico, principalmente quando volta, como eu voltava, de visitar um bilhão de cafeeiros paulistas, origem biblica da grandeza incomparavel daquela cidade que atualmente inaugura uma nova casa de 20 em 20 minutos, dia e noite, em cada dia de 24 horas; daquela cidade que já é, com os seus subúrbios, o maior parque industrial da América Latina; daquela cidade que, com a sua produção atual, as suas reservas financeiras e tôda a sua potencialidade econômica é o maior orgulho do trabalho nacional.

De regresso à capital paulista, demos conta de tudo quanto haviamos visto ao Senhor Governador Lucas Nogueira Garcez e ao Sr. Secretário da Fazenda, Dr. Mario Beni. Na demorada entrevista que tive com o Governador de meu Estado natal, senti bem como o ilustre administrador se interessa pelos menores detalhes e conhece como poucos todo o problema cafeeiro de São Paulo e de todo o Brasil. Um dia depois dessas visitas e desse relatório verbal, foi-nos oferecido um grande almoço no Hotel Esplanada, pelo Sr. Secretário da Fazenda em nome do Sr. Governador então ausente da Capital. O Sr. Dr. Mario Beni fez nesse almoço um discurso que muito nos impressionou, sintetisando a politica cafeeira da Administração Lucas Garcez, em perfeita colaboração com o Governo Federal, e interpretando com realismo e objetividade as justas aspirações dos cafeicultores paulistas nas suas relações comerciais com os nossos velhos amigos os importadores e torradores norte-americanos.

## A Associação Comercial de São Paulo, a Sociedade Rural Brasileira e a FARESP

Fizemos em seguida, as visitas de despedidas às principais associações agricolas e comerciais da Capital — a Associação Comercial de São Paulo, a Sociedade Rural Brasileira e a Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo, nobres entidades que aqui nomeio pelo critério de sua antiguidade.

À frente da Associação Comercial de São Paulo fomos encontrar como Presidente recentemente eleito, um leader perfeito do Comércio nobre, esclarecido e dinâmico da capital do grande Estado — o Sr. Horacio de Mello, a quem me liguei por sincera amizade desde muitos anos, quando visitou Nova York, onde eu era Consul Geral do Brasil, e testemunhei as homenagens que os seus colegas do comércio novaiorquino justamente lhe prestaram. Neste encontro de agora, ao lado da alegria de rever um grande amigo e de sentar-me depois à sua mesa num lindo jantar que me ofereceu, verifiquei quanto a Associação Comercial de São Paulo se interessa pelos problemas agricolas do café do nosso país. O Presidente Horacio de Mello e o Secretário Geral Dr. Luiz de Paranaguá, entre os diretores que gentilmente receberam a nossa visita, foram os que mais mostraram seu interesse e conhecimento no assunto, na verdadeira Mesa Redonda que se improvisou, discutindo o nosso Inquérito Cafeeiro; saí dessa reunião agradàvelmente impressionado com a cooperação efetiva que existe no grande Estado entre as classes produtoras, como se trabalhassem *em equipe* problemas comuns. Ilustraram, ainda, a improvisada Mesa Redonda os dignos membros da Comissão Oficial Diretora da próxima Comemoração do Centenário de São Paulo, com o seu Presidente, meu amigo Francisco Mattarazzo Sobrinho, chefe moderno que dá o exemplo trabalhando pessoalmente, e hoje à frente de grandes associações civicas fomentadoras das maiores iniciativas culturais e econômicas do Estado.

Na Sociedade Rural Brasileira, receberam as nossas despedidas o seu dignissimo Presidente, Sr. Dr. Mario Rollim Telles, e quase todos os seus ilustrados Diretores. Trato do Sr. Presidente Rollim Telles, um dos mais nobres *leaders* do nosso café, em outro capitulo deste estudo. Quero, entretanto, acentuar aqui que o Sr. Furcolowe e eu deixamos na Rural

[illegible] os melhores agradecimentos pelo con-[illegible]o inestimavel que nos prestou o seu dis-[illegible]o Representante, o Sr. Plinio de Castro [illegible]o, acompanhando e orientando nossa ex-[illegible]o pelo Estado. O nosso agradecimento deu [illegible]r a uma interessante exposição do Sr. Pli-[illegible]o, comentando com propriedade a nossa [illegible] e as nossas investigações. A Rural vo-[illegible] em seguida uma moção congratulatória, [illegible]cendo as vantagens do Inquérito, e elo-[illegible]do o espirito prático do atual Conselho Exe-[illegible]o do Bureau Pan-Americano de Café de [illegible]a York, e do seu digno Presidente, o Sr. [illegible]a.xador Walder Sarmanho.

A Federação das Associações Rurais do [illegible]do de São Paulo, em boa hora confiada à [illegible]o de um chefe como o Sr. Deputado Iris [illegible]berg, fomos, também, apresentar as nossas [illegible]edidas e agradecer muitissimo a cooperação [illegible]iosa do digno Representante da Faresp em [illegible] viagem, o Sr. Dr. Raul Renato Cardoso [illegible] Mello. A nossa visita à Faresp constituiu [illegible] importante capítulo de nossas investigações, [illegible]incipalmente para as informações que destiná-[illegible] aos Estados Unidos a respeito do problema [illegible]l na Cafeicultura do Brasil. O Sr. Presi-[illegible] Iris Meinberg é uma autoridade no as-[illegible]o. Saímos da Faresp convencidos de que os [illegible]eicultores Brasileiros sabem que da melhoria [illegible]s condições sociais do nosso homem do campo [illegible]pende grandemente a urgente solução do pro-[illegible]ema agro-pecuário do Brasil. Sabem e estão [illegible]gindo por essa melhoria. O Presidente Mein-[illegible]rg, por sua parte, aproveita patrióticamente [illegible] sua posição de parlamentar, para trabalhar [illegible]ela nossa legislação social no Congresso Na-[illegible]ional, intepretando, assim, as aspirações da [illegible]rande Federação Agrícola a que preside.

A última gentileza que recebemos em São [illegible]ulo foi o jantar oferecido ao Sr. Furcolowe [illegible] a mim por uma das Senhoras mais ilustres [illegible]a Sociedade Paulista, fazendeira de café, pro-prietária de grandes emprêsas agricolas no [illegible]stado, inclusive a Fazenda Coqueirão, de Pi-rajuí, a antiga metrópole cafeeira do nosso Far-West, — Dona Albertina de Castro Prado, pro-[illegible]enitora de nosso dedicado amigo e compa-[illegible]heiro de excursão, Plinio de Castro Prado. [illegible]sposa de um dos mais nobres magistrados pau-[illegible]stas do Segundo Império, irmã de Cesar Bier-renback, o saudoso moço campineiro que foi [illegible]m dos maiores tribunos do Brasil, senhora de um formoso espirito e de uma grande cultura, a sua festa foi a chave de ouro da hospitalidade da nossa Capital do Café. Dona Albertina de Castro Prado não é apenas uma proprietária de várias fazendas de café; é uma competente agricultora que dirige suas propriedades na sua nobre viuvez: despedindo-nos em sua casa de fazendeira, a Cafeicultura de São Paulo não poderia ter tido representante mais graciosa, nem mais distinta.

## Na Associação Comercial e no Porto de Santos

Foi em Santos, — e nem poderia deixar de ser, que terminámos a nossa investigação sôbre a situação do café de São Paulo. A Associação Comercial de Santos, a gloriosa entidade decana dos Cafeicultores de São Paulo, de todo o Brasil, ofereceu-nos um grande banquete, que reuniu os nomes mais representativos do maior porto de café do mundo.

A Associação Comercial de Santos atravessa agora uma fase de grande projeção na politica cafeeira mundial, sempre na defesa do produto brasileiro, e a manter sempre a sua tradicional estima e consideração pelos mercados importadores dos Estados Unidos e demais clientes do Brasil. Deve-se esta fase, em grande parte, aos dois últimos Presidentes da Associação, meus velhos amigos, Senhores Alceu Martins Parreira e seu sucessor, Presidente atual, Dr. Sylvio Alves de Lima. Coube-me a honra de estar entre ambos, à mesa da bela e generosa festa com que nos brindaram. Entre aqueles *leaders* do maior produto agricola de nossa terra, mais uma vez testemunhamos a cultura e a inteligência dos que trabalham com o café no Brasil. Um pequeno detalhe desse banquete que fala por si mesmo.

Conversando, no banquete, à minha direita e a minha esquerda, respectivamente com Alceu Parreira e com Sylvio Alves de Lima, de um ouvi uma descrição de *Malabar Farm* de Broomfield, nos Estados Unidos, e do outro uma impressão literária do último romance do famoso novelista-fazendeiro. Soube, mais tarde, que este mesmo, levou para sua terra a mesma impressão da convivência que teve com os homens do café e do algodão do Brasil.

No banquete falaram Alves de Lima e Martins Parreira, com a oportunidade de sempre no assunto, mas logo depois eles próprios trans-

formaram o jantar num exame das vantagens que poderão advir do nosso inquérito para o Bureau Pan-Americano de Café de Nova York, e para o serviço deste em defesa e propaganda do nosso café nos Estados Unidos. O exame começou com um discurso-relatório muito interessante e de informação proveitosissima, do nosso prezado amigo e companheiro de viagem, Dr. Geraldo de Mello Peixoto, diretor da Associação Comercial de Santos e seu digno representante da nossa excursão, a quem agradecemos vivamente seu dedicadissimo trabalho.

O Sr. Furcolowe e eu dissemos das nossas i-
pressões, e a festa terminou com uma ent
vista coletiva que dei aos meus dignos e s
páticos colegas dos jornais de Santos, tod
ali representados. Eu já conhecia a importâ
cia da imprensa culta e moderna da gran
cidade paulista; mas como velho repórter q
sou, celebro aqui a habilidade profissional d
companheiros que me ouviram. O assunto e
variado e complexo, e cheio de detalhes; e
me lembro de haver dado antes entrevista q
fosse tão fielmente reproduzida como aquel

# O custo da produção do Café no Brasil

ego ao capítulo, neste Inquérito, que exi- maior soma de investigação em toda a mi- viagem, e que, para maior compreensão problema, intercalei entre as Notas de mi- a visita a São Paulo e as da visita ao Pa- á; e escrevo aqui depois de haver dado ao tor, em capítulos anteriores, todos os dados atísticos que me pareceram interessantes e ortunos no caso.

Naturalmente que investiguei este assunto custo da produção em toda a parte; em São ulo e em todas as suas zonas produtoras; Curitiba e no Norte do Paraná; em Niterói com os Fazendeiros das zonas fluminenses e hoje sucederam a Itaperuna; em Vitória e o Cachoeiro do Itapemirim e com os lavra- ores do Rio Doce; em Belo Horizonte e nas as zonas cafeeiras do Sul de Minas; nos por- s de Santos, do Rio de Janeiro, de Vitória e Paranaguá. Sem dúvida que estudei e com- rei as estatísticas conhecidas do Café Brasi- leiro, os estudos agronômicos e os inquéritos ais oportunos feitos sobre o assunto nos úl- timos vinte e cinco anos.

Recordando tôda essa investigação, quero acentuar que, entre as opiniões ouvidas, uma me impressionou muito, opinião meditada, me- dida e prudente, — a do Sr. Dr. José Testa, diretor da Seção de Estatística da Superin- tendência dos Serviços de Café do Estado de São Paulo, operoso departamento da Secretaria da Fazenda daquele Estado, habilmente dirigido por um Chefe Geral com a experiência e o valor do Sr. Dr. Paulo de Siqueira Campos.

Está claro que não vou detalhar, nem a opi- nião de uma alta autoridade oficial como essa, nem a de qualquer outro dos peritos e especia- listas que ouvi na minha excursão; eu os ouvi com o fim de chegar à média da opinião geral, ou ao juizo comum mais digno de considera- ção, e não para citá-los em entrevistas que, num assunto como este, deveriam pelo menos ser lidas por eles, antes da publicação. Desejo, contudo, dar aqui a opinião do Sr. Dr. José Testa, sôbre a grande dificuldade de chegarmos a um cálculo exato, fixando o custo da produ- ção do nosso café. Eis essa opinião, da qual tomei nota:

"Relativamente ao custo de produção, não temos, lamentavelmente, um levantamento a respeito. Pode-se afirmar, todavia, que esse levantamento será difícil de ser realizado, pois não poderá abranger grandes regiões, generi- camente, mas terá que descer ao detalhe e par- ticularizar cada caso. O preço de produção va- ria ao infinito e cada fazenda tem o seu. De- pende, principalmente, de serem "novas" ou "velhas" as terras, pois naquelas a produção do café é muito maior, e além disso são plan- tados, muitas vezes, intercaladamente, cereais, o que reduz o custo de produção.

Este depende também das condições meteo- rológicas, que fazem as colheitas maiores ou menores. Na mesma região, no mesmo muni- cípio e, às vezes, na mesma fazenda, há talhões de café que produzem muito mais que outros, o que condiciona o custo de produção, que tam- bém depende do maior cuidado que o cafei- cultor dispensa à sua propriedade, visando o futuro ou procurando, apenas, uma grande ren- da imediata, sem se preocupar com o depau- peramento posterior de seus arbustos".

Estas observações do meu prezado amigo, na primeira palestra que tivemos, tratavam principalmente da cultura do café em São Pau- lo; mas depois de toda a minha excursão, ve- rifiquei que, ressalvados certos detalhes que irei registrando oportunamente, elas se aplicam em geral a toda a Cafeicultura do Brasil. E depois destas observações, apesar da imensa dificuldade em fazê-lo, alinharei em seguida os dados que me parecem representar a opinião mais geralmente aceita em São Paulo, sobre o custeio da produção de café no grande Estado, e que podem ser assim resumidos, para facilitar a sua compreensão e os comentários que farei logo depois deles:

> "O preço do custeio varia entre qua- tro cruzeiros e até dez cruzeiros, atual- mente, por árvore. A média, — a *média*

> *teórica* no caso, — seria, pois, de sete cruzeiros por pé de café, em todo o Estado de São Paulo. Como a média da produção paulista tem sido, nos últimos tempos, de trinta arrobas por mil pés, arrobas de quinze quilos, segue-se que o fazendeiro de São Paulo gasta sete mil cruzeiros por um trato de mil cafeeiros, que lhe produzem trinta arrobas ou sete sacas e meia, sacas de sessenta quilos, ou sejam sete mil e quinhentos cruzeiros, a mil cruzeiros por saca. Por aí se vê que *só podem começar a ser interessantes* os cafeeiros cujo *custeio* seja de *seis cruzeiros por pé, ou menos*, cafeeiros estes que constituem a *minoria* dos cafezais paulistas. E como não é possível diminuir o custeio, só há dois remédios: *ou conseguir maior produtividade* dos cafezais, ou *melhor preço* para a exportação."

Eu seria injusto com os cafeicultores do meu país se não fizesse agora as considerações e os comentários que se seguem.

No cálculo imparcial que acabo de resumir, falei duas vezes em *média*: "média" de sete cruzeiros pelo tratamento anual de um pé de café, e "média" de produção de trinta arrobas por mil pés. Devo lembrar aqui que nada é mais fácil do que tirar médias das estatísticas, e ainda mais de estimativas, quando se trata de escrever e publicar um estudo como este; outra coisa, porém, é ser cafeicultor e estar "teoricamente" *dentro dessas "Médias"*, e "de-fato" permanecer pessoalmente em outros números concretos e desagradáveis, sofrendo, entretanto, todas as consequências das *médias teóricas*, que tranquilizam os Economistas, mas não compensam materialmente o Lavrador deficitário.

Para que se entenda minha última observação, recordo que a *média teórica* de sete cruzeiros anuais pelo trato de cada pé de café, é *média* porque os preços vão de *quatro* até *dez* cruzeiros; mas os numerosos Cafeicultores que atualmente pagam de *sete* a *dez* cruzeiros continuam pagando o mesmo preço deficitário, sem que nada adiante a *média teórica*. E o pior é que aumenta diariamente o número dos Lavradores que pagam o custeio acima daquela média, com o crescente êxodo do trabalhador rural e a alta contínua dos gêneros de primeira necessidade.

Quanto à *média* da produção de trinta arrobas por mil pés nos últimos tempos em São Paulo, evidentemente ela é verdadeira, mas oriunda do cálculo conjunto de três grupos, um de pouquíssimos Lavradores que produzem ao redor de cinquenta arrobas por mil pés, outro de poucos produzindo entre trinta e quarenta arrobas, e o terceiro, finalmente, com a grande maioria de Cafeicultores que produzem entre vinte e trinta arrobas por mil pés. No primeiro e no segundo grupos estão os Cafeicultores, com grandes propriedades agrícolas, que possuem também outros meios de vida, são advogados, médicos, engenheiros ou comerciantes, suportaram com certa facilidade os anos deficitários, e dispõem de meios para comprar adubos e fazer grande adubação, e assim obter quarenta e cinquenta arrobas por mil pés. No terceiro grupo, numeroso e na maior parte composto de pequenos proprietários, estão os Lavradores que são apenas Fazendeiros de Café, que dependem inteiramente da colheita de seus cafezais e quase todos, senão todos, produzindo menos de trinta arrobas por mil pés, de modo que a *média* de produção em nada lhes adianta. Para estes Lavradores, as previsões metereológicas são uma permanente ameaça, não só pela diminuição habitual, alternada de cada outra safra, mas também pelas surpresas cruéis das geadas e das secas totalmente imprevisíveis.

Apesar de todo este drama, os novos Bandeirantes, os Bandeirantes do Café não o abandonam, e o levam com eles, nas suas novas *bandeiras*, pelo *filão da terra roxa*. Amam a sua profissão e o perigo de suas aventuras. Foi pensando em todo o drama da história do nosso café que o Dr. Raul Cardoso de Mello, meu ilustrado companheiro de excursão, acentuou com um suave sorriso anatoliano, num discurso com que me saudou, que a Cafeicultura, no Brasil, tem sido até hoje, para o Lavrador, a arte de empobrecer alegremente.

# O Paraná, a grande surpresa do Novo Brasil

Ao escrever pela primeira vez sobre o Paraná, nesta primeira visita, e depois de percorre-lo de Norte a Sul, de Este a Oeste, devo pedir-lhe perdão e fazer-lhe uma promessa. Perdão porque não posso resumir minhas impressões sobre ele dentro deste Inquérito especializado sobre o seu café. Promessa de voltar, antes ou durante o seu próximo e primeiro Centenário, para conhece-lo melhor e poder descreve-lo de um modo geral. Voltar para um segundo banho espiritual de brasilidade no Estado *caçula* da Federação, onde mais de dois milhões de jovens brasileiros, num *melting pot* de velhos Paulistas com variadas raças de Imigrantes Europeus ,estão fazendo crescer um *Novo São Paulo*, no dinamismo de seu progreso, na virilidade alegre de seus homens, na beleza esportiva de suas mulheres.

Com menos de 150.000 quilômetros quadrados, o Paraná, o mais novo dos Estados do Brasil, desmembrado de São Paulo em 1853, tinha em 1872 ainda 127.000 habitantes; 250.000 em 1890; 328.000 em 1900; 686.000 em 1920; .... 1.237.000 em 1940; 2.149.509 em 1950! Já é no Brasil, atualmente, o primeiro Estado *per capita* na produção agrícola; é o segundo produtor brasileiro de café e será o primeiro em poucos anos; tem mais de 1.600 quilômetros de vias férreas e mais de 20.000 quilômetros de rodovias; é o nosso segundo produtor de trigo e de batatas; o segundo produtor de ouro e prata do país, vindo logo depois do Minas Gerais; já é um dos nossos cinco Estados mais importantes pela sua Pecuária, pelo seu milho e muitos outros cereais; o primeiro produtor do mate do Brasil; Estado grande produtor de madeiras e o mais industrial de todos nesse, produto, e apesar da devastação de suas florestas ainda possuindo mais de cem milhões de pinheiros.

Viajei de estrada de ferro, entrei no Paraná por Itararé, São Paulo, visitando no caminho as lindas cidades antigas, inclusive Castro e Ponta Grossa, todas remoçando-se com o progresso geral do Estado. Cheguei a Curitiba pela madrugada. Do alto de um dos seus hoteis, modernos — fazem-se agora mais três, também arranha-céus, para as festas do Centenário, em 1953, — vi o nascer do sol sobre a capital imensa e linda, 141.349 habitantes, a undécima cidade do Brasil, com um clima delicioso, a 900 metros acima do nivel do mar. O Palácio do Governo, os edificios da Universidade, o Ginásio, as ruas modernas e limpas, a gente moça, de uma raça em formação, bela, forte, alegre e feliz, — tudo me impressionou profundamente, desde a primeira hora.

Tendo chegado pela manhã e num domingo, pensei esperar pela segunda-feira, para um primeiro encontro com o Sr. Governador do Estado. Vi, porém, que no Paraná não se perde tempo. O Governador Bento Munhoz da Rocha avisou-me que me esperava nas primeiras horas da tarde daquele mesmo domingo, já depois de ter tido várias outras conferências. Conversamos até as oito horas da noite. Estudamos todo o problema do café do Paraná, acertamos todo o programa das minhas excursões pelo Estado.

Moço ainda, mas em plena maturidade espiritual e com grande resistência fisica, o Governador Munhoz da Rocha era o homem de que precisava o Paraná, nesta hora de suas grandes e decisivas realizações, e na véspera de celebrar o seu primeiro Centenário. Deputado federal operoso, em várias legislaturas, com grande conhecimento da vida do país e da política nacional; paranaense conhecendo cada quilômetro da superficie do seu Estado, e com grande experiência na sua administração, — o Governador Munhoz da Rocha administra a sua terra de inteiro acôrdo com os vários Partidos políticos que o elegeram, todos eles substancialmente representados no seu Secretariado e no Congresso Estadual. Creio que até os mais adiantados paises com regime parlamentar encontrariam algo para aprender ou pelo menos para admirar na administração do Paraná de hoje. O segredo disso é evidente. Sente-se

que o Estado mais jovem do Brasil saboreia nesta hora o entusiasmo da sua exuberante juventude; o seu primeiro Centenário se aproxima, e ele não pens~ senão em congregar esforços para multiplica. as suas grandes realizações. E o Paraná progride com tal dinamismo, que o Senhor Governador já disse expressivamente que as estatisticas de sua terra, apesar de se acharem em dia, quando aparecem, já estão muito aquem do momento em que são lidas.

### O Paraná, o seu Governador e a sua Cafeicultura

Logo na nossa primeira conversa, o Sr. Governador Munhoz da Rocha satisfez a minha curiosidade a respeito do surto paranaense do café. Sua Excia. espera dentro em pouco que o Paraná seja o primeiro produtor de café do pais, diante do ritmo acelerado da sua produção, e da situação mais ou menos estacionária de São Paulo, de Minas Gerais e do Espirito Santo, e da decadência da cafeicultura fluminense. O Governador, entretanto, diz francamente que teria preferido que êsse crescimento da produção paranaense não fosse tão rápido, em dois ou três anos. Preferiria, mesmo, que essa evolução se processasse nos próximos dez anos! E isso porque o Paraná se prepararia com mais tempo para essa evolução.

Sua. Excia. dá-me um exemplo no caso, Enquanto o Governo Federal terá que resolver imediatamente *a reforma de emergência* das vias férreas que servem o Paraná, como as demais do Brasil, o Estado do Paraná terá que fazer o mesmo com as suas rodovias — terá que asfaltar imediatamente mil quilômetros de estradas, desde o Norte do Paraná, a grande zona do Café, até o porto de Paranaguá. Os trabalhos preliminares já começaram. E ouvi depois os detalhes. Basta citar que cada um dêsses mil quilômetros de rodovia asfaltada ficará em um milhão de cruzeiros. Só assim o Paraná poderá servir a essa formidável auto-estrada do Café, por onde já passam diàriamente, em vários trechos, nós meses de safra, de doi: mil e quinhentos a três mil caminhões automóveis!

Pergunto como simples Reporter se a intenção é fazer convergir toda a produção do Estado para o porto de Paranaguá .E o Sr. Munhoz da Rocha me interrompe para dizer que a intenção do Paraná é mais do que n... ca uma intenção de brasilidade — a de trab... lhar fraternalmente unido a cada Estado v... sinho para o mais *racional* escoamento da pro... dução nacional. Assim, como exemplo, enqua... to o café irá cada vez mais para Paranag... — porto que vou conhecer para compreend... a Sua Excia., todos os cereais do Norte d... Estado, celeiro capaz de alimentar quase to... o Brasil, terão em breve ainda mais pont... para atravessar o Paranapanema, e a produç... cada vez maior, continuando a ser entreg... a São Paulo, como o seu grande distribuid... comercial.

Peço ao Senhor Governador que me fa... sobre o que pensa sobre a duração da fe... lidade dos cafezais do Norte do Paraná. Respo... deu-me com a mesma franqueza que foi d... primeiros a temer, como teme, que os cafez... paranaenses não tenham duração maior que ... de vinte anos com a fertilidade atual; é, al... o que já estão a denotar os cafezais mais velh... das zonas de Jacarezinho e do Cornelio Pr... copio. Acrescentou, mesmo, que já alertou ... Paranasenses sôbre êsse assunto, acentuan... que era preciso desde já ir preparando o es... rito dos proprietários para maior dese...vo... mento da Pecuária, para o uso conveniente d... terras que forem ficando decadentes. Isso, e... tretanto, disse o Senhor Governador, será o ú... timo recurso, "porque acredito que antes, se co... o indispensável auxilio federal modernisarmos ... nossa lavoura de café, como espero, com novo... métodos de plantação e adubação devida, o Norte do Paraná será refertilizado e os cafe... sais continuarão a produzir no futuro; m... neste asssunto de modernizar os métodos da Cafeculitura, como de toda a Lavoura, a realidade é que no Paraná temos tudo, ou quas... tudo, ainda a fazer."

### Visita em Curitiba

Visitei em Curitiba a Associação dos Cafeicultores do Paraná, em companhia como sempre, do Senhor Charles Furcolowe, e ainda do Senhor Doutor Felizardo Gomes da Cósta, o ilustrado Secretário da Fazenda do Estado, representando o Senhor Governador.

Na Asociação, falamos o Senhor Furcolow... e eu, depois de saudados por um discurso mu... to oportuno e interesante, do Senhor Garibal...

digno Primeiro Vice-Presidente em exer- na ausência de Curitiba do Presidente, forçado leader do Café do Paraná, Sr. o Barbosa Ferraz. Organizou-se a se- uma Mesa Redonda, em que se discuti- os mais importantes problemas do Café Brasil. Tive oportunidade de conhecer dos Cafeicultores do Paraná. Nessa ão ouvi, também, uma informação sa: cerca de dois terços dos fazendeiros café do Norte do Paraná são filhos de Paulo, incluida uma parte de outros de s Gerais.

### O Porto de Paranaguá

Foi um grande prazer visitar o Porto de aguá, já aparelhado para receber cinco des navios transatlânticos. No dia em que tivemos, estavam atracados, embarcando justamente cinco navios de 10.000 tonela- mas a pequena distância, no pôrto, ou- cinco, com a mesma tonelagem, faziam fila, rados, para também receber café. O Go- o do Estado esperava dentro em pouco, em eração com o Govêrno Federal, iniciar um e serviço de dragagem para aumentar a idade do Pôrto de Paranaguá, que oferece aiores facilidades para isso. Deu-nos to- as informações o nosso prezado compa- o nessa excursão, Sr. Dr. Felizardo Go- da Costa, Secretário da Fazenda do Estado.

A viagem de Curitiba ao pôrto de Parana- deu-me ensejo de conhecer a Estrada de o que liga as duas cidades, maravilhosa a de arte devida ao genio do meu saudoso go e notável engenheiro patricio Dr. Tei- Soares, e construida apezar dos mais fa- os engenheiros europeus haverem julgado praticável aquêle trabalho monumental.

Próximo a Paranaguá, na zona do litoral, ifiquei que já se está plantando café em grande resultado.

### O banquete oferecido pelo Sr Governador do Estado

O Sr. Dr. Bento Munhoz da Rocha, Go- nador do Estado, teve a gentileza de ofere- ecer-me e ao Sr. Charles Furcolowe um ban- uete no Palácio do Govêrno, em Curitiba. i uma festa de hospitalidade e de intelli- cia, que me deu novo ensejo de apreciar a cultura dos Paranaenses e a competência dos Srs. Secretários de Estado, todos presentes, com os quais o Sr. Governador soube organisar o seu Govêrno. Mais uma vez, no discurso com que gentilmente me saudou, o Sr. Dr. Bento Munhoz da Rocha, aproveitou a oportunidade para focalisar os mais importantes problemas do Paraná de hoje.

### A visita ao Norte do Paraná — Londrina, Maringá, Cornelio Procópio e Jacarezinho

Deixei Curitiba depois dessa linda festa, em automóvel do Govêrno do Estado para apreciar todo o longo e interessante caminho, numa viagem do Sul para a grande zona do Café ao Norte do Estado; viajando o dia inteiro para visitar as cidades e culturas ao lado da longa rodovia. Dessa viagem em deante, perdemos a agradável companhia do digno Sr. Secretário da Fazenda, Dr. Felizardo Gomes da Costa; mas tivemos como guias e também excelentes companheiros, dois representantes do Sr. Governador do Estado e da Associação dos Cafeicultores do Paraná, o Sr. Garibaldi Reale, presidente em exercício daquela Associação, e o Sr. Mercio Prudente, diretor da mesma, adiantados fazendeiros de café de Cornelio Porcópio e de Jacarezinho.

Chegámos a Londrina já à noite, mas logo pela manhã pudemos admirar a grande cidade surgida em menos de vinte anos na terra rôxo-vermelha onde havia, então, apenas cafeeiros recem nascidos.

Maringá, Londrina, Cornelio Procópio, Jacarezinho, foram visitas muito agradáveis, onde em contátos intimos com os seus lavradores e Govêrnos Municipais, sentimos de perto o problema dinamico da zona cafeeira hoje a mais importante do Brasil.

Verificámos ali o que já vimos repetindo em vários Capítulos deste estudo. A terra rôxa do Norte do Paraná, certamente devido à Erosão acelerada dos ultimos anos em quasi todo o Brasil, já está dividida em três grupos cafeeiros bem caracterizados: a zona mais antiga, de Jacarezinho e Cornelio Procopio, com a sua fertilidade dando os primeiros sinais de velhice, e com a média de produção de quarenta arrobas por mil pés; a zona nova, de Londrina, com a média de produção de 50 a 60 arrobas por mil pés; a zona novissima, de Ma-

ringá, com um início de produção ainda de média maior que a de Londrina.

Em vários capítulos dêste Inquérito denuncio e peço providências contra a devastação de nossas matas; mas à vista do que vinha sendo feito com as admiráveis florestas paranaenses, principalmente na região de Maringá, aplaudo com entusiasmo a reação do Senhor Governador Munhoz da Rocha, procurando uma solução que evite os males da devastação e não prejudique a plantação de novos cafezais. Para êsse trabalho conta o Sr. Governador com a colaboração eficiente dos seus Secretários de Estado, Senhores Felizardo Gomes da Costa, Hugo Cabral e Newton Carneiro, êste o adeantado industrial e fazendeiro moderno conhecido como o grande inimigo das "queimadas" e "derrubadas" inuteis e contraproducentes.

### O custo da produção do café no Norte do Paraná

O custeio ali é sem dúvida de preço muito mais elevado que o de São Paulo, com a grande falta de trabalhadores rurais; mas evidentemente a média muito mais alta da produção por mil pés resulta relativamente compensadora. Acontece, porém, que os primeiros sinais da decadência dos cafezais mais antigos daquela zona exigem imediata modernização nos métodos da plantação e colheita do produto; e como, nesse sentido, nas culturas paranaenses está ainda tudo por fazer, os lucros da média da produção do Paraná com os preços atuais terão que ser empregados em larga escala, nos próximos anos, na refertilização do sólo e na reforma dos métodos de cultura.

### Uma entrevista com adiantado Agricultor Paranaense

Fui saudado na minha visita à Apac, Associação Paranaense de Cafeicultores, em Curitiba, pelo 1º Vice-Presidente em exercício da Presidência, Sr. Garibaldi Reale, fazendeiro no Norte do Paraná. O discurso do Sr. Reale impressionou-me pelo realismo da sua exposição com que tratou dos problemas cafeeiros do Paraná. Conversei com o Sr. Reale, depois, e várias vêzes, pois foi um dos dignos Representantes do Govêrno do Estado, que me acompanharam na visita aos Cafezais e às Cidades do Norte do Paraná. Tive assim ocasião de obter opiniões suas, que penso reproduzir em seguida com exatidão. Omito, para g nhar espaço, minhas perguntas, dando apen as suas declarações:

— Estou certo de que nosso prezado P tricio e o Sr. Furclowe compreenderão p feitamente a nossa situação, dos lavrador de café do Paraná, e ficarão aptos para de mentir as lendas ridiculas de que esta agora nadando em ouro. Inegavelmente no produção é superior à dos demais Estados c feeiros do país, mas também temos a contr balançar o estado das fazendas quase sua totalidade necessitadas de benfeitorias, co sejam: terreiros ladrilhados indispensáv apezar dos secadores mecânicos; lavador que por si exigem a captação e encaname de água, onerosíssimo ao preço corrente de nos, tijolos, cimento, não contando a mão obra de pessoas especializadas também car ma e muito rara; máquina de benefício, cadores, tulhas.

— Para ter uma idéia dos preços, passo expor-lhe o seguinte: para uma fazenda c 110.000 cafeeiros, avaliada em 1945 em ... . Cr$ 800.000,00, mandei fazer o orçamento a ximado das benfeitorias enumeradas acima. diram-me, no ano passado, para fazê-las quantia de Cr$ 2.000.000,00. Nestas condi estão 95% das propriedades cafeeiras do raná.

— Esta é a situação do grande e médio zendeiro, mas daqueles que vivem exclusiv mente de rendas da fazenda, dos que são fissionalmente lavradores.

— Os donos de fazendas, e que têm ou profissão, podem estar em melhor situa pelas seguintes razões: 1º Êsses donos de zenda, têm maior desembaraço para arra crédito nos bancos, podendo, em caso de cessidade, atender seus compromissos co renda auferida por outra atividade; 2º C lhem, beneficiam e financiam seus cafés, te maiores possibilidades de alcançar preços lhores

— Os pequenos sitiantes também estão d frutando de uma situação financeira mel porque estes, na sua maioria, não se pr cupam com benfeitorias, educação de filhos, e

— A alta do café, verificou-se de mead de Setembro de 1949 em diante, quando o c já se achava em mão dos comerciantes e portadores; portanto não houve sobras par

produtor. Em 1950, vendemos o café no interior, a média de Cr$ 850,00 e Cr$ 950,00, mas como estávamos quase todos endividados, mal chegou para equilibrar nossas vidas. Em 1951, prevendo a safra regular, a maioria sacou sôbre o futuro, mas infelizmente a *quebra* que variou de 30 a 45%, fez-nos entrar na safra atual com "deficits", pois a maioria das fazendas não fez nem para o custeio.

— Desta forma, apesar da alta, o fazendeiro paranaense ainda vai precisar de três anos de colheitas normais para se pôr em dia, e então começar a pensar em irrigação, mecanização e adubação racional.

— Para viagens à Europa ou à América do Norte, como deseja nosso amigo americano, só daqui a 6 anos, se correr tudo muito bem, e se a geada, as secas e outros contratempos não atrapalharem.

— No tocante às nossas relações com o comércio, tenho a declarar o seguinte: até cêrca de 5 anos atrás, nós trabalhavamos, o comércio lucrava e os Americanos bebiam o nosso café a preço muito abaixo do custo da produção. Tenho a impressão que o café que o mundo bebeu, de 1929 até 1939, devia ter o gôsto de suor e de lágrimas, tais foram os sacrifícios impostos à lavoura cafeeira do Brasil.

— Milhares de jovens foram arrancados dos colégios e escolas e voltaram para as fazendas, muitos dêles, *para pegar no cabo da enxada*. Note-se que a crise de 1929 pegou a lavoura refazendo-se da geada de 1918. Sòmente quem viu o desespero e a miséria dessa época é que poderá avaliar a situação que temos hoje. Apesar da grande geada de 1942 aqui no Paraná, a situação da lavoura, como disse, *poderá equilibrar-se daqui a três anos*, caso corra tudo normalmente.

— Terminando, desejo fazer sentir-lhe a nossa surpresa muito agradável, proporcionada pela visita de enviados do Bureau Pan-Americano do Café em Nova York, e especialmente como os meus prezados companheiros de viagem. Nossos agradecimentos ao Sr. Embaixador Sarmanho e ao Conselho Executivo do Bureau por tão simpática e útil iniciativa.

### Opiniões mais otimistas

Devo informar que da grande maioria de lavradores de café do Paraná, e na grande maioria cafeicultores profissionais sem outros meios de vida que a sua lavoura, ouvi sôbre a atual situação do Café no Estado opiniões mais ou menos parecidas com as que acabo de reproduzir, do Sr. Garibaldi Reale: opiniões nem otimistas, como vimos, nem pessimistas. De outro cafeicultor naquela zona, o Sr. João Lunardelli, proprietário de várias outras fazendas de café no Estado de São Paulo, em sociedade com seus irmãos e seu progenitor, o Sr. Jeremias Lunardelli, hoje o "Rei do Café" no nosso Continente, — desse lavrador, também muito competente, e conhecido pelos modernos métodos agricolas empregados nas suas plantações, li opiniões mais otimistas, quando na sua Fazenda do Porecatú, Norte Paranaense, fez interessantes declarações a um grupo de jornalistas suiços, então seus hóspedes. Informou ele aos seus visitantes que existem plantados, no Norte do Paraná, cerca de 250 milhões de pés de café. No entanto, há uns dez anos, o que havia ali era mato, zona sem estradas, mergulhada no atraso e na miséria. Descreveu o início do desbravamento, a derrubada das matas, o enriquecimento facil de muitos ousados que, de simples colonos, graças ao seu arrojo e à compreensão dos seus patrões, puderam progredir.

O Sr. Lunardelli assim terminou:

«Não houvesse os cafezais do Paraná, e hoje não haveria rubiácea para o Brasil exportar, no volume atual» — prosseguiu. «O progresso toma o rumo oeste. É uma marca ininterrupta, incessante, avassaladora». «Sòmente em nossa fazenda, possuimos quatro mil empregados».

«E para os pessimistas que profetizam o rápido esgotamento da terra, com o declinio da sua produção cafeeira, é preciso que saibam que este solo é uma imensa riqueza para o país, que será preservada. Sua exploração será racional, segundo os preceitos modernos do amanho da terra. Nossa agricultura, nesta zona, não é empirica, nem obedece aos processos simplesmente utilitaristas, capazes de arruinar a fertilidade do solo».

Como se vê, a previsão do Sr. Lunardelli de que a cafeicultura ali não será empirica, mas racional e preservada a fertilidade do solo, é feita de modo geral, em nome de todo o Norte do Paraná, e não apenas pessoalmente, como fazendeiro moderno e com os meios financeiros que tem para adubar e irrigar su-

ficientemente as suas plantações. Participo, entretanto, de seu otimismo depois das promessas do Sr. Presidente da República, anunciando a próxima Campanha Nacional pela generalização dos modernos métodos agrícolas.

Outra opinião em parte muito otimista é a de um igualmente abastado paulista, que não me autorizou a dar o seu nome, industrial em São Paulo que também possue uma fazenda de café no Norte do Paraná, com 125.000 pés. É tal a cultura moderna e intensiva que esse industrial e lavrador dá e deu sempre às suas plantações, — que elas lhe deram, de 1923 a 1931, exatamente 185 arrobas por mil pés; de 1936 a 1948, já 109 arrobas por mil pés; mas em 1952 espera ainda 100 arrobas por mil pés. Declaro que de nenhum outro lavrador no Norte do Paraná ouvi informação alguma que se aproxime agora dessa alta produção por mil pés; mas naquelas terras novas e com os métodos agrícolas modernos usados pelo lavrador em questão, não duvido absolutamente de suas cifras e da estimativa para 1952, — e dou aqui com prazer este preaviso confortador aos cafeicultores da região, que esperam agora o crédito agrícola federal suficiente para começarem a adubar as suas terras, e preservar a sua fertilidade. Onde, porém, esse mesmo lavrador pareceu mais pessimista que otimista, foi quando me informou que na sua fazenda, com o tratamento que dá aos seus cafezais, toda a produção inferior a 150 arrobas por mil pés tem sido deficitária, não dá lucro. A informação, entretanto, é importante, para dar uma idéia dos salários do trabalhador e dos preços dos adubos e das benfeitorias nas fazendas do Paraná.

## Paraná e São Paulo, o comércio entre ambos, rodovias, Santos e Paranaguá

O que vi, o que tenho a dizer sobre estes assuntos não cabe nos limites deste inquérito. Em síntese, porém, o leitor deve ficar informado de que o Governo Munhoz da Rocha, com um grande espírito de decisão pratica, já dividiu a sua produção agrícola, quase toda do Norte do Estado, em dois grupos, quanto ao seu escoamento: — o seu café para o seu Porto de Paranaguá, e os cereais, pelas pontes do Paranapanema, para São Paulo, que os consumirá e distribuirá. Essa divisão de transporte, parte em via-férrea e parte em rodovia em ambas as direções, já está pràticamente assentada; mas, apesar de confiante no Governo Federal, que já pràticamente concluiu no território paranaense a Rodovia Getulio Vargas, ligando Belem a Porto Alegre, e que promete agora a reforma de emergência das estradas de ferro, — o Paraná está a executar um Plano Rodoviária Estadual de onze mil quilômetros, dos quais cerca de três mil quilômetros já estão prontos, mil atacados, sete mil por construir. E repito o que disse antes: que mil quilômetros serão asfaltados, incluídas as rodovias que, em safra, diàriamente, servem hoje, a quase três mil caminhões cheios de café, entre o Norte Paranaense e o pôrto de Paranaguá, via Curitiba.

O Senhor diretor do Departamento de Estradas de Rodagem do Paraná, Sr. Major Luiz Carlos Tourinho, justificando a vinda de todo êsse café do Norte para o pôrto de Paranaguá, escreve com grande acêrto o seguinte:

«Dessa forma, toda a produção cafeeira paranaense estará concentrada em área de aproximadamente 40 mil quilômetros quadrados, cujo centro de gravidade é Apucarana. E ao Paraná, que em outros tempos foi aquinhoado com uma mal ajustada rede ferroviária, cujo objetivo foi o de estabelecer ligação de caráter estratégico entre São Paulo e Rio Grande do Sul, sem visar, nunca, a sua economia e muito menos a canalização da sua produção para o mar, cabe agora reajustar o seu sistema viatório, reivindicando uma situação de destaque que bem merece na política viatória nacional.

O aproveitamento dêsse fato natural — o mais curto caminho para o mar — traduzido em linguagem econômica como «linha de mais baixo frete» — impõe-se-nos com a força de um verdadeiro determinismo geográfico da escola retzeliana".

São do mesmo alto funcionário estas interessantes explicações sôbre o comércio inter estadual que tão estreitamente liga o Paraná a São Paulo:

"Tanto quanto o mar é o foco de atração de nossa produção exportável para o exterior, São Paulo é o grande centro consumidor dos nossos cereais, da nossa madeira e do nosso papel.

Centro industrial de primeira grandeza, com população só inferior à da Republica Ar-

...ntina em tôda a América do Sul, o Estado "leader" da federação avança a passos largos no caminho da industrialização, dependendo, entretanto, cada dia mais, dos produtos da agricultura e da flora paranaenses.

Cêrca de 40% da sua importação por via interna é proveniente do nosso Estado; ao mesmo tempo 80% da exportação paranaense, por via interna, destina-se a São Paulo. No tocante à nossa importação, diga-se de passagem que, depois do Distrito Federal e Minas Gerais, somos nós os paranaenses, os maiores consumidores de produtos paulistas.

Esse intercambio interestadual só pode aumentar, de ano para ano, exigindo cada vez mais melhores vias de comunicação entre os dois grandes Estados irmãos".

Com entusiasmo justo e bem paranaense, o ilustrado engenheiro conclue dizendo que realizado este Plano, em poucos anos, o Paraná "estará na vanguarda dos Estados da Federação, só superado pelo grande Estado bandeirante, cooperando pelo engrandecimento, enriquecimento e fortalecimento de todo o Brasil".

Tudo isto faz do Paraná "o mais recente" milagre do Café no Brasil". "Dentro de cinco anos", diz em outro ponto aquele Engenheiro, "a nossa terra será a mais importante zona agricola brasileira, a maior produtora de café do mundo, e também a que mais contribuirá para a entrada de cambiais no Brasil". Tudo isto "milagre do café", no Paraná que produziu 379.000 sacas em 1944-45; 1.885.000 sacas em 1948-49; 2.318.000 sacas em 1949-50; 4.100.000 sacas em 1950-51; e espera 5.000.000 de sacas em 1951-1952. Note-se que me refiro ao "mais recente" "milegre do café, e nunca ao "ultimo". O café é a dadiva, o presente inigualável que Deus, tão amigo nosso que dá impressão de ser brasileiro, deu, ofereceu ao Brasil. E se o Brasil reconhecer afinal o valor dessa oferta, desse "presente divino", si cooperar agora com o seu Presidente na Campanha Nacional pelo reerguimento das nossas lavouras — então o Café continuará os seus "milagres", creando na nossa terra "novos Paranás" e "novos São Paulos". Em 1949, em Nova York, Arthur Santos, um dos mais brilhantes e cultos parlamentares da nossa terra, dizia-me que eu estava em pecado mortal, porque ainda não conhecia o seu querido Paraná. Como fiel católico, agradeço hoje, mais do que nunca, a advertência cristã do ilustre Brasileiro e meu querido amigo.

# Minas Gerais de hoje e de amanhã

A situação atual do Café em Minas Gerais é, *mutatis mutandis*, a mesma do Café de São Paulo e do Espirito Santo: a decadencia conhecida de muitos anos e uma produção mais ou menos estacionária nos últimos tempos, garantida por plantações novas e melhor tratamento dos cafezais velhos, consequencia do retorno das esperanças antigas ao coração dos lavradores, animados pelos melhores preços do último trienio.

As antigas regiões cafeeiras de Minas, zonas da Mata, Sul de Minas, Oeste e Triângulo Mineiro, estão, repito, como as velhas regiões paulistas do produto, e os cafezais do Espirito Santo. Entretanto, assim como em São Paulo há zonas novas, que garantem o *statuquo* contra uma decadencia maior das zonas velhas, tambem em Minas e no Espirito Santo há cafezais novos que aumentam com grandes promessas; e o interessante é que estas plantações nascentes estão localizadas em ambos os Estados nas margens de um grande rio que os banha com o mesmo carinho da sua brasilidade — o Rio Doce.

Para ser inteiramente exato num inquerito como êste, precisarei que nos três Estados o replantio dos cafezais se faz agora cada vez mais, melhorando-se, tambem, o trato das plantações; mas esse trabalho é feito em São Paulo em escala muito maior, e é mais bem feito.

Darei em seguida um resumo que fiz das estatisticas oficiais de Minas, estatisticas que devo à gentileza do seu Governo, dignamente representado pelo Senhor Dr. Vito Sá, diretor geral do Departamento do Serviço de Café, e especialmente pelo Serviço de Estatistica do mesmo Departamento. Em Minas, como em São Paulo e no Paraná, o Serviço do Café faz parte da Secretaria de Finanças do Estado; e esse Serviço de Minas Gerais tem a sua sede principal no Rio de Janeiro. O Secretário das Finanças de Minas é o ilustrado Sr. José Maria Alkmin, uma das grandes autoridades quanto às lavouras mineiras do café.

Não dispondo de saida para o mar, e ainda devido à situação geografica das suas lavouras de café em varias zonas do Estado, Minas Gerais utiliza-se de quatro portos maritimos do Sul do Brasil, mais próximos, para o escoamento do seu produto. E nas cinco últimas safras anuais, de 1947-48 a 1951-52, os totais mineiros do *quinquenio* nos mencionados portos maritimos foram respectivamente os seguintes: Porto do Rio de Janeiro, 9.768.993 sacas; Santos, 2.445.312 sacas; Angra dos Reis, 965.051 sacas; e Vitoria, 577 837 sacas; total geral, 13.757.193 sacas. Agora, em números redondos, as entradas *anuais* de cafés mineiros em cada um dêsses portos: Rio de Janeiro, 1947-48, 1.404.000 sacas; 48-49, 1.451.000 sacas; 49-50, 2.262.000 sacas; 50-51, 2.242.000 sacas; e 51-52, 2.412.000 sacas; Santos, respectivamente pelos anos sucessivos, 971.000 sacas; 523.000 sacas; 305.000 sacas; 463.000 sacas; 185.000 sacas; Angra dos Reis, idem, idem, 133.000 sacas; 121.000 sacas; 289.000 sacas; 176.000 sacas; 249.000 sacas; Vitoria, idem, idem, 213.000 sacas; 118.000 sacas; 111.000 sacas; 89.000 sacas; 49.000 sacas. Por aqui se vê que, nos últimos cinco anos, 71% dos cafés mineiros se escoaram pelo Porto do Rio; 18% por Santos; 7% por Angra dos Reis; e 4% por Vitoria. E a seguir as cifras totais anuais dos cafés que Minas enviou aos quatro portos mencionados: 1947-48, sacas 2.719.463; 48-49, sacas 2.211.638; 49-50, sacas 2.964.545; 50-51, sacas 2.967.433; 51-52, sacas 2.894.141.

Segundo as mesmas estatisticas mineiras, há no Estado 470.121.527 pés de café, que produziram nas últimas safras o seguinte: em .. 1947-48, sacas 2.749.994; em 48-49, sacas ...... 2.408.236; em 49-50, sacas 3.120.338; em 50-51, sacas 2.765.314; em 51-52, até Fevereiro de 1952, sacas 3.117.371.

A produção pelas zonas produtoras foi a seguinte, sempre em sacas:

| *Safras* | *Sul de Minas* | *Zona da Mata* |
|---|---|---|
| 1947-48 ............... | 1.046.547 | 1.703.447 |
| 48-49 ............... | 1.012.195 | 1.396.041 |
| 49-50 ............... | 1.390.447 | 1.730.091 |
| 50-51 ............... | 1.029.631 | 1.735.683 |
| 51-52 (1) .......... | 1.324.789 | 1.792.582 |

A média anual de produção de cada zona, arrobas por mil pés:

| | |
|---|---|
| Sul de Minas propriamente dita.... | 26 arrobas |
| Sul de Minas — Oeste de Minas.... | 30 " |
| Sul de Minas —Triângulo Mineiro... | 24 " |
| Zona da Mata ...................... | 25 " |

A estatistica minera dá como média geral da produção do Estado — 26 arrobas por 1.000 pés.

### Minas Gerais, o seu progresso atual, o seu Governador e o seu Café

Na conclusão dêste meu estudo, procurarei explicar porque nunca esperei dos Governos de São Paulo, de Minas e do Espirito Santo — experiências decisivas contra a decadência de sua cafeicultura; e nem do Govêrno do Estado do Rio a salvação de morte iminente dos cafezais fluminenses. Só o Govêrno Federal poderia tomar a direção de tarefa semelhante, naturalmente assistido pelos Estado cafeeiros. Na explicação que aqui anuncio celebro a oportunidade, por todos os motivos, com que o Sr. Presidente Getulio Vargas acaba de lançar a Campanha Nacional pelo reerguimento agro-pecuário do Brasil. E entre os motivos dessa oportunidade, quanto ao reerguimento da cafeicultura, estão os cinco governadores dos nossos grandes Estados cafeeiros, os melhores colaboradores que o Chefe da Nação poderia conseguir para a Campanha Nacional.

Asim como em São Paulo e no Paraná eu já havia chegado a esta opinião quanto aos seus administradores, assim também em Belo Horizonte continuei confirmando a minha observação.

O espirito moço do Sr. Governador Juscelino Kubitschek e a juventude da sua formosa Belo Horizonte estão muito bem juntos, nesta hora nacional de grandes realizações. Em pouco mais de um ano de administração, S. Exa. preparou Minas Gerais para uma era decisiva em todo o seu progresso; mas no egoismo civico de fazedor de um inquerito como êste, eu peço venia para registrar antes de mais nada que S. Exa. preparou Minas para cumprir o seu dever no reerguimento da cafeicultura no Brasil.

Na minha visita rápida a Belo Horizonte, depois de voar sôbre as várias regiões dos cafezais mineiros, fiz algo que não foi rápido — interompi o trabalho do Governador de Minas Gerais, tive a honra e o prazer de viver com êle, numa tarde inteira, todo o programa de seu Govêrno, a parte já executada, a parte em execução e a parte ainda projetada. O mais interessante para mim nesse exame comum foi verificar que a parte ainda projetada pràticamente já está em começo de execução. O dinamismo do Governador de Minas está muito longe do começo do Século, quando Anatole ainda julgava necessário ensinar apostolicamente que as utopias eram as realidades de amanhã. Neste meio século já passado, para o administrador mineiro, não ha mais utopias, e os seus "amanhans" são efetivamente de vinte e quatro horas; e no seu longo programa, não ha plano que já não tenha começado numa planta, num orçamento concreto econômico, num projeto de engenharia, num compormisso juridico que evite efetivamente o abandono da ação.

Assim como os minerais preciosos que deram o nome à terra devem viver impacientes no sólo mineiro, esperando que venham extraí-los para que vivam e brilhem ao sol, assim também parecem viver no espirito inquieto do Governador os seus inúmeros planos, organizados com inteligência prática, e aquecidos por um evidente calor civico. Sinto essa duplicidade quando ouço as suas claras e convincentes explicações: a sua prudência de bom mineiro e o seu entusiasmo de sonhador, mas de sonhador que prova com números e fatos irrecusaveis o que já fez num ano de Govêrno no Estado imenso, com quinhentos e noventa e dois mil quilômetros quadrados e com sete milhões oitocentos e quarenta mil habitantes, em número redondo quinze por cento dos Brasileiros — hoje, a segunda população do Brasil.

(1) Até 29-2-52

Logo depois de tomar posse, não se fechou o seu Palácio em Belo Horizonte. Resolveu ver, sentir pessoalmente, as necessidades de todo o Estado, de cada um dos seus 387 municípios. Nos primeiros doze meses de governo, em aviões pequeninos ou grandes, visitou sessenta e seis municípios, meia dúzia por mês, e toda Minas sabe que não regressou de nenhum deles sem deixar autorizados melhoramentos ou obras mais urgentes.

### Minas Gerais de hoje e de amanhã

Encontrou o Estado com uma receita de 900 milhões de cruzeiros, despendendo com o funcionalismo 750, e quase 300 milhões de deficit. Em um ano, desapareceu o deficit; ficaram em dia os compromissos do erário estadual, inclusive o funcionalismo, sanearam-se as finanças, restabeleceu-se o crédito. Para a execução do novo plano administrativo, aumentaram-se alguns tributos, modificaram-se outros, mas ficaram todos claramente destinados a obras públicas urgentes, já realizadas ou em realização, ou vinculadas à construção de usinas e rodovias, que constituem a espinha dorsal do programa Kubitscheck, o seu binômio de "Energia e Transporte". Em matéria de transporte, neste primeiro ano foram já abertos 482 quilômetros do Plano Estadual mínimo, em atividade, de 3.000 quilômetros de rodovias, das quais 500 quilômetros asfaltados; e já se estudaram mais 3.000 quilômetros de rodovias novas, além de reparações nos 8.000 quilômetros de velhas rodovias mineiras. Quanto à multiplicação de energia elétrica no Estado, também foram iniciadas as barragens para duzentos mil cavalos de força divididos pelo Estado de acordo com o melhor interesse econômico de Minas, incluídos os cento e quarenta mil cavalos que farão seu caminho até Belo Horizonte, vindos do Alto Rio Doce, da Usina Santo Antonio. A Usina de Tronqueiras, em construção, para dez mil cavalos e a Usina de Otutinga, para cinqüenta mil cavalos, já foram incorporadas juntamente com a Usina Santo Antonio pela Cemig, ou Centrais Elétricas de Minas Gerais, S. A., de propriedade do Estado, que na sua economia mista, orientará todas as Companhias subsidiárias, e espera oferecer a Minas um total de quatrocentos e cinquenta mil cavalos de força em mais três anos, com outras novas realizações e a energia já em produção até esta data.

Não é possível acompanhar todas estas realizações de 1951. Somente mais algumas cifras. Para reflorestamento, três milhões de mudas e 450 milhões de sementes. Duas novas Escolas de laticínios. 2.753 máquinas agrícolas e mais de cem mil enxadas. Enquanto se esperava pelo crédito agrícola federal, a Caixa Econômica Estadual concedeu seu auxílio em 89 minicípios, na medida do possível. Instalando-se mais cento e três Postos de Saúde pelas diferentes zonas do Estado, incluídos os 60 municípios de Minas que ainda não tinham sequer um médico até hoje. Num desses municípios sem médico, na visita que lhe fazia, o Governador Kubitschek pediu para interromper a cerimônia da sua recepção, enquanto atendeu, como médico que é, a um habitante que enfermou.

Dentro de um empréstimo francês concluído, de vinte milhões de dólares, já está encomendado grande parte do reequipamento de máquinas agrícolas e industriais, e de materiais de usinas de energia, de que Minas hoje necessita. Entre as novas grandes usinas de siderurgia que vão agora trabalhar em Minas, o Sr. Governador anuncia as célebres Indústrias Manesmann, que ali vão inverter 400 milhões de cruzeiros, a Inglesa Vickers e a brasileira Lundgren, inversões de mais de cem milhões. Com a Manesmann e a anunciada ampliação da Belgo-Mineira, servidas pela energia das novas Usinas em construção, o Governador Kubitschek espera poder realizar "o velho sonho do povo mineiro, que deseja ver as suas imensas jazidas de ferro industrializadas dentro de Minas"; e com a realização desse velho sonho, caberá a Minas, dentro de seu território, a maior produção de aço do Brasil.

Estudando como estava a situação da Cafeicultura Mineira, e sentindo como é promissor o futuro próximo do grande Estado que é uma das colunas mestras da nossa Agricultura, foi com especial prazer que ouvi, também, a declaração do Sr. Governador Kubitschek, de que o maior problema a ser incentivado em 1952, no ritmo que estava dando às realizações de seu Governo, seria o do reerguimento das lavouras de café de seu Estado.

# A minha visita ao Espírito Santo

Minha excursão por todo São Paulo fez-me sentir intimamente aquele conhecido ritmo inigualavel de progresso humano de todos os tempos; minha detalhada viagem por Minas, o "povo que se levanta" de João Pinheiro, fez-me ver esse povo definitivamente "de pé", como sabe todo o país, dinamizando as energias imensas da sua terra e do seu homem, matriculando oito milhões de mineiros na "hora brasileira" das grandes realizações; meu estudo sobre o Estado do Rio obrigou-me a concluir pela oportunidade formidavel e única que o Brasil oferece aos fluminenses e que estes já aceitaram com a euforia e a coragem de seu entusiasmo cívico; as minhas visitas investigadoras ao Paraná e o Espirito Santo, entretanto, foram as duas impressionantes surpresas dêste Inquérito, como dois pequenos Estados que pelo seu progresso se tornam grandes, como os seus irmãos maiores da Federação.

Sobre o Paraná, em vésperas de apresentar-se ao mundo como a maior zona mundial produtorá de café, sendo já o nosso maior centro nacional de produção agrícola per capita, já falei detalhadamente neste trabalho. Este é o momento de falar sobre a minha outra surpresa, sobre o Estado do Espirito Santo, 44.000 quilômetros quadrados, 861.562 habitantes, 50,71% homens, 49,29% mulheres; e além desse bom equilíbrio dos dois sexos, uma população jovem e forte, em cujo total a percentagem dos maiores de 50 anos é de 8,21%, e a de Capichabas menores de quinze anos sobe a 44,55%. Outra nota de brasilidade, diante do progresso espiritossantense, mas também um aviso quanto à conveniência, que já lembrei, de Imigração estrangeira de agricultores e de técnicos, *não de quantidade*, nesta hora perigosa para isso, *mas de qualidade*: — os habitantes do Espirito Santo de hoje são, 99,23%, brasileiros natos; 0,25%, brasileiros naturalizados; 0,51%, estrangeiros. E dos brasileiros natos residentes no Estado, 89,10% nasceram no Espirito Santo. Ainda outras notas sobre os espiritossantenses da atualidade. Entre os adultos, 55% de casados. Entre as pessoas alfabetizadas de 10 anos e mais, em números redondos, 78% nas cidades, 64% nos quadros suburbanos, e 39% nos quadros rurais. Agricultores, entre os adultos, 73,22%. As cidades ou quadros urbanos concentram apenas 17% dos 861.562 espiritossantenses de hoje. E estes, pelo Censo de 1950, representam apenas 1,6% dos 52.645.479 brasileiros contados em todo o nosso país.

O Sr. Dr. Jones dos Santos Neves, atual Governador do Estado, num discurso saudando o Sr. Presidente Getulio Vargas, que S. Exa. e seus coestaduanos consideram um dos maiores amigos do Espirito Santo, dizia em 1951, em Vitória, no Quarto Centenário da sua linda Capital, hoje de 51.329 habitantes:

"Somos hoje o oitavo Estado da Federação nos orçamentos normais da receita. Ocupamos o quarto lugar na produção nacional do café, e o nosso Porto já figura entre os primeiros de todo o Brasil em tonelagem exportada. E temos apenas quarenta e quatro mil quilômetros quadrados e menos de um milhão de habitantes, o que nos situa, seguramente, em lugar de destaque entre as demais unidades do país, quanto à produção "per capita".

Nesse mesmo discurso, falando de seu plano de governo em execução, novas Estradas, ampliação do Porto da Vitória, construção de grandes usinas de energia elétrica, disse mais:

*"A rodovia Vitória-Colatina, em seu novo traçado pelas planícies que margeiam o rio Doce, seguindo o mesmo roteiro dos primeiros desbravadores, está em plena marcha, o mesmo acontecendo com a nova estrada Guaçuí-Cachoeiro-Vitória. Uma equipe de técnicos alemães, contratados pelo Estado, trabalha intensamente às margens do Santa Maria para recolher de suas quedas o potencial elétrico destinado a movimentar as nossas usinas. Complementa-se o Porto de Vitória com as obras já iniciadas para a conquista de uma área aproximada de* 1.600.000 *metros quadrados, e estamos*

*recomeçando a dragagem de toda a sua bacia de evolução, preparando-a para permitir* o *acesso a navios de 15.000 toneladas, de molde a facilitar também* o *problema nacional de exportação de minérios da Cia. Vale do Rio Doce"*

Isto foi dito em Setembro do ano passado, pouco mais do 1º semestre da administração do Sr. Santos Neves, e eu venho do Espírito Santo agora, pouco mais de um ano do seu Governo. Vi a atividade da dragagem do Porto da Vitória. Quanto à conquista do milhão e seiscentos mil metros quadrados de aterro que vão ainda mais alargar e embelezar a cidade e o porto, percorri e admirei os 250.000 metros quadrados já prontos. As duas grandes Rodovias, uma para o Rio Doce, ao Norte, outra para o Cachoeiro do Itapemirim ao Sul, e aproximando os cereais da Capital do País, estão sendo muito bem construidas. E admirei igualmente o rápido trabalho preliminar dos técnicos, nas quedas dágua do Estado, destinado a produzir em poucos anos energia elétrica que ao cabo do plano quinquenal excederá talvez o conjunto programado de 25.000 Kws. de força.

As afirmações que transcrevo do Sr. Santos Neves e o Inquérito a que procedi no seu Estado apresentaram-me o operoso Governador tal qual ele é — moço e trabalhador, e pondo a sua inteligência, a sua cultura, a sua inegavel experiência, ao serviço construtivo do Plano quinquenal que se traçou, para a indiscutivel e grande evolução econômica do Espirito Santo nos próximos anos.

Louvo a alegria cívica com que S. Exa. lembra que os Espiritosantenses estão realizando essa obra "com os seus próprios recursos, sem recorrer a auxílios financeiros estranhos, *fiéis à nossa amarga experiência de Estado sem retaguarda política*, e que Nabuco definiu magistralmente como *a "arte" de contar consigo só"*. E os grifos são meus, para acentuar melhor que este serviço de *artista* não está sendo prestado sòmente à sua terra, mas a todo o país, exemplo de um Estado pequeno, mas operoso, que com o êxito do seu trabalho individual inspirará as energias coletivas da nacionalidade.

## A Cafeicultura no Espirito Santo

Era natural que a experiência administrativa do Sr. Governador Santos Neves, que governa pela segunda vez o Espírito Santo, também me desse a melhor e a mais franca informação sôbre a situação das lavouras cafeeiras do seu Estado. S. Exa., aliás, deu-me essa informação a lêr, no seguinte trecho do seu discurso de posse, de Janeiro do ano passado:

"Mas nem por isso deixamos de lamentar o estágio rudimentar e preguiçoso em que permanece a cultura do café em nosso Estado. Produto básico de nossa economia, não mereceu ainda dos governos uma política severa em prol do aprimoramento de sua cultura. Os processos rotineiros campeiam ainda, sem que se cuide de melhorar as práticas culturais, de aperfeiçoar os métodos de colheita e preparo do produto de molde a colocar a produção cafeeira do Estado em bases seguras de competição. E no entanto os inúmeros ensaios, já realizados, demonstram cabalmente a possibilidade de se obterem, em todas as zonas do interior cafés das mais finas descrições. Impõe-se, pois a urgente necessidade de um maior zelo e carinho para com esse produto, responsavel direto pelos nossos surtos de prosperidade e depressão, acompanhando-o desde o campo até o porto de exportação, através de medidas de vigilância e repressão em defesa do aprimoramento de seus tipos e qualidades. Um grande esforço deve ser desenvolvido também para a diversificação da produção rural e para a defesa do nosso solo, enfraquecido pela contínua exploração sem o corretivo de fertilizantes e corroído constantemente pelo cirro da erosão."

Nestas duzentas palavras de realismo construtivo o Governador Jones dos Santos Neves diagnosticou todos os males de que sofre a Cafeicultura de sua terra, indicou os remédios de que ela precisa e apontou as vantagens que premiarão a luta, luta que S. Exa. já iniciou, para o reerguimento das lavouras cafeeiras do Espírito Santo. A Campanha Nacional da Produção vai encontrar no Govêrno daquêle Estado um aliado fiel e um colaborador de valor decisivo.

Na lavoura de café do Espírito Santo, em decadência mas estacionária em matéria de safras como já expliquei, sentem-se bem os relativos "surtos de prosperidade e depressão", aos quais se referiu o Governador Santos Neves, nas seguintes oscilações de algumas de suas últimas colheitas: 1.950.000 sacas em 41-42; 1.278.000 em 44-45; 2.132.000 em 45-46; 1.207.000

[illegible]-47; 2.042.000 em 47-48; 1.032.000 em 48-49; [illegible].100 em 49-50 e 1.387.000 em 50-51. Em todo caso a percentagem do Espírito Santo no total da produção nacional melhorou no último decênio, pois foi de mais de 15% em quatro safras, enquanto subiu só numa safra até 12% entre 1925 e 1940.

Outro ponto interessante da crítica do Governador do Estado que acabei de transcrever é o que se refere ao "estágio rudimentar e preguiçoso" da Cafeicultura Espiritosantense quanto a produzir melhor qualidade, melhores tipos de seus cafés, coisa que ainda não fez — podendo ter feito, se tivesse deixado os "processos rotineiros" e se os governos tivessem adotado "uma política severa em prol do aprimoramento de sua cultura". Tem toda a razão o Sr. Santos Neves. Quanto à qualidade, o Espírito Santo produz o famoso café "Capitânia" que desde muitos anos é, segundo me informaram, a qualidade preferida por Sua Santidade o Chefe atual da Igreja Católica; um café que, bem cultivado, despolpado e bem beneficiado, conquistaria uma especial aceitação nos melhores mercados mundiais. E o café "Capitânia", que em zona apropriada é plantado com sucesso pelo sistema do *sombreamento*, segundo me informaram, e em mais de uma fazenda do Estado, — o "Capitânia" poderá ser assim um excelente exemplo para todo o país daquele sistema de cultura.

Quanto a outro café do Espírito Santo, — o "Caturra" — êle continua sendo estudado favoràvelmente e com grande interesse no Instituto Agronômico de Campinas, pelo seu digno Chefe da Sub-divisão de Genética, o Sr. C. A. Krug.

E' um tipo de café de menor porte, com produtividade muito maior, e que permite concentração de árvores por hectare muito maior que a atual, (em que a média é de 800 cafeeiros por hectare, ou de 1.800 a 2.000 cafeeiros por alqueire, cada alqueire de 24.200 m. c.).

Sôbre todos estes assuntos conversei, com muito proveito para mim, com o ilustre Sr. Governador do Estado e seus dignos Secretários de Estado, especialmente com o seu operoso Secretário da Agricultura, o Sr. Dr. Eurico Ruschi, e com uma outra grande autoridade em assuntos espiritosantenses, o Sr. Desembargador João Manuel de Carvalho, Presidente do Tribunal Superior do Estado, meu caro amigo e velho companheiro de mocidade. Também obtive excelentes informações no Centro do Comércio do Café da Vitória, que amàvelmente me ofereceu um banquete, ao qual compareceram todos os Srs. Secretários do Estado, Presidente da Assembléia Legislativa e Prefeito da Vitória, Deputados federais e estaduais. Tive oportunidade de falar com os mais adiantados lavradores e comerciantes de café do Espírito Santo, e de ouvir um substancioso discurso do digno Presidente do Centro, o Sr. Joaquim Ribeiro Gonçalves. Recebi, também, interessantes trabalhos sôbre os Cafés do Espírito Santo, do Sr. Josué Prado, Presidente da Bôlsa Oficial de Mercadorias da Capital.

Experimentei no Espírito Santo, como já disse, uma grande surpresa, proporcionalmente tão grande como a que tive no Paraná. Encontrei um Estado pequenino com uma das menores populações do Brasil, que teve uma Receita orçada em 153 milhões de cruzeiros no ano de 1949, e, entretanto, arrecadou 229 milhões; que orçou 163 milhões em 1950, e arrecadou 264 milhões; que orçou 239 milhões em 1951, e arrecadou 343 milhões; que orçou 417 milhões em 1952, e já está arrecadando também muito mais que a previsão feita. Encontrei na Vitória, em 1952, depósitos bancários num total de 730 milhões de cruzeiros, quase quatro vezes mais que os 212 milhões de 1948. Com estas cifras indicadoras do rítmo atual do progresso espiritosantense; calculando antes de mais nada todo o minério que é dali exportado em rítmo ainda maior, e todo o carvão por ali a importar; contando com a *nova era* "inevitavel" da Cafeicultura; somando as demais exportações marítimas que vias-férreas e rodovias novas e reformadas fatalmente provocarão; reunindo os resultados da expansão industrial que as novas Usinas elétricas determinarão e já estão mesmo determinando, e outras iniciativas já em realização, — este velho Reporter, habituado a ver o tempo acertar em somas e multiplicações concretas, chegou assim à impressionante surpresa, à quase certeza de que, em três ou quatro anos mais, sempre dentro do rítmo atual, o Espírito Santo chegará sem dúvida a ter como movimento, no seu Porto da Vitória, uma tonelagem que se aproximará muito da do Pôrto de Santos E isto será apenas um começo de realização do destino espiritosan-

tense, que Oswaldo Aranha assim previu luminosamente, em todo o seu fulgor:

"O Espírito Santo é o eixo econômico e político do acesso natural ao Planalto Central. Foi essa idéia que me fez sugerir e favorecer a iniciação da Cia Vale do Rio Doce, não como exploradora e exportadora de minério, mas como via, financiada por si mesma, do acesso ao Planalto Central, sem cuja conquista, povoamento e desenvolvimento, o Brasil será s[illegible]pre um aglomerado litorâneo, um país form[illegible] por colônias, enfim, um grande arquipélag[illegible] A missão do Espírito Santo não é só a de abr[illegible] esta possibilidade, mas, como paralelo divis[illegible] das zonas temperadas e tropical, a de favorec[illegible] a fusão, através do planalto, das duas regiõ[illegible] geogràficamente opostas e polticamente contr[illegible]ditórias em que se divide fisicamente o no[illegible] país."

# O Estado do Rio, o seu Café e o Governador Amaral Peixoto

A minha visita ao Estado do Rio, em companhia do Sr. Charles Furcolowe e pelo Bureau de Café de Nova York, graças às facilidades do Sr. Comandante Amaral Peixoto, digno Governador do Estado, deu-me a impressão exata da situação grave em que se acham as suas culturas do café Os famosos cafezais fluminenses, que começaram a ser plantados há quase duzentos anos, em 1760, estão desaparecendo. Assim como não podemos acusar os Governos estaduais de São Paulo, Minas Gerais e Espirito Santo pela decadência de sua cafeicultura, também não deve ser acusado o Governo fluminense. A Cafeicultura é um problema nacional, o maior problema da Agricultura em todo o nosso país, requerendo, consequentemente, uma solução geral, uma solução nacional em grandes dimensões.

Um ligeiro golpe de vista sobre as estatísticas dos últimos vinte anos é suficiente para o diagnóstico dessa agonia cafeeira. Na safra de 1931-32, o Estado do Rio, já em decadência como produtor, exportava 1.370.000 sacas,. E foi o último ano em que os cafés fluminenses ainda tiveram uma sétima cifra no total de sua exportação; daí em diante nunca mais chegaram a um milhão de sacas. Veja-se a produção a seguir: 1932-33, 850.000 sacas; 1933-34, 905.000; 1934--35,893.000; 1935-36, 995.000; 1936-37, 931.000, e esta foi a última safra que chegou à "casa" das novecentas mil sacas. De 1937 para os nossos dias, o declínio foi bem denunciador da agonia atual: 1943-44, 727.000 sacas; 44-45, 215.000; 45-46, 672.000; 46-47, 270.000; 47-48, 445000; 48-49, 142.000; 49-50, 586.000; e em 50-51, 210.000 sacas.

O Estado do Rio, entretanto chega a essa situação gravíssima numa hora em que ainda pode ser salvo, ou ainda melhor que isso, na melhor oportunidade para a salvação dos seus cafezais, — na hora da "batalha da produção", a Campanha Nacional que acaba de ser lançada pelo Sr. Presidente da República, para ser travada em todo o Brasil. E para cooperar com o Chefe da Nação dentro do seu território, o Estado do Rio tem hoje um Governador com a mesma energia, a mesma competência e a mesma brasilidade dos estadistas que estão governando São Paulo, Minas Gerais, Paraná e o Espirito Santo.

Sei que a "batalha da Produção "quanto ao Estado do Rio vae requerer do seu Governante um trabalho excepcional, e de uma responsabilidade imensa. Mas eu seria injusto se não dissesse desde já que o Sr. Amaral Peixoto é o homem para essa responsabilidade e para êsse trabalho. Não lhe presto favor, fazendo-lhe esta justiça, conheço-o desde muitos anos, vi-o trabalhar ao lado do Sr. Presidente Getulio Vargas; e era por intermédio de S. Exa. que eu me entendia com o Chefe da Nação na sua primeira Presidência, quando não o fazia pessoalmente, como fundador e primeiro presidente que fui, do Conselho Federal do Comércio Exterior do Brasil.

Na batalha da Produção, a ser travada imediatamente, o Estado do Rio será a fôrça de choque, ou melhor, será o exército da vanguarda nessa luta imensa. E será a vanguarda, por estar *ao lado* da Capital do país, e continuar esta sempre em perigo de fome quando os gêneros de primeira necessidade não são produzidos *também ao seu lado*, neste momento em que praticamente não há meios de transporte no Brasil.

Uma produção maior de produtos agro-pecuários, em território contiguo, limitrofe com esta Capital como é o Estado do Rio, terá uma importância primordial como primeira experiência da Campanha a ser iniciada pela Presidência da República. E como se trata na maioria de produtos de culturas anuais, de colheitas imediatas, o sucesso do Estado do Rio será um estimulo e um ensinamento para tôda a "batalha da Produção."

O reerguimento da Cafeicultura Fluminense se realizado de modo o mais rápido possivel, será também melhor exemplo, o melhor modelo a ser seguido pelos demais Estados cafeeiros para recuperação de velhas culturas, princi-

palmente tratando-se de seus cafezais, muitos de 80 e 100 anos, mas que adubados, tratados intensivamente, não poderão deixar de produzir tão fartas colheitas quanto os bem tratados cafezais seculares de hoje, na América Central. Desta maneira, salvando a sua própria Cafeicultura, o Estado do Rio será ao mesmo tempo o campo de demonstração prática ideal para todo o Brasil.

Para tôda essa transformação e reerguimento de sua produção cafeeira, não falta espaço no Estado do Rio — as suas vastas terras decadentes hoje tão faceis de serem refertilizadas com os modernos processos agricolas; e as terras da Baixada Fluminense, em cuja recuperação o atual Sr. Governador anteriormente prestou grandes serviços, sem dúvida já com a idéia de fazer ali o celeiro mais próximo dos mercados da Capital Federal.

Repito que ao Sr. Amaral Peixoto sobram a energia e a competência para realizar essa obra urgentissima . E justamente pelo seu valor e pela sua experiência no assunto, creio mesmo que S. Ex. engrandeceria ainda mais essa obra, se a conjugasse com o serviço de aumento da produção agro-pecuária já iniciado na sua jurisdição pelo Sr. Prefeito do Distrito Federal; e se ambos pudessem encaminhar para a Baixada Fluminense e para a zona rural desta metrópole, com vantagens estimuladoras e justas, as parcelas que o quizessem, dos duzentos e cinquenta mil habitantes das Favelas do Rio de Janeiro. Mesmo que êles se alojem nesta Capital em Favelas reconstruidas e melhoradas ou nas casas ou apartamentos populares suburbanos, viverão inutilmente e asilados pela benemerência do nosso serviço social, como orfãos atrazados, ou velhos precoces. Entretanto, como na maioria os Favelados vieram até o Rio das zonas rurais do país, com a nova obra que aqui lembro, seriam êles reintegrados no seu meio habitual, mas ficando ao lado da nossa metrópole, com terras próprias, que poderiam mesmo fazer parte das Fazendas Coletivas, lembradas pelo Sr. Presidente da República, já em execução por sua ordem em outras regiões, como a Fazenda Coletiva Poracatú do Vale do São Francisco, que está sendo habilmente instalada pelo ilustre Sr. Dr. Paulo Peltier de Queiroz.

E quanto aos pessimistas sobre a qualidade do *Faveleiro* usado como colono agricol e especialmente quanto ao prejuizo anti-racista por serem na maioria pessoas de côr os habitantes das Favelas, — não nos esqueçamos de que o "ciclo do café" não teria sido possivel no Brasil, nem se teria mantido até 1888, sem o concurso do negro-escravo, e isso principalmente no Estado do Rio de Janeiro.

Ainda não tive o prazer de conversar sôbre este assunto com o Sr. Governador Amaral Peixoto, mas não tenho dúvida sôbre o interesse que lhe merece o problema, o seu estudo pessoal do mesmo e o seu êxito em resolvê-lo no seu glorioso Estado, *alma mater* do Café do Brasil.

Tenho acompanhado de longe, do estrangeiro, a sua ação politica, e mesmo sem ter praticado até hoje a politica interna, já pude perceber uma de suas qualidades como condutor de homens — a da colaboração geral num país em construção nacional, no qual os Partidos ainda não se fundam em princípios, e, como consequência, a sua boa vontade em colaborar com todos os espíritos compreensivos e criteriosos de seu Estado nesta obra de brasilidade.

Insisto, pela primeira vez neste Inquérito, sôbre um tema que póde parecer político, mas que no fundo não o é. Como conheço bem o Sr. Amaral Peixoto e a sua formação como homem público, quero dizer-lhe aqui, de público, que ninguém poderá negar-lhe as qualidades para ser com toda a oportunidade, neste grave momento econômico para o Estado do Rio e todo o país, o administrador capaz de reerguer a Agricultura Fluminense e de salvar a sua tradicional Cafeicultura, aproveitando o plano do Sr. Presidente da República pela maior Produção do Brasil.

# Fixar o trabalhador no campo

Campanha Nacional que acaba de abrir uma produção maior no Brasil, a primeira vidência que no seu programa estabeleceu Sr. Presidente Vargas foi a de *fixar o trabalhador rural no campo*. Já vimos que mais setenta por cento dos Brasileiros que trabalham são trabalhadores dos campos, da nossa vida agro-pecuária. Sabemos que com a ...a e presente Seca do Nordeste do Brasil, ...e quinze milhões de Brasileiros se sacrificam noite e dia, esperando que o Brasil re...va o problema não só com socorros de emergência, mas também com uma decisão, embora ...morada, — com esta crise naquela região, ...riamente, em média, 1.500 Nordestinos ou ...is abandonam aquelas terras, em demanda ... Sul do Brasil, e principalmente do Norte do ...raná, de todo o Estado de São Paulo, da ca...al paulista e desta Capital. Só no Estado ...ndeirante entraram 103 mil Nordestinos em ...; 101.000 em 1950; 207.000 em 1951. E ao ...o dêsse êxodo que já se iniciou grande. ...s que se multiplica alarmante nos últi...os anos, cresce outro êxodo ainda mais ...ave, não sòmente regional mas já nacional, que ameaça imediatamente toda a produção do ...is inteiro: — o êxodo do trabalhador rural ...ra os grandes centros urbanos. Vários mo...vos, todos alarmantes, para isso: a atração ...os salários maiores das Indústrias e da vida ... cidades, o desânimo ante a decadência cres...nte e o desamparo da Agricultura, sem crédito ...ra financiá-la, nem transporte indispensavel ...ra a venda de seus produtos.

Quem quiser ser testemunha ocular deste ...petáculo desolador passe algumas horas por ...a, escolhamos como exemplo, no Campo de ...o Cristovão, nesta Capital. Não é preciso ...ir da Cidade Maravilhosa. Ao Campo che...m, quase que diàriamente, caminhões dos ...ordestinos que vêm a êste Seio de Abrahão, ...pois de 15 ou 20 dias de viagem horrivel. ...egam e se encaminham para os "hotéis" pre...rados para hospedar esses pobres turistas, ...m dignos de melhor sorte, — as Favelas Ca...cas, última criação civilizadora da Capital do Brasil na metade do Século Vinte. Seria injustiça esquecer que o nosso Governo já adotou um remédio de emergência para êste mal, procurando encaminhar os imigrantes patricios para os alojamentos possiveis e decentes das construções sindicais e coletivas, que graças a Deus se multiplicam ao redor do Rio. Mas também é inutil ocultar que os pobres Nordestinos, desconfiados e provadamente aconselhados pelos conhecidos agentes internacionais que pregam, aqui como em toda a parte, a revolução mundial, — os Nordestinos na sua maioria, não chegam mais ao Campo de S. Cristóvão dividindo-se em todos os pontos para as "Favelas", mais próximas, onde a hospitalidade é mais *barata*, e ninguém os incomoda com discussões filosóficas sôbre a necessidade humana do Trabalho.

E' possivel que o êxodo do Nordestino para o Rio tenha diminuido com as últimas providências dos Governos Federal e de São Paulo.

Seria injustiça minha não mencionar aqui a campanha benéfica que o Governo iniciou, procurando minorar os males das "Favelas", pelo menos até que se chegue a uma resolução definitiva do problema. Um patricio com espirito cívico foi escolhido e nomeado pelo Govêrno, o Sr. Guilherme Romano, — e surgir modestamente, discretamente, humanamente, removendo as "Favelas" sempre que o Governo possa alojar melhor os "Favelados", e em caso contrário, e sempre no alto dos morros cariocas, melhorando, transformando as "Favelas" originais e horriveis em "cabanas" possivelmente habitáveis.

O sucesso relativo, mas compensador e util do trabalho do Sr. Romano dá-me a impressão de que seu plano, aplicado *mutatis mutandis* às zonas rurais de todo o Brasil, dará o melhor resultado possivel ao problema de fixar o trabalhador rural no campo em que trabalha.

Está entendido, naturalmente, está *entendidíssimo* que o *problema normal* da fixação do trabalhador agro-pecuário ao solo será o resultado do esfôrço imediato e *conjunto* dos Gover-

nos Federal e Estaduais e dos Agricultores do país inteiro.

O imigrante europeu não tem o monopolio de ser o único habitante util para o cultivo do nosso sólo. Os núcleos coloniais que com o imigrante europeu construiram as cidades do interior de São Paulo e do Rio Grande do Sul, que fizeram Joinville e Blumenau em Santa Catarina, hão de continuar a sua ação construtiva com os Nordestinos patricios recem-chegados e com os Sulistas que desejam continuar agricultores nas terras que seus pais lhes ensinaram a cultivar. Os nossos Nortistas também sabem construir como o imigrante europeu; foram êles que conquistaram, povoaram e construiram o Acre de hoje. Os nossos Sulistas, entre as suas realizações atuais, estão igualmente construindo com *a prata da casa*, sem novos surtos de imigração, Londrina, Maringá, Goyana e Sul de Mato Grosso.

Sem dúvida que no caso Nordestino, a medida de maior emergência é interromper o exodo com humanidade e realismo. Mas esse mesmo realismo humano manda imitar o Sr. Guilherme Romano no caso dos "Favelados" cariocas, manda *fixar*, também, nos campos agro-pecuários do Sul do Brasil, os Nordestinos que já chegaram até nós; e fixá-los com vantagem para eles e utilidade para o Brasil, o que vale dizer, nesta hora, para o melhor êxito da nossa Campanha da Produção. Isto, está claro, a menos que não se invente um novo sistema de transporte — no Brasil de hoje — que provoque o regresso imediato [dos] seiscentos ou setecentos mil Nordestinos [aos] seus Estados queridos, contentes, felizes e c[om] garantia de nutrição. Deus às vezes escreve [certo] direito com linhas tortas. *A quelque chose...*, diz o provérbio francês. Seja como fôr, [esta] crise nacional vai fazer o Sul do Brasil eco[no]misar grandemente em matéria de imigraç[ão e] transformar em energia a mão de obra ind[is]pensável de que necessita agora mais do [que] nunca, e que lhe chega oportuna e gratui[ta]mente, por motivo trágico mas em abso[luto] sem a sua responsabilidade. Estou certo de [que] o Sul do Brasil saberá retribuir aos seus Irm[ãos] do Norte o auxilio imenso que recebe de [ma]neira tão inesperada; e essa retribuição [não] poderá ser outra sinão o esfôrço do Brasil [in]teiro para a emancipação economica de t[odo] o Nordeste. Tudo isto decorrerá naturalm[ente] do nosso espirito de brasilidade que ma[is] integra a unidade nacional. Basta lembr[ar] neste mesmo caso, que o recente Congre[sso] dos Governadores de Campina Grande foi [ini]ciativa do Sr. Assis Chateaubriand e pre[stigia]do pelo Ministro da Agricultura Sr. João C[leo]fas; este, um Nordestino que planta cana [de] açúcar no Sul do do Brasil, e aquêle, [um] Senador do Nordeste que é, também, um [di]nâmico bandeirante, nesta fase do progre[sso] paulista.

# O Crédito Agrícola e o financiamento da produção

Não há hoje duas opiniões no Brasil sobre a necessidade de um financiamento oficial de cada produto agrícola, com os prazos indispensáveis para que eles produzam inteiramente os efeitos procurados com a defesa do produto. Num país que está na infância das facilidades do crédito privado, o Govêrno não pode deixar de financiar a produção nacional, como único meio de combater devidamente os exploradores da alta e da baixa dos preços, tanto dentro quanto fóra do território nacional. E não basta financiar na hora precisa e no limite necessário; é preciso manter a confiança, dentro e fóra do país, de que êsse financiamento virá com absoluta certeza logo que seja mister. Esta, aliás, está sendo a atitude do atual govêrno, depois da proclamação do Sr. Presidente da República pelo aumento imediato da Produção Nacional. E qualquer atrazo neste assunto, tem sempre consequências desagradáveis e perigosas; haja vista a recente demora no financiamento da atual safra algodoeira em São Paulo, que ia causando uma séria crise.

Exemplo de que além de financiar, é preciso algumas vezes, anunciar que o financiamento virá oportunamente, — encontraremos, e especialmente a respeito do café, na seguinte *Varia* do "Jornal do Commercio" de 9 de Abril último:

"O Gabinete do Sr. Ministro da Fazenda distribuiu ontem o seguinte comunicado:

"Conforme resolução de hoje do Conselho da Superintendência da Moeda e do Crédito, o Govêrno Federal continuará a financiar o café nas mesmas bases e condições que têm vigorado até agora, sem nenhuma alteração nos limites de crédito concedidos.

O financiamento permanente assegurado e a situação estatística do produto não justificam os boatos que têm origem em interêsses privados contrários à política do Govêrno."

## Uma opinião sôbre o financiamento do café no Brasil

A Sociedade Rural Brasileira tem já o prestígio tradicional de vir partilhando desde muitos anos, com a Associação Comercial de Santos e com o Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro, o papel de "guardas avançadas" em defesa do Café Brasileiro. As duas últimas presidências dos Srs. Alceu Martins Pereira e Sylvio Alves de Lima em Santos; a leaderança do Sr. Ruy Gomes de Almeida, no Rio de Janeiro, e as administrações dos Srs. Malta Cardoso e Mario Rolim Telles, na Sociedade Rural, mantiveram e estão mantendo até agora essa boa tradição.

Ainda agora, discutindo o *preço teto* do Govêrno Americano para o nosso Café, a Associação de Santos e o Centro do Rio foram da mais absoluta franqueza no assunto, mas fazendo, também, questão absoluta de acentuar o desejo de manter cada vez mais as velhas relações fraternais que unem exportadores brasileiros e importadores e torradores americanos. A posição da Rural nesse caso especial foi resumida por uma frase do seu Presidente atual, o Sr. Mario Rolim Telles, que mereceu pràticamente aprovação geral em todos os Estados cafeeiros. Pedi ao digno Presidente da Rural que me repetisse essa frase para este Inquérito, acrescida das considerações que quisesse fazer sôbre o financiamento do café e a questão dos seus preços atuais. Sendo o Sr. Dr. Rolim Telles um dos mais autorizados e experientes *leaders* da política nacional do nosso produto básico, e tendo tido as maiores responsabilidades por largo tempo no seu financiamento, consegui que ele atendesse ao meu pedido, e tenho o prazer de reproduzir em seguida as suas importantes declarações:

## Declarações do Presidente da Sociedade Rural Brasileira

"E' idéia aceita a de que o Brasil não poderá ter a sua balança de contas equilibrada se não fizer a defesa dos preços do café. A média de cotações do último ano demonstra que estas são as mínimas que poderão servir de base para aquele equilíbrio. *Em tese* poderíamos admitir a substituição da cultura de café pela policultura de produtos agrícolas exportáveis, para

maior segurança da nossa situação econômica, desde que essa exportação pudesse cobrir a que faltasse pela diminuição da exportação atual do café, ou pela baixa de suas atuais cotações. *Na prática,* entretanto, a experiência de 1930 a 1950 nos demonstrou que essa substituição nunca seria alcançada, e que sòmente o café é o nosso sustentáculo incontestavel do nosso equilíbrio financeiro. Os outros produtos nossos têm a concorrência não só de todos os países tropicais que produzem a baixo preço, mas ainda da produção em massa dos países supercivilizados que usam a produção mecanizada."

"O preço a ser defendido das cotações de café já referidas deve ser o das cotações do último ano. Se o consumo admitisse sem quebra de continuidade maior preço, é claro que a influência das secas e de outros fatores metereológicos, da alta do salário, da necessidade de melhorar as condições de vida do trabalhador agrícola e a elevação dos preços das utilidades que importamos poderiam justificar que pretendêssemos maior alta que as cotações atuais. A campanha movida ainda há pouco tempo contra a elevação de preços, e a mentalidade da parte da lavoura que tem grande produção e que teme superproduções, nos impedem no entretanto de, sem um estudo apurado daquelas condições, podermos alterar a atual situação. E' claro que o país aproveitaria com uma alta de preços para obter maior número de cambiais, mas iria esta alta incentivar novas plantações no país e no Exterior, sendo que não formamos entre os que acreditam que essa superprodução viria mais do Exterior. Acreditamos que seríamos nós mesmos que criaríamos essa superprodução, repetindo o que fizemos de 1920 a 1927. Elevados os preços e consequentemente os custeios, as utilidades, os fretes, os impostos e, enfim, todo o "standard" de vida agrícola, os efeitos da superprodução viriam criar uma situação mais dificil para a lavoura, quanto mais se tivessem elevado as cotações. Ao país cabe evitar as crises decorrentes das baixas dos preços do café, que só poderão ser evitadas com a defesa dos preços pelo Governo, e isto pode ser positivamente feito. As quantias a serem empregadas nessa defesa serão tanto maiores, quanto mais altas forem as cotações a serem defendidas. Mas o que se impõe é que, quando as cotações se elevarem por ação do Governo, este positivamente as defenda de q[...] quer forma no nivel mais alto de que teve [...] responsabilidade de sua elevação."

"Não podemos pretender o equilíbrio e[...]tístico pela proibição do plantio no nosso pa[...] porque os outros países produtores se aprov[...]tariam dessa situação, sendo no entretanto [...] o equilíbrio estatístico sempre é admissivel [...]tes de existirem estoques como meio prev[...]tivo, e nunca deveria ser usado depois de cr[...]los os estoques como meio resultivo da cr[...] Seria o mesmo que salvar a vida com a mort[...]"

"No sistema atual das relações internac[...]nais em que os povos se alistam em duas c[...]rentes definidas, as relações comerciais dei[...]ram de ser levadas em conta tendo em vist[...] simples interesse especulativo dos lucros, p[...]ficarem cingidas a outros fatores que releg[...] os interesses comerciais para um segundo [...]no, atendendo a outros fatores mais import[...]tes como os da formação psicológica do po[...] sua capacidade acquisitiva, prioridade de forn[...]cimentos, etc. No caso do café, base da no[...] agricultura, seu atual preço fixado pelos A[...]ricanos, devemos considerar como preço m[...]nimo, para podermos atender às necessid[...] mínimas da cultura cafeeira. O número de [...]ços nela empregados e nas atividades que [...]ram em torno da mesma formam a base [...] organização agrícola nacional. Qualquer b[...] nas cotações atuais influiria na capacid[...] aquisitiva dos trabalhadores agrícolas, ai[...] agora calculada num "standard" de vida q[...] não é compativel com a de um povo civiliz[...] que quer viver dentro dos princípios de dig[...]dade humana. Assim só podemos admitir [...] atual preço teto dos nossos amigos Amer[...]nos como sendo o preço mínimo aceito por n[...] produtores."

Julgo importante completar as interessant[...] declarações e comentários do Sr. Rolim Tel[...] com as seguintes cifras do valor de nossas exportações para os Estados Unidos nos últi[...] dez anos, detalhando o valor do café dentre [...] demais produtos exportados. São estatístic[...] completas para todos os anos de 1941 até 1[...] com exceção de 1951, em que os dados vão s[...]mente até 30 de Novembro. A primeira col[...]n[...] deste meu quadro dá os anos da Exportação, a segunda, o total da Exportação em valor [...] terceira, a parcela exclusiva da Exportação [...]

Café; e a quarta, a parcela dos demais produtos reunidos. *Tudo em milhões de dólares*, números redondos:

**Para os Estados Unidos da América**

| *Anos* | *Exportação total* | *Café* | *Outros prods.* |
|---|---|---|---|
| 41 ............... | 195 | 93 | 102 |
| 42 ............... | 175 | 87 | 88 |
| 43 ............... | 226 | 123 | 103 |
| 44 ............... | 291 | 173 | 119 |
| 45 ............... | 309 | 179 | 131 |
| 46 ............... | 398 | 243 | 155 |
| 47 ............... | 439 | 292 | 148 |
| 48 ............... | 511 | 355 | 156 |
| 49 ............... | 551 | 431 | 121 |
| 50 ............... | 740 | 589 | 151 |
| 51 ............... | 793 | 627 | 167 |

# O Café, sua classificação e os Tranportes

Nos dois mêses da minha excursão pelos Estados cafeeiros, vi o que são as nossas estradas de ferro diàriamente a se destruirem, no esforço heroico de continuarem a funcionar. Falo das vias ferreas oficiais, as que dão sempre deficits, nas quais sempre viajei propositalmente, como obrigação de reporter, desde que fazia este Inquerito. Alem de minhas viagens por aviões e automovel, fui de trem do Rio a São Paulo, de São Paulo a Curitiba, do Rio a Belo Horizonte, ao Sul de Minas, do Rio a Campos, no Estado do Rio, e a Vitória, no Espírito Santo. Depois dessas viagens, tôdas invariàvelmente com atrazos, que são diários, por um acidente qualquer, foi que bem compreendi porque a Comissão Mista-Brasil-Estados Unidos calculou em mais de 20 bilhões de cruzeiros as depesas com o reequipamento do nosso parque rodoviario nacional. Foi por isso, também, que vi muito satisfeito o Senhor Dr. Souza Lima, digno Ministro da Viação, estar enviando, como anunciou, para São Paulo, pelas ferrovias oficiais, os cereais que se estavam amontoando e em véspera de apodrecimento nas linhas do Norte do Paraná.

Em todo o caso, neste capitulo, ha noticias confortadoras. Em transporte aéreo, o Brasil está fazendo o maximo, em tôdas as direções do país, e isso se deve quasi que exclusivamente à iniciativa particular. Por iniciativa própria os Estados Cafeeiros com as maiores verbas possiveis, estão multiplicando suas rodovias em tôdas as direções. Como uma garantia de que, afinal, os nossos Portos serão efetivamente dragados e ampliados, voltou à direção dos mesmos o especialista notavel que é o Dr. Hildebrando de Góes. As estatisticas estão informando que em 1951 importamos mais jeeps e caminhões que no bienio anterior. Já era tempo disso, porque algum dia teremos que "aposentar" os 143.241 carros de boi que ainda fazem transporte no Brasil. Quem nos falou sôbre êsses carros, ha poucas semanas, tomando posse da presidência da Sociedade Brasileira de Pediatria, e ainda acrescentou que em Minas Gerais, Santa Catarina, Sergipe, Mato Grosso e Piaui, ainda existem mais carros de boi do que automoveis, — foi o Sr. Dr. Carlos Prado, num discurso que o consagra pediatra eminente na mais larga significação desse titulo. Porque o Dr. Prado, completando o ilustre e saudoso Miguel Pereira, não só lembrou que o Brasil continúa um vasto hospital... e sem hospitais, e concitou os seus patricios a salvarem nas crianças de hoje os homens de amanhã, mas também examinou todo o Brasil atual como uma outra creança ainda sem juizo e enferma, indicando-lhe urgente remédios econômicos, com os quais S. Exa. enriqueceu a terapeutica da Pediatria.

## A classificação dos nossos Cafés

Em varias ocasiões neste estudo tenho referido com detalhes minha boa impressão dos serviços de exportação dos nossos cafés nos Portos principais que disso se encarregam. Deixei entretanto, para esta nota especial uma observação muito importante — sôbre a parte que os nossos Portos têm tomado ajudando a execução dos regulamentos oficiais e decisões do proprio comércio cafeeiro a respeito de uma verdadeira classificação dos nossos tipos de café a exportar. A Associação Comercial de Santos e o Centro do Comercio de Café do Rio de Janeiro merecem louvor pela colaboração permanante e devotada que tem dado aos poderes públicos nesse trabalho indispensavel para a manutenção do bom nome do nosso principal produto.

Em Santos, os velhos tipos conhecidos das regiões produtoras ali servidas ajudam desde muito o trabalho naquele sentido. No Rio de Janeiro, entretanto, que começou conhecido na Cafeeicultura mundial como "o porto exportador do tipo 7", o trabalho da classificação do Café desde muito tempo que já vem produzindo excelentes resultados, que provàvelmente serão surpresas para os que não acompanham a evolução do café. O Pôrto do Rio de Janeiro, que como se vê detalhadamente neste inqué-

rito não exporta apenas o produto do Estado do Rio, mas também cafés de Minas, São Paulo, Espirito Santo, Paraná e Bahia, continua atualmente a enviar os nossos cafés tipo 7 para o Exterior; mas a sua exportação de cafés tipos 4, 5 e 6 é quatro vezes maior em quantidade, em sacas, do que a do referido tipo 7. Tenho em mãos um diagrama do movimento de classificação de cafés da Bolsa de Mercadorias do Distrito Federal, abrangendo o primeiro semestre de 1951, resultado do exame de 1.882.933 sacas. Neste total foram classificados, entre outras qualidades 20 mil sacas do Tipo 2, 185 mil de Tipo 3, 325 mil de Tipo 4, 210 mil de tipo 5, 215 mil de Tipo 6, e apenas 188 mil de Tipo 7. E o mais interessante é que em todos esses grupos de diferentes tipos foram classificados cafés de todos os Estados acima mencionados.

O Centro do Comercio do Café do Rio de Janeiro e o seu Presidente Sr. Ruy Gomes de Almeida, e bem assim os funcionarios oficiais do nosso Ministério da Agricultura encarregados daquela classificação merecem muito pelos resultados do seu trabalho conjunto neste sentido.

Em Minas Gerais, no Espirito Santo, no Estado do Rio, ouvi muitos protestos por não haver ainda no nosso pais um esfôrço oficial hábil a fim se reconheça melhor nos mercados de Nova York, Nova Orleans, de San Francisco e nos mercados europeus a verdadeira classificação dos Cafés brasileiros importados. Está claro que não é mais possivel hoje negar a qualidade dos cafés, oficialmente classificados. Mas ha ainda qualquer falha nos sistemas atuais de varios e importantes portos de importação que, com alegria dos especuladores de tôda a parte, mantem quasi ignorada a melhoria crescente na qualidade dos cafés brasileiros.

Com um Ministro da Fazenda como o ilustre Sr. Horacio Lafer, a quem caberia o direito de ser o nosso Ministro do Café, si o tivessemos, e tendo como Chefe do seu Gabinete o Sr. Dr. Garibaldi Dantas, que é hoje a nossa maior autoridade em materia de classificação daquele produto, — escrevo aqui esta nota com endereço certo, e certo de que não preciso sugerir nada a tão competentes destinatários.

Ainda tenho tempo de intercalar esta no[illegible] ta com os dados completos do Rio de Janeiro e[illegible] 1951, que confirma a estatistica que acabo d[illegible] dar acima, sôbre o seu primeiro semestre:

"Informa o Serviço de Economia Rural d[illegible] Ministério da Agricultura, que no decorrer d[illegible] 1951 foram classificadas para exportação, pel[illegible] Bolsa de Mercadorias do Distrito Federal, ... 5.126.167 sacas de café. O tipo mais vendid[illegible] foi o tipo 7 que atingiu na classificação um t[illegible] tal de 783.900 sacas, seguindo-se os tipos 4 [illegible] 3 respectivamente com 777.855 e 514.195 sac[illegible] o que evidencia o melhor nivel de qualidade d[illegible] café exportado pelo porto desta capital naqu[illegible] ano".

### Os nossos Portos e a safra 1950/51

Julgo oportuno reavivar aqui a memór[illegible] sôbre o movimento atual dos portos de ca[illegible] mais importantes no Brasil. Dou a segu[illegible]r [illegible] exportação cafeeira de 1950/51, safra de Ju[illegible] de 1950 a Junho de 1951, em sacas de 60 quilo[illegible]

| | |
|---|---|
| Santos ............................ | 8.519.[illegible] |
| Rio de Janeiro ................. | 4.289.1[illegible] |
| Paranaguá ....................... | 3.016 [illegible] |
| Vitória ............................ | 852 0[illegible] |
| Angra dos Reis ................ | 170 [illegible] |
| Recife ............................. | 53 1[illegible] |
| Bahia .............................. | 62.7[illegible] |
| Caravelas ........................ | 6 000 |
| Total ...................... | 16.969.7[illegible] |
| | |
| Total na safra anterior .......... | 17.475.[illegible] |

Como acabo de tratar em detalhe da c[illegible]sificação dos cafés entrados na praça do Rio de Janeiro e consequentemente exportados pel[illegible] seu porto, também darei a seguir, para melho[illegible] elucidação do assunto, as entradas no Rio do[illegible] cafés da safra 1950/51, com as suas procedências e quantidades em sacas de 60 quilos:

| | |
|---|---|
| Estado de Minas Gerais .......... | 2.204.[illegible] |
| Estado de São Paulo .............. | 1.204.246 |
| Estado do Espirito Santo .......... | 682.340 |
| Estado do Rio de Janeiro ........ | 225.773 |
| Estado dd Paraná ................. | 137.[illegible] |
| Estado da Bahia ................... | 28.0[illegible] |
| Revertido ao estoque pelo DNC .. | 33.63[illegible] |
| Total ....................... | 4.516.[illegible] |

# A propaganda e a defesa do Café nos Estados Unidos e na Europa

Sôbre a propaganda e a defesa do café nos Estados Unidos, não preciso repetir aqui as observações que fiz sôbre este assunto no comêço deste inquérito, e os conceitos que externei sôbre o nosso delegado do Brasil em Nova York, Sr. Embaixador Walder Sarmanho, e sôbre o Bureau Panamericano de Café daquela cidade, que o nosso representante dignamente preside. Em referência, entretanto a este assunto, quero relatar aqui uma conversação que tive nesta minha excursão com uma distinta e elegante Senhora americana, turista, hospedada no Hotel Excelsior de São Paulo.

Disse-me essa Senhora que como turista não poderia deixar de visitar São Paulo, e como dona de casa nos Estados Unidos queria ver e estudar um pouco a situação do café na «capital mundial» desse produto. Verificando nesse instante que éramos justamente «colegas» no estudo que ela desejava fazer, apresentei-lhe o meu companheiro no Inquérito e seu compatriota Sr. Charles Furcolowe, e vários fazendeiros de café, agricultores adiantados, que conheciam os Estados Unidos e falavam inglês.

Foi uma conversa muito sugestiva, para mim e para o Sr. Furcolowe. E era de ver a surpresa que teve aquela dona de casa do país que bebe mais café que todo o resto do mundo reunido, quando lhe contei que hoje, no Brasil, para produzir uma *libra de peso* de café, precisamos de *tôda* a colheita anual de *um pé de café!* E expliquei. Hoje, no Brasil, cada cafeeiro produz em média ainda menos que quinhentas gramas. E como uma saca de café tem 60 quilos ou 60.000 gramas, segue-se que, para produzir uma saca de café, precisa o cafeicultor brasileiro da colheita inteira de mais de 120 cafeeiros. E expliquei mais que para os fazendeiros de café ali presentes o custeio de um pé de café hoje lhes fica em redor de oito cruzeiros, dos quais dois para a adubação orgânica e química do cafeeiro, três pelo trato e colheita para o colono, e três para as despesas da fazenda, benfeitorias, administração, beneficiamento mecânico do produto, sacaria, transporte, etc., sem falar nos juros dos capitais invertidos nessa lavoura.

Não pense o leitor brasileiro no aborrecimento da minha elegante interlocutora como resultado desta conversa. Aquela dona de casa dos Estados Unidos, cheia de curiosidade, tomou nota de todos os dados que lhe dei. Tratava-se do produto, para usar dos termos das estatísticas oficiais daquele país, que está à frente de todos «os gêneros de primeira necessidade» na importação americana de 1951. Enquanto a dona de casa escrevia, julguei esclarecer mais o assunto com estas palavras:

— Como a senhora vê, quando, pela manhã, o Americano bebe o seu café no seu *breakfast*, não imagina o caminho longo e doloroso, cheio de espinhos, que o café percorreu para chegar àquela mesa, desde a terra rôxa do cafezal do Brasil. E talvez, mesmo, nunca tivesse pensado em que esse mesmo café continua até hoje como o produto mais barato da mesa americana, depois da água...

A minha graciosa interlocutora pensou, então, que o final da palestra era esta sua resposta:

— Muito grata. O meu estudo já está terminado; já sei o que desejava saber.

Voltando-me para o meu companheiro Sr. Furcolowe, vi-o, também, a tomar notas. E foi ele, explicando-me, quem encerrou o assunto:

— E dizer que para ouvir entre dois novayorquinos esta conversa que tanto me interessa, foi-me preciso vir a São Paulo!

## Porque os Cafezistas Americanos não compram algumas fazendas ao Brasil ?

Ainda neste assunto de propaganda e defesa do café, um dos mais adiantados fazendeiros do norte do Paraná, o Sr. Mercio Prudente, que representava o Govêrno do Estado na nossa excursão por aquela zona, disse um dia ao Sr. Furcolowe:

— Ao senhor, profissional de propaganda e publicidade do café em Nova York, cidadão

americano, quero dar-lhe uma idéia, fazer-lhe mesmo um pedido. Sugira ao importador de café, ao torrador, ao distribuidor do produto nos Estados Unidos, a idéia de virem êles partilhar conosco das nossas lavouras de café. Seis ou doze Americanos que viessem comprar fazendas no norte do Paraná — conseguiríamos aqui até preços convidativos para termos essa honra — seriam seis ou doze testemunhas permanentes entre nós, de que os produtores de café do Brasil querem apenas ser compreendidos devidamente pelos importadores e consumidores dos Estados Unidos; e isso a fim de que o nosso intercâmbio seja cada vez mais um motivo para maior aproximação entre os dois países irmãos.

## A propaganda e a defesa do Café Brasileiro na Europa

A propaganda e a defesa do café na Europa é um dos trabalhos mais delicados e mais necessários da nossa diplomacia econômica. Não nos basta abrir em uma ou em algumas das metrópoles do Velho Mundo cafés para degustação digna da bebida inigualável. E' preciso uma atividade permanente não sòmente junto aos Govêrnos europeus, mas também ao lado dos produtores nossos dignos concorrentes. A Europa voltou a beber café; voltou a importar também o café do Brasil ,mas dada a potencialidade atual do seu consumo, ainda não está comprando ao Brasil o que deveria comprar.

Nossa atividade permanente junto aos Govêrnos europeus tem uma justificativa muito importante. Eles deixaram as suas populações readquirirem tranquilamente o hábito da bebida, desde o fim da última guerra até hoje. Agora, já começam a restabelecer o sistema de aumentar os impostos aduaneiros sôbre o nosso produto, como fizeram principalmente entre os dois grandes conflitos mundiais. Foram eles, os Govêrnos europeus, que fizeram da bebida mais popular da Europa, *não* um produto de *luxo*, como querem inculcar novamente hoje, mas uma *fonte extraordinária de renda* para orçamentos deficitários. O remédio de que devemos lançar mão neste momento, e remédio antes que a alta dos direitos aduaneiros se generalize pelo Velho Mundo, é provar que tais taxas proibitivas são anti-econômicas *com represália indireta,* mas efetiva, de uma revisão das condições de reciprocidade do nosso intercâmbio com cada país em questão. Não nos esqueçamos que somos um país de 53 milhões de consumidores, país jovem, mas que importa cada vez mais.

Caberão neste assunto, igualmente, entendimentos nossos com outros países produtores da América e com as colônias cafeeiras de Portugal.

Nos países do Velho Mundo a nossa ação precisa, também, tirar partido de dois importantes fatores. O primeiro é da velha atração do europeu pelo café. Os Estados Unidos bebem mais café que o resto do mundo reunido, mas como quinto consumidor *per capita*. Os quatro maiores consumidores *per capita* estão no norte da Europa, encabeçados pela Suecia, nossa grande fornecedora industrial. O sul da Europa não compra mais café porque possui moedas fracas, mas possui, também, produtos industriais de que precisamos, em trocas ou compensações razoáveis e feitas com realismo econômico.

O segundo fator que existe na Europa a favor do consumo do café, e excelente arma politica para combater os impostos aduaneiros proibitivos, é o argumento, tanto socialista como de simples bem estar social, de que o café, bebida secular dos trabalhadores e das classes menos favorecidas da sociedade, desde que lhe seja permitido entrar com direitos razoáveis, diminuirá os excessos do alcoolismo e suas consequências inevitáveis.

Para um estudo mais detalhado da situação, completo estas observações com um quadro da importação do café pela Europa nos últimos anos, de 1938 até 1950. A primeira coluna do quadro indica os anos da importação; a segunda coluna, a importação total de café pela Europa; a terceira coluna, o café que ela importou do Brasil, incluida naquele total. Em *mil sacas* de 60 quilos, números redondos:

| *Anos* | *Import. total* | *B*[illegible] |
|---|---|---|
| 38 ........................ | 12.493 | 6.844 |
| 39 ........................ | 9.226 | 6.1[illegible] |
| 40 ........................ | 3.243 | 1.[illegible] |
| 41 ........................ | 649 | [illegible] |
| 42 ........................ | 541 | [illegible] |
| 43 ........................ | 851 | [illegible] |

| Anos | Import. total | Brasil |
|---|---|---|
| 44 ........................ | 1.013 | 859 |
| 45 ........................ | 1.927 | 1.555 |
| 46 ........................ | 3.767 | 3.073 |
| 47 ........................ | 6.855 | 3.601 |
| 48 ........................ | 7.179 | 3.941 |
| 49 ........................ | 6.173 | 5.251 |
| 50 ........................ | 7.720 | 3.836 |

**Faz bem à saude o café ? Nocivo ? Bebida útil ? Estimulante ? Alimento? O café, o trabalho intelectual, o trabalho físico. O café, as crianças, os velhos e os doentes.**

O café, bebida universal a mais antiga e a mais apreciada pelo mundo inteiro, é um estimulante de primeira ordem, e talvez o melhor conhecido. Não tem os inconvenientes dos excitantes pròpriamente ditos, nem parentesco de espécie alguma, ou a menor relação com os estupefacientes, de uso perigoso mesmo como remédio, e mesmo com assistência médica. Bebida sã e muito agradavel ao paladar, tomada quase sempre com açucar, mas por milhões de homens sem açucar, com o seu próprio sabor, — não tem inimigos na medicina mundial, nem há contra-indicações a seu respeito, a não ser em casos especificos de certas moléstias em que sejam contra-indicados todos os estimulantes. Naturalmente que o consumo do café pelos velhos e pelas crianças deve atender às condições fisiológicas da idade de uns e de outros. Naturalmente, também, que como toda bebida, todo produto alimentar, encontra alergias, idiosincrasias, paladares de exceção que o repelem, exceções que apenas confirmam a unanimidade do gosto universal.

Ainda a tempo urge repetir que o café é um estimulante incomparàvelmente melhor que qualquer outro que contém álcool, e que todos os Governos deveriam fazer tôdas as classes populares consumirem cada vez mais, para evitar os males sociais decorrentes do uso excessivo das bebidas alcoólicas.

Em oito anos de Consul Geral do Brasil em Nova York, fui também, nos Estados Unidos, primeiro o representante do Instituto do Café de São Paulo, e depois o Delegado do Conselho Nacional do Café, que depois se transformou no Departamento Nacional do Café. Quando ainda delegado do Instituto de São Paulo, fundei naquele pais, juntamente com importadores americanos o Brazilian American Coffee Promotion Committee, do qual fui o vice-presidente executivo, sendo presidente o ilustrado Sr. Frank Russell, sincero amigo do Brasil e, então, presidente do New York Coffee Exchange, a Bolsa de Café daquela metrópole.

Obedecendo a instruções do Presidente do Instituto de São Paulo na ocasião, o Sr. Dr. Mario Rollim Telles, Secretário da Fazenda do Estado, promovemos uma investigação cientifica detalhada e completa sôbre o café, e dela encarregamos o maior quimico mundial especialista em café e chá naquele tempo, o Sr. Dr. Samuel Prescott, decano da Faculdade de Quimica do Massachussetts Technological Institute, e que chegou mais tarde a Reitor e Presidente daquela notavel Universidade Americana.

O fim eventual do Instituto de Café de São Paulo com a investigação era responder com a ciência, com a decisão da Quimica, às explorações deselegantes da publicidade de uma bebida feita com cereais, que pretendia substituir o café, e dizia que a cafeina contida no Café era nociva à saúde ,causava enxaquecas, insônia, fazia mal às crianças e aos velhos. Pelos resultados positivos da investigação, constantes do livro de Samuel Prescott que o Instituto publicou, ficou provado com experiências de laboratório e de clinica médica, que a cafeina existente no café sòmente começaria a ser nociva à saúde, quando o paciente ingerisse mais de 100 xícaras de café em 24 horas, — um consumo *per capita* que os produtores e vendedores de café nunca procuraram, nem ambicionarão sem dúvida alguma.

Ficou, também, provado que se forem sempre absolutamente bem lavadas em água fervida (eu diria fervendo) as vasilhas em que o café é feito e servido, — o café não afetará de modo nenhum a saúde de quem o beber.

A investigação quimica chegou a recomendar como medida ainda mais segura chaleiras, cafeteiras e colheres esmaltadas, e igualmente, quando o café fôr servido, a abolição de todo vasilhame de metal seja qual fôr, ouro, prata, aluminio, cobre, ferro ou folha de Flandres.

Quanto à recomendação — Prescott de evitar que o café liquido tenha contacto com qualquer metal, informa o sábio que com esse contacto se cria um precipitado quimico que pode, ele sim, mas nunca o café, causar enxaquecas, insônia, etc. Foi depois disso que se multipli-

cou nos Estados Unidos a fabricação das cafeteiras de vidro e cristal.

Por esse tempo no nosso Bureau divulgamos grandemente a composição química do café, lembrando, entre outros fatos, que o próprio chá tem mais Cafeína que a nossa bebida inequalavel. E como naquele tempo havia sido lançado, também, nos Estados Unidos, o *Café decafeinizado*, do qual diziam haver extraído cerca de 97% da sua cafeina, procurei satisfazer a minha curiosidade, indagando naquele país onde não se joga fora nenhuma matéria prima — qual o destino que davam àqueles 97% de cafeina extraidos do café... E fui informado de que essa cafeína era vendida para a fabricação de uma das mais conhecidas *aspirinas* de fama mundial. De modo que ficamos sabendo que naquele tempo, quando alguém tinha dor de cabeça e culpava por isso a cafeina do café que havia tomado, o remédio era tomar uma aspirina com um pouco mais de cafeína extraída do mesmo café, e provàvelmente passaria a dôr de cabeça...

### Café cem por cento brasileiro nos Estados Unidos

Mais tarde, quando delegado do Departamento Nacional do Café que era então superiormente presidido pelo Sr. Dr. Armando Vidal Leite Ribeiro, recebi excelente prova da boa amizade de uma grande companhia americana importadora e distribuidora dos nossos cafés, a American Coffee Corporation, — prova concreta de amizade que também provocou a evidência máxima da alta estima do consumidor americano pela qualidade do produto do Brasil. A American Coffee era então presidida pelo Sr. Berent Friele, e vice-presidida pelo Sr. Francis Kurtz, dois grandes amigos da nossa terra, e êste último o presidente atual daquela grande empresa.

A Companhia lançou uma nova marca de café com o nome de *Eight o'clock*, "oito horas", a hora mais comum do *café da manhã* do *breakfast* americano, — nome que tinha, ainda, um subtitulo para nós preciosissimo e revolucionário para a maioria dos Torradores americanos. "100% Santos Coffee", o que queria dizer que continha *exclusivamente café "Santos", do Brasil*.

Até essa ocasião, os nossos amigos Torradores Americanos estavam convencidos de que era sempre preciso misturar 20 ou 25% de cafés doces da Colombia ou da América Central com 75% dos cafés 3 e 4 de Santos, para obterem uma *bebida de primeira ordem*. Admitiam a necessidade de muito maior percentagem brasileira, a necessidade do *kick*, do gosto especial do nosso café, desejado pelo público; mas insistiam em que era indispensavel misturá-la com aquêles *cafés moles*. Em poucos anos, porém, a nova marca "100% Santos Coffee" encarregou-se de provar que os tipos 3 e 4 Santos do Brasil podem ser bebidos sòzinhos e com vantagem pelo consumidor dos Estados Unidos. No quarto ano de sua existência, o "Eight o'clock" brasileiro vendeu *duzentos milhões* de libras de peso no mercado americano, enquanto que o *record* nesse ano das vendas dos cafés misturados era o de uma outra famosa marca, que havia vendido apenas a metade, *cem milhões* de libras de peso. Apesar disso, há dez anos que o "eight o'clock" não é mais "100% Santos Coffee"; anuncia-se agora, mais ou menos, como os demais cafés do país, *"feito com os melhores tipos mundiais"* de café, naturalmente predominando de fato os tipos 3 *e* 4 *Santos*. Soube que essa perda foi devida à dificuldade, em certas safras brasileiras oficialmente controladas, de serem sempre obtidos os melhores tipos na praça de Santos! Mas aquela esplêndida confirmação da excelência dos nossos cafés, mantida pela American Coffee durante muitos anos, ficou como úma prova definitiva de que nossos cafés resistem sòzinhos a qualquer comparação.

Continuando o meu comentário sôbre o café como um estimulante, não preciso provar que a experiência médica mundial afirma que o café melhora a capacidade do trabalho e ajuda a resistir ao sono, sem causar inconveniente algum. Voltaire, octogenário, morreu em pleno trabalho mental e sendo possivelmente nessa ocasião o maior consumidor de café *per capita*, de toda a Europa. Ainda quanto ao trabalho intelectual, Edgard Poe escreveu os seus famosos "Poemas a Sara" alimentado-se apenas de pão e café durante quinze dias; e dizia que não desejava outra alimentação quando produzia como escritor e poeta. Quanto ao trabalho físico, os marinheiros da Noruega que fazem a pesca nos mares do Norte da Europa multiplicam as suas rações de café nas horas de trabalho; e fazem questão absoluta dos cafés dos

tipos 6 e 7 do Rio de Janeiro, e dos mais ácidos entre eles, que lhes dão uma bebida forte e negra, grandemente estimulante contra o frio reinante.

E' o café um alimento? Não é um alimento, na signficação exata do termo. Mas é um alimento *sui generis*, como o chama com propriedade o Sr. Dr. José Testa. Afrânio Peixoto, o saudoso sábio e escritor patrício, higienista ilustre, chamava o Café "um alimento de poupança", isto é, capaz de, sem pròpriamente constituir um alimento, permitir que o organismo espere, sem transtornos, por uma alimentação conveniente.

**O importante, o indispensável é "saber" fazer café — Café à brasileira — Café à americana, café turco, café solúvel.**

O indispensavel ,o importante, para manter e aumentar o consumo, para ter sucesso com a propaganda, *é saber fazer café,* e saber fazê-lo de acôrdo com o gosto de cada país consumidor: à moda brasileira, ao gosto americano, "café turco", etc.

Para fazer o café ao gosto brasileiro, os melhores conselheiros que encontrei no Brasil foram os dos Serviços do Café da Secretária da Fazenda de São Paulo, sucessores do Instituto de Café daquele Estado, que assim resumem as principais normas: produto fresco, água pura, vasilhame muito bem lavado e passado "por água fervida; e servir logo em seguida. E recordam que o café, em poucos minutos, perde a sua fragrância, pela oxidação dos óleos aromáticos, por melhores que sejam os processos de conservação. Em seguida os mesmos conselheiros assim redigem as regras "para se obter um bom café segundo o gosto brasileiro":

1.º — Fazer ferver, numa chaleira, água fresca, perfeitamente límpida, tendo-se o cuidado de utilizá-la sempre na primeira fervura.

2.º — Medir o pó, torrado e moido, na proporção de uma colher das de sopa para cada xícara; e colocá-lo em seguida numa caçarola esmaltada, onde deverá ser despejada a água quente, mal tenha esta começado a ferver. Ainda sob a ação da fervura, dever-se-á mexer bem o pó na água com uma colher, de preferência de pau, durante o máximo de 1 minuto, para o seu perfeito cosimento.

3.º — Isto feito dever-se-á despejar essa mistura fervente num coador de algodãozinho, prèviamente escaldado, dentro de um bule ou nos aparelhos apropriados para êsse fim, de modo a se operar uma perfeita filtragem, para logo após ser servido quente, em xicaras pequenas, usando a porção de açúcar de acôrdo com o paladar de cada um.

Passando agora a tratar da maneira de fazer café à moda americana, repito o que já disse sôbre o uso do açucar: em cada grupo de dez Americanos que tomam café, um usará muito açucar à moda brasileira, outro uma quantidade normal, cinco muito pouco açucar, e os três restantes beberão café puro, sem açucar. E êsses dez Americanos, pela manhã, no breakfast, tomarão café, todos, em xícaras grandes, nove com leite, e um café puro, e os dez *repetirão* essa xicara grande uma ou duas vezes; e durante o dia, no almoço e no jantar, e sempre *durante* as duas refeições, como si estivessem bebendo vinho ou cerveja, tomarão uma ou duas xicaras grandes de café quente com leite, ou um ou dois copos de café gelado com ou sem leite.

Creio que, depois desta explicação, os meus leitores brasileiros compreenderão porque levei tôda a minha vida a *acentuar*, quando me perguntavam, *que era*, e *é*, nosso *dever* patriótico *não sugerir* aos Americanos que tomem café *à maneira brasileira*. Naturalmente tomem café também à tarde, nos escritórios, nas lojas e nas fábricas, às cinco horas, um "five-o-clock coffee" que institui em Nova York no meu tempo de delegado do nosso café, e especialmente em Wall Street; ou que tomem café várias vezes no dia nos seus postos de trabalho, como fazemos aqui, e como agora está instituindo em todos os Estados Unidos o meu digno colega, o Sr. Embaixador Walter Sarmanho. Mas que os Americanos tomem êsse café à sua maneira, à maneira Americana, como preferem.

Está claro que estou defendendo o maior consumo do produto no país que bebe mais café que o resto do mundo reunido. A *maneira americana* de fazer café é lá a melhor garantia desse maior consumo. Mas ha, ainda, outro grande motivo à favor da *moda yankee* que duplica essa garantia: o sistema da

torração do produto. O Americano, com toda a razão, faz tudo para conservar no café torrado o perfume e o gosto dos seus próprios óleos aromáticos; e, por isso, na torrefação, não *queimam*, não reduzem o café a carvão, sistema brasileiro em geral de torração, devido ao qual todos os óleos se volatilisam e abandonam o nosso café em pó. O Americano torra o seu café sómente até o ponto em que êle adquire a côr de um chocolate forte; guarda-o granulado, ou em pó quando hermeticamente fechado.

Este processo de torrefação deixa, também, facilmente concluir que, como o café bebido á americana é igualmente negro como o nosso, o Americano tem de consumir *muito mais pó* para obter a bebida inteiramente negra. E a verdade positiva é que o café assim torrado e feito, conservando os seus óleos, é de um gosto magnifico. O leitor está vendo que o autor deste Inquérito, nascido e creado numa fazenda de café de São Paulo, prefere, entretanto, beber o café à Americana. Quatorze anos nos Estados Unidos americanisaram o meu paladar; mas também aumentaram a minha brasilidade, porque o café à americana ajuda-me a beber mais o melhor produto da minha terra.

Ainda um outro motivo a favor da *maneira americana* de fazer café, quanto a produzir maior consumo que o *café à brasileira*. A xicara pequena brasileira, a *demi-tasse* européa, aliás adotada nos jantares sociais *yankees*, o *French Coffee*, todos contêm um café muito condensado que poderá ser tomado sempre como um licor, e nunca como vinho ou cerveja, como faz o Americano, nas refeições com o seu café evidentemente mais fr co. E daí, como disse, o maior consumo n Estados Unidos. E agora uma informaç principalmente de interêsse feminino: o g to suave do café yankee, na opinião de m ta gente naquele país, ajuda a emagrecer s prejudicar a saúde. Já lembrei antes ser o café uma especie de *alimento de poupan* e que, ,sem ser alimento, mas como est lante, permite ao organismo esperar o alim to verdadeiro por várias horas, sem trans no algum. Essa a possibilidade do café aju dar a emagrecer, por não ter ele "substâ cias plasmicas", nem podendo provir dele r servas alimentares, albuminoides ou gord sas.

# Vários problemas: o consumo do Café no Brasil; o Café turco; o café solúvel; Doenças do Café; a Cafelite e outros plásticos; um Porto Franco para o café brasileiro em Portugal

Creio que não interessaria, na posição atual do café, saber si convem aumentar o consumo do produto no Brasil. Penso, aliás, que o café à brasileira, por mais concentrado que seja, não ajuda muito a aumentar o consumo interno, que ha muitos anos permanece mais ou menos estacionário, ao redor de 4 milhões e 500 mil sacas. Dos Serviços de Café de São Paulo obtive os seguintes detalhes a respeito:

"Quanto ao número de xicaras que representa a consumo médio de cada brasileiro, os levantamentos que existem não são recentes.

Há regiões do país que tomam pouco café, como os Estados do extremo sul. O consumo é maior nos Estados Centrais — São Paulo, Minas, Rio — e, principalmente, nas grandes cidades, onde êle é também ingerido mais concentrado.

Acresce que nas regiões produtoras e especialmente nas fazendas, o cálculo do consumo é difícil, pois o produto é *retirado*, para uso, *diretamente* da colheita, sem que esteja ainda entregue ao comércio ou tenha sido computado nas estatísticas. Um cálculo de 6 xicaras de consumo, em São Paulo, admite-se que seja 10 *ks. por capita*, ao ano, para tôda a população".

Tratando de São Paulo, julgo oportuna, aqui, a interessante informação de que existem 75 mil fazendas de café em São Paulo.

Outro ponto sôbre o consumo interno é o preço do café entre nós, que custa às vêzes mais *caro* do que o preço de Nova York para o café que para lá enviamos. Em São Paulo, mesmo, e na mesma fonte citada, encontrei a seguinte explicação paro o caso:

"Acontece às vezes que nos Estados Unidos o preço do café no retalho, chega a *ser mais barato que no Brasil*. O fenômeno póde ser explicado, em parte, devido ao fato de que entre os fatores componentes do preço do café o principal é ainda o custo da produção. Como o café entra nos Estados Unidos livre de direitos e a racionalização do trabalho é ali maior do que entre nós, e também a competição comercial, *póde-se admitir* que o aumento de preço, do café verde para o torrado, seja ali menor que no Brasil.

Seja ou não util promover atualmente o aumento do consumo interno do produto, ha, entretanto, uma situação que não póde continuar no Brasil: é a quasi impossibilidade das grandes Cidades do Norte e do Sul do país oferecerem aos seus Turistas estrangeiros, a todos seus visitantes, *um bom café*, caro, embora, mas digno da *pátria do café*. Ha ainda restaurants, confeitarias e casas *de chá*, que *não vendem* mesmo a nossa bebida nacional, pelo menos no Rio de Janeiro. Os nossos comerciantes alegam vários motivos para essa situação, além dos que já resumi aqui; mas emquanto o problema não se resolve, o Turista sai desapontado do Rio de Janeiro, quanto à facilidade de beber um bom café à brasileira.

Quanto ao "café turco", o café feito à moda turca, é um costume exótico em todo o nosso Cantinente, apenas usado como uma extravagância interessante em alguns hoteis e restaurantes de luxo. Recordo-me de que ha muitos anos, em Nova York, uma senhora respeitável declarou-me positivamente que não podia siquer tolerar qualquer café do Brasil, ou de qualquer outro país produtor deste Continente; e que só podia tomar "café turco". E a senhora ouviu minha pergunta, si o Café vinha da Turquia. Disse-me que sim; e ouviu, então, minha resposta: "Pois, minha Senhora, estou encantado, a Senhora está tomando café cem por cento Brasileiro, porque a Turquia, por um Acôrdo Comercial, é o único

país no mundo que nos concede atualmente o monopólio do fornecimento de café". E enquanto a minha interlocutora silenciava muito surprêsa, eu agradecia mentalmente a um colega ilustre, o Sr. Embaixador Mario de Pimentel Brandão, Ministro do Brasil em Ankara, na ocasião, aquela vitória da nossa diplomacia econômica.

### O café solúvel

Não é novidade para ninguem o sucesso do *café soluvel* nestes últimos anos, que já está preocupando as Companhias Americanas distribuidoras de café torrado, umas resistindo à novidade, outras, aliás as mais importantes, preparando e vendendo dois tipos, o antigo, o seu produto habitual, e o soluvel.

Ha uma grande corrente de entendidos em café nos Estados Unidos que julga o café soluvel um inimigo do grande consumo do café, ou pelo menos do aumento do consumo. Os motivos, dizem eles, são vários. Primeiro, o café soluvel contem embora em pequena quantidade vários ingredientes para conservar quanto possível (e este *quantum* é muito modesto) a sua necessária frescura. Além disso, a transformação imediata de todo o pó em bebida evita as perdas habituais quando se prepara o atual café torrado. Depois, a experiência mostra que o café soluvel agora preparado dá muito maior número de xicaras. E há outras alegações de menos valor.

Entre os negociantes e fazendeiros de café do Brasil ouvi, entretanto, e principalmente em São Paulo, opiniões otimistas e tranquilsadoras. E todas elas se baseiam na esperança de que o café soluvel, acreditam sinceramente, vai aumentar o consumo do produto, devido à rapidez e à fàcilidade com que é feito, servido e tomado. Ha hoje muita gente, nos Estados Unidos, que não toma ainda mais café porque não tem tempo, nem oportunidade. Agora o café soluvel oferece estas duas condições; e as oferece principalmente aos seguintes grupos de pessoas: os solteiros e os divorciados de ambos os sexos, que agora têm maior tempo para tomar *breakfast* em seus apartamentos, e que não repetem as suas xicaras grandes nos *drug-stores* e restaurantes, para não pagarem mais; os casais que pela manhã saem, ambos cônjuges trabalhando fora, e que antes não tinham também possibilidades para um *breakfast* mais demorado em seu lar; os que agora poderão trabalhar de noite, preparando de vez em quando, no inverno, um café reconfortador relativamente fresco; as centenas de milhares de soldados e de funcionários e funcionárias públicas que as necessidades de defesa das democracias retiraram agora dos seus lares, duplicando talvez o número dos consumidores do café rápido ou instantâneo tomado num bar ou na rua.

### Pragas e doenças dos cafeeiros

Verificamos que o alastramento da "bróca" do café foi reduzido, com polvilhamentos de BRC, não só por bombas, mas também por helicopteros. Além da *broca* (Stephanoderes) aparecem ultimamente: uma praga nas fôlhas do cafeeiro, chamada de *bicho mineiro*, uma espécie de *pulgão* e a *aranha vermelha*, que têm sido combatidos com inseticidas adequados, existentes em quantidade satisfatória. Esta é exatamente a situação das *pragas* e *doenças* dos Cafeeiros no Estado de São Paulo. A situação nos demais Estados cafeeiros não é exatamente a mesma, mas tende a melhorar. O exemplo paulista está frutificando. Em todo o caso, todos os cafezais em cada Estado devem ser inspecionados periodicamente, porque si a *bróca* é uma praga facilmente conhecida, as outras pragas e doenças não o são. Foi o que verificamos no Norte do Paraná, onde o *bicho mineiro* fez e faz grandes estragos, porque poucos fazendeiros o conheciam até presentemente.

### A "cafelite" e demais plásticos do Café

Ha uns dez anos passados, e principalmente com a intenção de evitar a queima e a destruição dos cafés que tiveram de ser sacrificados depois da "grande superprodução", o Departamento Nacional do Café realizou experiências a cargo do técnico norte americano Sr. H. S. Polin, sôbre plásticos a serem obtidos do café, inclusive a "cafelite". Também em São Paulo, o Instituto de Café do Estado patrocinou estudos químicos especializados a respeito, que se fizeram no Instituto Butantan, sob a direção do Sr. Dr. Karl Svoboda. Ambas as investigações foram suspensa ha alguns anos.

Eu era ainda Ministro do Brasil na Suecia, quando li uma noticia, com detalhes, do Departamento Nacional do Café, sôbre o projeto da "cafelite" em que trabalhava o Sr. H. S. Polin, como referi acima. Em Estocolmo havia um sábio alemão, muito bem colocado, mas como fugira de Hitler e temia a invasão nazista, propôz colaborar conosco no assunto da *cafelite*, sôbre o qual tinha trabalhos originais, — desde que lhe dessemos um *Visto* permanente para o Brasil.

Êsse sábio, engenheiro alemão, sôbre o qual tive as melhores informações, extraiu de dez quilos de café verde que lhe forneci os respectivos óleos, e com êles fabricou sabão de primeira qualidade. Depois, estudamos os dois projetos de Cafelite, o dêle e o do Americano Sr. Polin, então no Brasil. Depois dêsse estudo do Processo Polin, e apenas pelos dados pouco detalhados da declaração do Departamento Nacional do Café, o engenheiro germânico disse que podia, contudo, pelo que foi dito, duvidar que o Sr. Polin pudesse chegar a produzir "Cafelite", e muitos menos "Cafelite" cristalina. Comuniquei tudo ao Itamarati, que transmitiu minha informação ao Departamento Nacional do Café. Êste pediu mais detalhes a respeito; e, semanas depois, por intermédio de meu Ministério, enviei ao Departamento um relatório técnico detalhadissimo, com setenta e cinco páginas à máquina. Nunca mais tivemos noticia do caso; nem o Itamarati, nem eu.

## Um Porto Franco para o nosso café em Portugal

Velho e modesto Embaixador do Brasil aposentado, com uma fé de ofício que fala amàvelmente em quarenta anos de bons serviços ao país, e sem a menor nota desabonadora, creio que num trabalho como êste, sôbre o nosso Café, posso repetir com a devida venia um velho sonho de inúmeros Relatórios meus ao Itamarati — um Acôrdo ou um Tratado nosso com Portugal, nossa querida Mãe Pátria, creando um "Pôrto Franco" em Lisboa para o café do Brasil, e de um "Pôrto Franco" no Rio para determinados produtos portugueses. Creio que qualquer propaganda do nosso Café na Europa, dentro do realismo econômico dos nossos tempos, terá que ser completada e consolidado com êsse Pôrto Franco. E isto mais do que nunca se justifica neste momento, em que uma alarmante *guerra fria* não quer dizer exatamente que estamos livres de um terceiro conflito mundial.

Estou prevendo a objeção de alguns economistas: e o café português de Angola e de Moçambique? Pois êstes cafés seriam um novo motivo para o nosso entendimento; porque poderiamos assumir o compromisso de vendê-los conjuntamente com o nosso produto, nas mesmas condições excelentes que um Pôrto Franco em Portugal nos permitiria criar na Europa.

Longe da Europa, longe do Itamarati, e cada vez mais perto dos Cafezais do Brasil, nada estou propondo, nada estou sugerindo. Estou sonhando com a minha incorrigível brasilidade. Mas no caso dêsse sonho poder tornar-se ao menos uma sugestão... que Deus nos ajude!

Aliás, o meu sonho é completo: sonha também com uma providencial União Aduaneira, de Pai e Filho que sabem trabalhar, e que se amam cada vez mais. E como o afeto seria parte essencial nesse Tratado, não nos esqueçamos de que o Chanceler atual do Brasil é queridissimo em Portugal.

# O Governador de São Paulo e a nossa Crise de Produção

No dia em que se publicava no "Jornal do ...mercio" a primeira parte deste Inquérito, o ...tro de Debates "Casper Libero", de S. Paulo, ...gurando a Reunião de Governadores dos ...ados, pedia ao Sr. Dr. Lucas Nogueira Gar-..., ilustre Governador de São Paulo, que ...risse o conclave; e sua Excia. o fez com ...m discurso que é a resposta mais impressio-...ante e construtiva que já teve o Apelo do Sr. Presidente da República, anunciando a Bata-...a da Produção.

Peço licença ao Sr. Governador de São Paulo para transcrever aqui um trecho de seu ...scurso, no qual resume sua Excia., com a ...aior oportunidade, todos os males da nossa ...voura, e diz ao Brasil que São Paulo, como ...mpre, está pronto para a luta que nos es-...era. E' um grande conforto para mim ver ...ue, neste Inquérito, as suas palavras são ...omo uma síntese brilhante e perfeita dos ma-...s que procurei modestamente detalhar aqui:

«O panorama da produção brasileira é bem ...ferente do ideal atingido pelos outros povos, ...ue têm fontes de produção em consonância ...m as fontes de consumo. Observamos, por ...orça do "rush" agrícola, um afastamento cada ...z maior entre as zonas produtoras e o cen-...ro de consumo. Ha abundância, por exemplo, ...o norte do Paraná, Goiás e no Triângulo Mi-...ro, abundancia esta que sem meios de es-...mento rápido, se trasforma, frequente-...nte, em excassez... Abundancia criando pro-...mas em uma região geo-econômica, quando ... outra observa-se excassez e, como decor-rência, pauperismo e sub-alimentação. E' o triste caso dos nossos irmãos do Nordeste que, castigados pelo ciclo da seca, quase não contam com o mínimo indispensável para á sua subsistência. Com uma agricultura predatória, observamos uma destruição sistemática dos «solos» mais ricos da pátria, e o machado e o fogo, como verdadeiros rolos compressores, vão arrazando as matas — eterna corrida em busca do "cheiro do sertão". Destroem-se as florestas, planta-se sem métodos racionais, suga-se o solo sem restrição. Quebra-se o ciclo de chuvas, luta-se contra a seca. E' a grande e desolador a verdade — estamos abrindo as portas para a erosão, e nesse caminho chegamos sómente a desertos. Devido à diferença do «standard» de vida entre as atividades rurais e urbanas, observamos uma crescente concentração populacional na cidade. E, como consequência, de produtores os campos passam a consumidores". "Enquanto em países com a agricultura adiantada, o agricultor médio consegue trabalhar 88 hectares de terra, no ano agrícola, por meios mecanizados, o agricultor médio brasileiro cultiva apenas 2 nectares". "O govêrno de São Paulo não tem fugido à suas responsabilidades. E, em verdade, tem recebido todo o apoio do govêrno central, constitucional e juridicamente melhor aparelhado para esta luta. E' preciso, por outro lado, não esquecer da batalha contra a carestia. Papel preponderante cabe às nossas classes produtoras. Do êxito desta batalha depende a sobrevivência de nossa estrutura econômica e social".

# Um advogado do Sombreamento dos cafeeiros

O Senhor Doutor Edgard Teixeira Leite, ex-Secretário da Agricultura do Estado do Rio de Janeiro é, nessa unidade da Federação, o *leader* mais autorizado do *sombreamento*, o método de cultivo de Café que julga o único meio do reerguimento da Cafeicultura decadente do Brasil, e especialmente do seu Estado natal. Foram seus os melhores esforços já feitos no Estado do Rio, para que os seus cafeicultores adotem êsse método. Publico a seguir suas declarações ouvidas como resultado de uma palestra que tive com Sua Exa. sôbre o assunto:

— A sobrevivência da cultura do Café no Brasil está diretamente subordinada à aplicação de novos métodos de cultivo daquêle produto, dentre os quais se destaca o sombreamento.

—O plantio do café, em pleno sol, como foi realizado e continua ser adotado em quase todo o país, exigiu a destruição, quase sistemática e completa de dezenas de milhares de quilômetros quadrados de florestas milenárias, que foram substituidas por lavoura de limidtadissima duração, que em trinta anos e as vêzes, até menos do que isso, ficaram quase improdutivas ou desapareceram inteiramente.

— Enormes áreas, tôda a bacia do Rio Paraiba do Sul, além do chamado Vale, pròpriamente dito, na antiga zona cafeeira fluminense, que há cêrca de oitenta anos eram grandes centros exportadores de café estão já transformados ou vão sendo ràpidamente transformados em pastagens fracas, de reduzido valor econômico.

— O drama do café, ou melhor, o drama da destruição da riqueza natural do solo pelo plantio do café em pleno sol, não se limita, porém, às terras fluminense. Êle atinge, de cheio, e em espetacular evidência que não póde ser mais escondido, a quase tôda região cafeeira de S. Paulo, de Minas, de Espirito Santo e também de Paraná.

— Não tenhamos ilusões a respeito do destino do Brasil como país cafeicultor, se bôas e enérgicas diretrizes não forem adotadas.

— Esta situação é da mais extrema gravidade, pois o café é a nossa principal máquina de fazer dólares.

— Se não encontrarmos uma solução para manter a produção de café, em breve se dará com êste produto, o que ocorreu com o açucar, com o algodão, com a borracha. Mas tal não sucederá. Temos para remediar a esta situação métodos capazes de reparar os males de cultura insensatamente praticada.

— O remédio para a restauração da lavoura cafeeira foi encontrado. Êle existe no sombreamento do café. A proteção do cafeeiro pelo sombreamento é o caminho da salvação. Estou certo disso. Não tenho dúvida em dizer que ou o Brasil, em matéria de lavoura cafeeira, adota o Sombreamento, ou sossobra, como país produtor de Café. Não há dois caminhos a seguir: *sombrear* ou *sossobrar*.

— A recuperação dos Cafezais decadentes pode ser realizada com êxito pelo sombreamento dos cafesais por diversos vegetais, principalmente da familia das leguminosas, dentre as quais a preferência deve ser dada ao ingazeiro. O Ingá, de que existem numerosas espécies, cresce bem em todas as regiões, e pode fornecer de dois a três quilos de matéria orgânica, por árvore adulta, o que assegurará às terras um dos elementos que mais faltam aos nossos sólos, que é justamente a matéria orgânica. Outra vantagem é que isso pode ser feito fàcilmente, sem despesa de mão de obra, operando a adubação como que por gravidade.

— Além disso o sombreamento, ou melhor, a cultura protegida do cafeeiro, quando feita pelo ingazeiro, assegura a formação de uma camada de humus, que dispensa a carpa dos cafesais, que além de dispendiosa, destrói as raizes superficiais, enfraquecendo assim o cafeeiro.

— Outra vantagem da cultura protegida é garantir uma formação uniforme de frutos, permitindo o beneficiamento em melhores condições, donde a obtenção de café de melhor qualidade.

— Está verificado, também, que o sombreamento concorre para a extinção da bróca, pois não deixa frutos temporões, que são o principal motivo da sobrevivência desta praga, porque entre duas colheitas tem meios de alimentação.

— Segundo está verificado, é o sombreamento que assegura aos países cafeeiros Centro-Americanos e á Colombia a excelente qualidade de seus cafés, que alcançam preços sempre superiores aos do Brasil, e que são vendidos sempre com preferência aos de nosso país.

## Plano de Emergência para produzir mais café ?

Chego ao fim dêste Inquérito. Relembrei aqui todos os males atuais da nossa lavoura do café, alinhei nestes capítulos, como um Repórter honesto, todos os remédios propostos que ouvi louvados e justificados nos cincos grandes Estados Cafeeiros que visitei. O combate à Erosão e a Refertilização dos Cafezais decadentes; a Reforma dos métodos de Cultura e o Trato dos Cafezais; a Adubação Orgânica, a Adubação Verde e a Química; a Mecanização prática da Colheita, do Despolpamento e do Benefício do produto; o Crédito Agrícola suficiente para o financiamento da Produção; a reforma dos Transportes em tôdas as zonas produtoras; os problemas estatísticos de Produção, Exportação e Consumo mundiais; a Propaganda e Defesa do Café no exterior, — tudo isso consta dêste Inquérito e dêste Estudo.

Não me esqueço de que visitei a Cafeicultura de meu país principalmente para ver e aprender, e descrevê-la depois como um velho Reporter. Mas eu não seria sincero comigo mesmo se, ao fim de uma investigação e de um estudo como êste, negasse que cheguei a estas observações com o meu ponto de vista pessoal, tratando-se de assunto do mais sagrado interêsse nacional.

Não darei, entretanto, conclusões, nem farei sugestões. As minhas observações, eu as ofereço, aqui, aos que tenham autoridade para tirar conclusões, fazer sugestões, planejar e decidir em todo êste assunto.

Penso que a Campanha pela Maior Produção do Sr. Presidente da República está indicando um Plano de Emergência para o reerguimento da nossa Cafeicultura. Este Plano de Emergência deverá ser simplificado de maneira a mais prática possível, tendo em vista, principalmente, guiar nossas fazendas de café médias e pequenas, e os Sitios de Café propriamente ditos. Está claro que quanto a *auxiliar*, os Poderes Públicos não poderão esquecer, também, as grandes propriedades, que igualmente precisam, e na devida proporção, do crédito agrícola efetivo e de tôdas as demais facilidades oficialmente anunciadas. Fazendas de café que produzem mais café que as outras não poderiam naturalmente ser esquecidas numa Campanha justamente com o fim de *produzir mais*. Numa Campanha, porém, de reforma de métodos agrícolas é preciso *guiar* os mais fracos com uma assistência tôda especial.

Dentro do espírito prático dêsse Plano de Emergência, e sabido que deveremos tanto *fomentar* novas plantações em terras novas, quanto refertilizar as terras fatigadas das plantações antigas, creio que os Poderes Públicos deverão dar prioridade, na ação a empreender, ao problema de reerguer as zonas cafeeiras decadentes, revigorando as lavouras em produção, e refertilizando não só os Cafezais que definham, mas também o sólo dos Cafezais abandonados, para que sejam plantados de novo. Naturalmente, se não forem necessárias medidas de prioridade, melhor; mas é obvio que não poderemos continuar preferindo distanciar dos portos de exportação nossas culturas cafeeiras, quando elas podem ressurgir, com os métodos agrícolas modernos, nas nossas terras mais próximas, principalmente com a atual crise de transportes,

# Métodos de cultura — Plantar Café sòmente ao sol? — Pergunta Teixeira Mendes: estará certo? estará errado?

Este é o ponto nevrálgico destas minhas observações finais.

Há vários anos, digamos há muitos anos que será mais verdadeiro, que os agrônomos e os cafeicultores mais adiantados do Brasil discutem o dilema que vou estudar neste capítulo.

O problema é conhecido. Todos os paises que produziram e produzem café no mundo inteiro plantam-no *à sombra*, isto é, praticam o *sombreamento* da árvore cafeeira plantando ao seu lado uma leguminosa, que lhe dê sombra e humidade, *humus*, condição essencial para sua existência. O Brasil é o único pais do mundo que planta o seu café *ao sol*, e aqui, mesmo, vários Estados menores produtores, ao Norte e ao Sul, praticaram e praticam o *sombreamento*. O cafezal brasileiro, plantado ao sol, com a erosão atual do nosso solo, está ficando cada vez mais decadente. Os partidários do *sombreamento* clamam que é preciso abandonar o velho método brasileiro para salvar nossa cafeicultura. Quem tem razão? Que deveremos fazer?

Já em 1943, o Dr. J. E. de Teixeira Mendes, o sábio diretor dos Serviços de Café no Instituto Agronômico de Campinas, escrevia:

«São Paulo, Minas, o norte do Paraná e parte do Espirito Santo, constituem quase que uma única exceção no mundo cafeeiro: cultivam seus cafèzais a pleno sol. Estará certo? Estará errado? E' um problema que exige urgente solução.

.............................................

No momento estamos empenhados em encontrar uma árvore de sombra que se preste para o nosso meio. E' sabido que na Colômbia dão hoje preferência quase total ao ingazeiro. O gênero *Inga* possui mais de 250 espécies conhecidas.»

Cito aqui de preferência o Dr. Teixeira Mendes, porque S. Excia. ainda não se manifestou a favor do sombreamento, e vem continuando a fazer pesquisas para chegar a uma conclusão. Entretanto, em 1943, como vimos, S. Excia. já dizia que «o problema exige urgente solução».

No mês passado o Senhor Governador de São Paulo declarava à imprensa o seguinte:

«Relativamente ao sombreamento do café, trata-se de problema em estudo e os técnicos da Secretaria de Agricultura ainda não julgam oportuno recomendar o sombreamento, indistintamente, antes de obterem resultados positivos e semelhantes aos que já foram assinalados no Vale do Paraiba.»

Esta declaração de um homem dinâmico como o Senhor Governador Nogueira Garcez indica que S. Excia. vai decidir no assunto, nesta oportunidade única da Batalha da Produção.

A corrente dos agrônomos e cafeicultores que pregam o *sombreamento* é numerosa e digna de consideração, principalmente em São Paulo: os Srs. Drs. Rogerio de Camargo, o iniciador dessa campanha no Brasil, Coelho de Souza, Joaquim Barros Alcantara, A. Menezes Sobrinho, Adalberto de Queiroz Telles, para dar alguns nomes; e nela se inclui o Professor J. de Mello Morais, diretor da Escola Agricola Luiz de Queiroz e grande mestre.

Poderia abrir espaço aqui para interessantes artigos, com que todos esses profissionais defendem a sua teoria. Mas prefiro não parecer, também, um «sombreador», sem autoridade para tomar partido numa questão técnica como essa. Prefiro apenas louvar o bom senso dessa corrente, que declara geralmente que a questão não é *plantar ao sol «ou» à sombra*, mas precisamente *plantar à sombra «e» ao sol*, conforme a qualidade das terras indique o método, no caso em questão. O próprio Sr. Governador de São Paulo cita o êxito do sombreamento no Vale do Paraíba. Sabios dizem que as vastas zonas de terras arqueanas que

já produziram café no Estado do Rio, de São Paulo e de Minas, esperam pelo *sombreamento* como o método que geològicamente mais lhes convém.

A. Menezes Sobrinho, o jovem sábio agrônomo cuja morte São Paulo tanto deplora, levou o seu bom senso até uma iniciativa mais prática; propôs *algo que se impõe como uma medida da Batalha da Produção de hoje.* Propôs *uma experiência imediata,* em alguns hectares de cada município paulista indicado para o sombreamento. E isto já antes de 1950. Eis a sua sugestão, a sua proposta de antes de 1950, que sem dúvida será ouvida agora, nesta crise agrícola de 1952:

«Evidentemente há algo errado em nosso tradicional sistema de cultivar o cafeeiro.

Se nos demais países produtores é universal o sombreamento do cafeeiro, se os seus cafés são disputados pela alta qualidade, e se a sua lavoura cafeeira expande-se e progride, — por que não tentamos em quanto é tempo uma pequena experiência de sombreamento? Certamente não seria sensato aconselhar o sombreamento de tôda a nossa lavoura. Todavia, algumas centenas de fazendeiros estão em condições de sombrear a título experimental, um ou dois alqueires de cafèzais e o Govêrno do Estado poderia e deveria amparar, ajudar e fomentar essa iniciativa, multiplicando essas experiências em todos os municípios cafeeiros, em suas Estações Experimentais e nas propriedades particulares, numa cooperação estreita e inteligente.

Nossos cafèzais singularizam-se em todo o mundo por esta característica bem nossa: — não são sombreados.

Advirão daí todos os nossos males? Talvez. Só a experiência poderá responder. E por que não se experimenta? Não seria exequível sombrear um ou dois alqueires em 20 ou 30 fazendas de cada município cafeeiro? Um apelo dos poderes públicos neste sentido não encontraria eco entre os fazendeiros? Certo que sim. Em realidade já temos algumas experiências bem sucedidas no Estado de São Paulo e outros Estados vizinhos e até em Santa Catarina. Mas é necessário que se experimente em 20 ou 30 fazendas em cadá município. Se o sombreamento, contra tôda a expectativa, fracassar, o prejuízo será insignificante e nem por isto devemos cruzar os braços, indiferentes e alheios ao perecimento de nossa mais ponderável riqueza agrícola.»

Os partidários do sombreamento acham que as primeiras experiências oficiais em São Paulo não foram feitas com árvores sombreadoras apropriadas, e que quando usado o ingazeiro, que recomendam, êste não sofreu as pódas periódicas que devia sofrer.

O Sr. Dr. Rogerio de Camargo, o próprio iniciador do movimento nacional pelo sombreamento, reconheceu, dentro das condições especiais da Cafeicultura nacional, a necessidade da dualidade de processos — à sombra e ao sol. E para a refertilização dos nossos cafezais, para a sua rehumificação, para a racionalização da nossa cultura, recomenda os dois sistemas:

"1º) Sulcando profundamente o solo, bem no centro das ruas, cortando as águas, para ai ser enterrada a matéria orgânica. Depois, respeitar por alguns anos, (4 anos) o conhecido *cabeleme* de radicelas, isto é, evitando o arrastamento pelas enxurradas ou o extirpamento pela enxada do colono.

Daí, pois, o *enleiramento permanente.*

2º) adotando-se árvores que possam garantir, com abundante queda de fôlhas e frutos, a rehumidificação e a desintoxicação do solo (ao menos um quilo de matéria orgânica por metro quadrado.) E daí, o *sombreamento* dos cafesais.

1) Ambos os processos combatem perfeitamente e erosão, não deixando correr um só litro dágua de cada cafeeiro e condizem com as demais exigências biológicas da planta de subosque. O primeiro representa a racionalisação da cultura a céu aberto, tendo por base o empirismo da colheita por *varreções,* pois que os frutos caem fàcilmente ao solo e êste solo precisa ser limpo, porém não arrastado para as leiras.

O segundo, — o do sombreamento dos cafesais — resolve todos os problemas da vida do cafeeiro, porque é uma cópia do seu *habitat,* em seu país de origem. Faculta sobejamente a rehumificação permanente e possibilita a colheita de mais de 95 por cento de cafés cerejas, bem maduros, que despolpados oferecem fàcilmente bebida mole, em qualquer zona, em qualquer lugar."

Poderia dar aqui uma lista dos fazendeiros que em São Paulo já praticam o sombreamento

e que, em cafezais de 60 e 80 anos, colhem novamente 40, 60 e mais arrobas por mil pés. Os profissionais que já citei no caso darão fàcilmente detalhes desta informação aos interessados.

O agrônomo Dr. Alberto de Queiroz Telles Junior, no seu interessante estudo "O Cheiro do Mato", faz esta impressionante comparação entre a produção do café brasileiro *plantado ao sol*, e dos cafés da Colombia e da America Central *plantados à sombra*:

"Em primeiro lugar, ressalta a constância da produção nos países onde o cafeeiro é cultivado à sombra. As colheitas pouco variam de ano para ano e são pràticamente iguais, o que quer dizer pura e simplesmente que as calamidades climatéricas (geadas, secas, ventos frios, etc.) nada ou muito pouco influem sôbre a produção.

Consultando as estatisticas, verifica-se que em 1935 os 1.352.200.000 cafeeiros de São Paulo produziram 11.735.000 sacas, o que vem dar uma média de 520 *gramas* por moita ou 55 arrobas por alqueire de area cultivada. No mesmo ano os 461.236.225 cafeeiros da Colômbia produziram 3.502.000 sacas, o que dá a média de 447 *gramas por pé,* ou 120 arrobas por alqueire paulista. No mesmo espaço de chão, a Colômbia, sem quase tratos culturais, sem capinas, sem coroação, sem esparramação do cisco, *colhe mais que o dobro* da produção da chamada terra do café.

Em 1940, os 1.240.911.000 pés de Café do Estado de São Paulo reproduziram 12.521.000 sacas, que dá a média de 589 *gramas por* moita ou 63 arrobas por alqueire. Os 587.441.00 cafeeiros colombianos produziram naquêle ano 4.456.852 sacas, que representam a média de 456 *gramas por pé,* ou 111 arrobas por alqueire.

Para os demais países as médias pouco variaram, sendo, por exemplo 115 arrobas para El Salvador, e 105 para a Guatemala.

Para os dados acima não são necessários quaisquer comentários. E quem diria, ha poucos anos atrás, que a Colômbia, em 1944, igualaria ou ultrapassaria a produção paulista!

Em suma, o fato real e palpavel é que enquanto no Brasil cortam-se, abandonam cafesais e veem-se diminuir as colheitas assustadoramente, os demais países que usam o sombreamento ampliam as suas plantações e aumentam a sua produção."

Julgo um dever de conciência insistir neste assunto do *sombreamento,* repito, porque êsse método de cultura não pode contiuuar, desde muitos anos, a ser apenas um assunto para discussão de técnicos, sem que os Poderes Públicos cheguem a uma decisão. Hoje, felizmente, o Sr. Governador Nogueira Garcez já declarou que vai resolver o assunto. A experiência lembrada por A. de Menezes Sobrinho, alguns hectares de café sombreado em cada município paulista, — será o melhor campo de demonstração para que resolvamos de vez se o *sombreamento* deve ou não ser adotado, se o Brasil deve plantar ao sol "e" à sombra, ou continuar, isolado do mundo cafeeiro, a plantar somente ao sol. Ficar na dúvida como estamos é que não podemos continuar.

Antes de meu ponto final, quero regozijar-me com a noticia de que em 1951, já importamos duas vêzes mais tratores e máquinas agrícolas do que no inteiro quinquênio que findou. E faço votos que os Poderes Públicos também adquiram em grande quantidade, neste ano, máquinas despolpadoras de café, para usinas gerais dêsse serviço, do qual depende a melhoria de qualidade do produto. Esta medida se torna mais necessária quanto mais aumenta o número dos sitiantes e das pequenas fazendas de café, porque êstes modestos agricultores sem mecanização própria são cada vez mais responsáveis pela produção de más qualidades.

Êste é o fim dêste Inquérito. Neste momento em que escrevo, recordo-me de que no dia em que deixei a presidência do Conselho Federal de Comércio Exterior, em 1937, Conselho de que fui o primeiro Presidente-executivo, o último Conselheiro que me veio apertar a mão, na despedida que me fizeram os presados colegas, foi Arthur Torres Filho, o ilustre Presidente da Sociedade Nacional da Agricultura, e seu representante no Conselho. Torres Filho esperou que todos os demais partissem, e disse-me gentilmente que a Agricultura do Brasil ficava muito grata pelos serviços que lhe prestei; e que eu continuasse amigo dela, que ela bem precisava de todos os bons Brasileiros. Foi o que prometi ao meu caro amigo; e creio que o modesto esfôrço que êste Inquérito representa prova que cumpri a minha promessa, de amigo sincero dos Agricultores de minha terra.